

KYRA DAVIS

EXPOSTA

APENAS UMA NOITE, PARTE II

"Cheio de cenas eróticas e fantasias sexuais explícitas, é impossível parar de ler. A série pega fogo de tanta intensidade."

– *Publishers Weekly*



SUMA
de letras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

***lutando por dinheiro e poder, então
nossa sociedade poderá enfim evoluir a
um novo nível."***



KYRA DAVIS

EXPOSTA

APENAS UMA NOITE, PARTE II

Tradução
Sonia Augusto



Tradução para o português copyright © 2015 por Editora
Objetiva *Exposed* Copyright © 2013 by Kyra Davis
Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo
com a editora original, Pocket Books, uma divisão da
Simon & Shuster Inc.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Exposed

Capa

Marianne Lépine

Imagens de capa

Bandeja © Shutterstock

Mulher © Sergios-fotolia.com

Revisão

Sheila Louzada

Juliana Souza

Rachel Rimas

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE
LIVROS, RJ

D293e

Davies, Kyra

Exposta [recurso eletrônico] / Kyra Davies ;
tradução Sonia Augusto. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Objetiva, 2015.

recurso digital

Tradução de: *Exposed*

Formato: Epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: world wide web

122 p. ISBN 978-85-8105-260-1- (recurso
eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I.
Augusto, Sonia. II. Título.

14-17277 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

SUMÁRIO



CAPA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

EXPOSTA

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

Para o amor da minha vida

Exposta

CAPÍTULO 1



ONZE DIAS ATRÁS, conheci um homem com braços fortes e bonitos e cabelo grisalho. Robert Dade. Estávamos em Las Vegas, e ele me atraiu com um sorriso. Conversamos, primeiro em uma mesa de vinte e um, depois no bar e, mais tarde, em seu quarto no hotel.

Eu deveria ter pensado em Dave quando Robert se sentou ao meu lado. Dave, o homem que estou namorando há seis anos, o homem que quer se casar comigo. Eu deveria ter me lembrado dos meus compromissos antes de liberar meu

corpo para Robert naquela noite em Las Vegas. Mas Robert libertou meu lado animal, fazendo-me cravar as unhas nas costas dele e morder seu pescoço. Eu não sabia que tipo de fera existia em mim. Não compreendia o caos que isso poderia desencadear.

Mas, mesmo assim, foi um caos tão doce... Como tomar sorvete depois de uma vida inteira de regime.

Quantas vezes tentei dizer adeus a Robert Dade? Em Las Vegas, em seu escritório em Santa Monica, pelo computador... E todas as vezes acabei sem ar, nua, tocada pelas mãos e pelos olhos dele. Robert só precisa dizer meu nome: Kasie. Só isso. É o que basta para me

deixar trêmula. “Kasie”, murmura ele, e eu vibro.

Robert acha que sou forte. Ele diz que quer me libertar desses limites que me impus. Que quer caminhar comigo pela praia, me levar para jantar e celebrar os pequenos prazeres dos quais desfrutaríamos em nossa vida... juntos.

Ele diz que gosta de mim, não da mulher que eu finjo ser para o resto do mundo, mas da mulher por trás desta, a mulher que se recusa a ser sufocada pelas expectativas dos outros.

Ele me disse tudo isso quando estávamos em seu barco.

Em minha mente, ainda estou naquele barco, naquele momento. Sim, foi nessa

realidade que escolhi acreditar. Dou minha mão a Robert e ele me reconforta. Diz que podemos ficar juntos e que ninguém precisa sair magoado. Somos apenas duas pessoas; não temos o poder de provocar tempestades mortais, nem de virar o universo do avesso. Somos apenas duas pessoas apaixonadas.

Ele me diz que podemos fugir, só por um tempo, e que, quando voltarmos, tudo estará em seu devido lugar. Ainda terei meu trabalho na empresa de consultoria global, onde já fui promovida várias vezes; minha carreira ainda estará garantida. Ele ainda será o CEO da Maned Wolf Security Systems, a maior cliente de minha empresa. Vamos

trabalhar juntos, nos divertir juntos, ficar juntos.

Não teremos que sentir a dor da culpa, nem o medo das consequências. Apenas prazer. Como se quisesse demonstrar, ele se inclina na minha direção. Acaricia meu rosto. As mãos dele são gentis e ásperas.

Ele já construiu coisas com essas mãos, delicadas peças artesanais de madeira e empresas poderosas. Ele passa as mãos pelo meu cabelo e o puxa levemente.

— Kasie — diz ele.

E a jaula se abre.

Sinto sua boca na minha enquanto os dedos dele deslizam por entre minhas pernas, pressionando suavemente meu

clitóris. Minhas roupas parecem finas, delicadas, diante do calor que geramos. Eu me pergunto se devo tirá-las ou se vão se desfazer sozinhas.

Mas Robert responde a essa pergunta ao tirar minha blusa. Ele segura meus seios e aperta meus mamilos, que marcam o tecido do sutiã. Estamos no convés do barco dele, atracado em Marina del Rey. As pessoas podem nos ver. Sinto os olhos delas se desviando do oceano para o fogo. Elas olham enquanto ele tira minhas roupas, observam enquanto ele me toca, e eu não me importo.

Porque estou com Robert. Porque sei que, quando estou com ele, estou segura.

Ele me puxa para si, enquanto chupa suavemente a curva do meu pescoço. Sinto a ereção dele pressionando minha barriga; percebo que estou ficando molhada, ansiosa para recebê-lo dentro de mim. As pessoas estão olhando quando tiro a camisa dele, revelando um corpo perfeito, firme e esculpido, como se fosse o trabalho de um artista. As pessoas o veem abrir meu sutiã e deixá-lo cair no piso do convés.

Eu me reclino em uma espreguiçadeira no convés. Havia uma delas no barco?

Não importa. Nessa realidade que escolhi, a espreguiçadeira existe e eu posso me reclinar completamente, seminua, convidando-o a me possuir na

frente de todos. Que vejam. Que tirem fotos, não me importo. Os outros não importam. Este é meu mundo; eu escolho quais regras devem ser seguidas e quais devem ser quebradas. Estou reclinada na espreguiçadeira e sorrio quando sinto os dedos de Robert abrindo os botões da minha calça, sorrio quando sinto que ele tira minha calça, arquejo quando seus dedos tocam minha calcinha molhada.

— Ela é magnífica — murmura um homem.

Ele está na outra ponta do píer, mas eu o ouço perfeitamente. Ele nunca viu ninguém como eu. Nunca viu alguém ser consumida por esse tipo de paixão e poder.

Vejo Robert tirar o cinto, sem desviar o olhar de mim. Ele nem percebe que nos observam. Só tem olhos para mim, a mulher que ele deseja, o animal que ele libertou.

Fico sem fôlego à medida que ele se despe. Ele é o motivo de os gregos terem decidido que as formas humanas mereciam ser adoradas. O desejo dele fica exposto, e eu tento alcançá-lo, mas a princípio Robert não permite que eu o toque.

Em vez disso, ele se ajoelha diante de mim, tira minha calcinha molhada e me abre com a língua.

Arqueio as costas e grito. Estou tão sensível agora, tão pronta... Mais pessoas

vieram assistir. Mulheres e homens. Eles me tocam com os olhos, assim como Robert Dade me toca com as mãos e a boca. A língua dele continua a brincar comigo, movendo-se lentamente no início, e depois mais depressa, enquanto seus dedos mergulham em mim, completando a experiência.

Desta vez, sou eu que passo as mãos pelo cabelo dele, puxando-o, quando um desejo irrefreável percorre meu corpo. Levanto o quadril; meu orgasmo está se aproximando, ouço os murmúrios das pessoas ao redor, os cliques das câmeras enquanto explodo, incapaz de me controlar por mais um segundo que seja.

Então Robert se afasta e sorri. A espreguiçadeira em que estou reclinada parece agora mais larga e mais firme. Robert fica sobre mim, pressiona o pau contra meu sexo, mas não me penetra. Ainda não.

Ele me olha nos olhos enquanto imploro, silenciosamente, as pessoas prendendo a respiração. Elas compartilham minha expectativa, minha necessidade. E quando, com um impulso forte, ele me penetra, sinto a aprovação deles enquanto todo o meu corpo treme com a intensidade de Robert.

Movo o quadril em nosso ritmo. Corro as unhas por sua pele macia, sinto seus

músculos firmes, sinto-o investir cada vez mais contra meu corpo.

Ele apoia minhas pernas em seus ombros e me penetra ainda mais fundo. Seus olhos nunca se afastam dos meus. Sinto a respiração dele, sinto o cheiro de sua loção pós-barba na minha pele.

Mal posso me conter; a paixão é forte demais, mas ele me segura, prendendo meus braços acima de minha cabeça, como faz às vezes, me obrigando a apenas aceitar o prazer, o mundo assistindo a tudo.

Agora meu corpo inteiro está pulsando, e ele continua a guiar esta dança erótica.

— Robert — sussurro o nome dele, a única palavra que consigo dizer, a única

palavra em que consigo pensar neste momento.

Ele sorri e acelera o movimento. Era tudo de que eu precisava. Mais uma vez, minhas costas se arqueiam; balanço a cabeça, meus mamilos roçam o peito dele e eu grito de novo. Desta vez, a voz dele se junta à minha quando chegamos juntos ao clímax, ali, no convés do barco.

As pessoas assistem, mas não podem nos alcançar. Somos poderosos demais para sermos incomodados pela atenção delas. Mal reparamos nelas enquanto tentamos recuperar o fôlego, abraçados, molhados de suor.

As pessoas observam e elas me veem, veem a mulher que Robert vê, veem o

animal, a força e a vulnerabilidade. Mas eu não as vejo. Tudo, neste momento, se reduz ao homem que está sobre mim, respirando fundo. Ele me olha nos olhos, e sei que estamos seguros.

— Estou me apaixonando por você — diz ele.

E eu sorrio.

É NESSA realidade que quero acreditar, mas, deitada na cama de Dave, intocada, mas completamente violada, percebo que a fantasia é tênue demais para que eu possa me agarrar a ela. Ela some em meu inconsciente, esperando que o sono chegue para ser revivida.

Mas sei que o sono está muito distante. Dave está roncando a meu lado, parece

tranquilo. Como isso é possível? Como ele pode estar tranquilo depois da violência de nosso último encontro?

Porque eu não escolhi ficar no barco. Deixei Robert no convés. Fui embora enquanto ele chamava meu nome.

Dave tinha descoberto a verdade. Robert não sabe disso, mas eu fui embora porque recebi uma mensagem de texto de Dave. Ele estava esperando por mim no estacionamento, ameaçando contar o que sabia para me humilhar no trabalho, com minha família... Estava ameaçando transformar meus pesadelos em realidade.

Fui até Dave para impedi-lo. No entanto, mais do que isso, fui até Dave porque devia isso a ele. Eu precisava

compensar a mágoa que tinha lhe causado ao escolher Robert.

Será que eu tinha conseguido? Será que ele estava satisfeito com sua vingança? Talvez sim, talvez não. Dave diria que não houve vingança alguma. Diria que estava me ajudando.

Há uns meses, em algum canal de notícias, vi um terrorista sendo entrevistado por um repórter. Ele tinha feito reféns, mas os chamava de “hóspedes”. Quando a câmera se voltou para eles, os reféns assentiram e elogiaram seu sequestrador. Disseram que ele era o anfitrião perfeito. Estavam amando cada momento da prisão.

Será que aquelas palavras tinham arranhado a garganta dos reféns?

Não sou uma refém no Oriente Médio. Sei que Dave não planeja me matar. Não serei fisicamente torturada.

Mas sei como é ter que elogiar o homem que quer me fazer sofrer. Conheço a humilhação e a impotência. Foi o que senti quando falei com meus pais hoje mais cedo, antes de eles pegarem um avião de volta para casa. Com o telefone ao ouvido, agradei a eles por terem vindo para a “maravilhosa” festa-surpresa de noivado que Dave planejou para mim. Olhei para o anel de rubi em meu dedo, um anel que um dia eu havia desejado, e

disse a eles que mal podia esperar para me tornar a sra. David Beasley.

Dave estava em frente a mim o tempo todo, recitando o que eu deveria falar.

Foi o que senti ao escrever uma mensagem para minha amiga Simone dizendo que tinha escolhido Dave. Escrevi porque achei que não conseguiria dizer a palavra “escolhi” sem chorar. Na verdade, minhas escolhas acabaram. Desapareceram quando saí daquele barco, dei as chaves de meu carro para Dave e deixei que ele me prendesse. Ele dirigiu e eu fiquei no banco do carona, apertando minhas mãos trêmulas, como uma refém. Como uma mentirosa.

Meus pais não são os únicos que amam Dave. Ele é afilhado de Dylan Freeland, o cofundador da empresa em que trabalho. “Ele é como um filho para mim”, disse o sr. Freeland em minha festa de noivado. Foi um lembrete sutil de que minha carreira e minha vida amorosa não estão tão separadas quanto eu gostaria.

E Dave conhece os segredos de minha família... Ele sabe sobre minha irmã, sabe que ela perdeu o controle, flertando levemente com seu comportamento autodestrutivo. Sabe que ela usou seus impulsos inconsequentes do mesmo jeito que Cleópatra usou sua víbora, e Julieta, seu punhal. Sabe que eu queria ser diferente de minha irmã.

E sabe que fracassei.

Então Dave dirigiu até a casa dele e ficamos dez minutos parados na sala de estar, sem trocar uma palavra. Eu queria romper o silêncio, mas não descobri como dizer “sinto muito” de um jeito que soasse sincero.

Ficamos em lados opostos da sala, naquele silêncio opressivo. Tentei encará-lo, mas a ferocidade em seu olhar me fez baixar a cabeça. Ele não tem mais do que 1,77 metro, mas, naquele momento, a raiva o tornou mais alto, mais ameaçador.

Ele ficou ali, diante da lareira, segurando a cornija como se fosse arrancá-la da parede.

— Você é uma puta.

— Eu errei — falei, com a voz fraca.
— Acho... acho que fiquei com medo.
Não tinha certeza sobre o casamento...

Ele pegou o vaso Waterford que estava sobre a cornija, o olhou e então o atirou do outro lado da sala. O vaso bateu na parede atrás de mim, longe demais para que eu achasse que Dave tinha mirado para me acertar.

Mesmo assim...

— Você é uma puta.

— Dave, eu sinto muito...

— Não quero ouvir suas desculpas.

Ele deu um passo à frente. Ele é loiro, de olhos azuis, cores suaves borradas por uma hostilidade brutal.

Fui eu quem fiz isso com ele. A culpa é minha.

— Se não quer minhas desculpas — falei, cuidadosamente —, o que você quer?

— Quero que você admita.

— Admita o quê?

— Que é uma puta.

Ele chegou mais perto.

A última vez que fiz amor com Robert foi na casa dele. Ele me abraçou depois que terminamos. Rimos e conversamos casualmente sobre nossa vida. Ele foi gentil e carinhoso, um contraste perfeito e sedutor a nosso desejo violento.

Eu me sinto muito culpada... mas não me sinto uma puta.

— Acho — respondi, calmamente — que você deveria me dar a chave do meu carro. Vamos conversar quando você estiver mais calmo.

Minha tranquilidade o deixou ainda mais furioso. Ele agarrou meus braços e me empurrou contra a parede.

Quando Robert fez isso antes, foi excitante, mas não tinha como ser diferente, já que ele fora movido por um desejo incontrollável.

Ódio é algo muito diferente.

A violência de Dave me afetou de um jeito inesperado. Foi como se eu saísse de mim mesma. Eu não era a mulher que ele tinha prendido contra a parede, mas uma espectadora apenas, olhando, observando.

Eu via Dave, que, quanto mais furioso ficava, mais fraco parecia. Eu o magoei, eu o traí, eu errei.

Mas a reação dele me fez pensar que talvez eu tivesse alguma razão.

— Preciso que você me solte.

Dave hesitou. Ele queria me machucar. Talvez quisesse se machucar também. Mas, ao contrário de mim, Dave é muito disciplinado.

Ele se afastou alguns passos e desviou o olhar, freando sua vontade. Não pude deixar de admirá-lo por isso.

— Minhas chaves — repeti.

Ele continuou a olhar para o nada... Ou talvez estivesse olhando para o passado.

Talvez estivesse vendo todos os equívocos que tinham nos levado até ali.

— Eu disse para sua mãe que essas coisas podem acontecer com qualquer um — disse ele.

Eu congelei.

— Você falou com minha mãe?

— Isso foi anos atrás — esclareceu Dave. — A gente tinha ido visitar seus pais, em Carmel, durante o salão do automóvel em Pebble Beach. Você, seu pai e eu fomos, mas sua mãe preferiu ficar em casa. Disse que estava com enxaqueca.

— Eu me lembro disso.

— Eu fui embora uma hora depois e deixei você lá com seu pai. Nunca liguei muito para carros, e vocês não têm muito

tempo sozinhos. Voltei para a casa dos seus pais e lá estava sua mãe, sentada naquele sofá creme da casa de férias, com fotos espalhadas pela mesa de centro. Ela estava chorando.

— Que fotos eram essas?

— De sua irmã.

— Essas fotos não existem.

— Sua mãe disse que destruiu as fotos junto com as lembranças? E você acreditou nela?

Não respondi. Eu sabia que tudo relacionado a Melody tinha sido descartado. As roupas mandadas para a caridade ou para o lixo, os bichos de pelúcia jogados fora, os diários queimados junto com as fotos. Eu vi meus

pais fazendo isso. Fiquei parada observando enquanto eles encontravam milhares de modos de destruir a memória dela.

— Ela guardou algumas — disse Dave em tom suave. — Se você não fosse tão egocêntrica, saberia que sua mãe não é insensível a ponto de destruir tudo.

Alguns insultos não podem ser esquecidos. Esse foi um deles.

— Sua mãe me disse que aquilo tudo ainda a perturbava — continuou ele. — Ela queria saber onde tinha errado, e eu disse que bastava olhar para você para perceber que os problemas de Melody tinham sido criados pela própria Melody.

Se fosse culpa dos seus pais, você também estaria fora de controle.

Eu não queria ouvir mais nada.

— Sua mãe me disse que sua irmã era uma puta. Eu disse que você era muito diferente.

Foi quando lágrimas teimosas me escaparam, descendo pelo meu rosto e borrando a maquiagem.

— Como ela vai aguentar isso, Kasie?

— A voz dele tinha ficado mais suave, mesmo com as palavras cada vez mais duras. Era como ser acariciada com arame farpado.

— Ela não precisa saber — implorei.

— Se a gente se separar, ela vai ficar sabendo. Não sou como você. Não

acredito que mentiras bonitas sejam melhores do que verdades difíceis. Talvez agora seus pais não cometam os mesmos erros que devem ter cometido quando você e sua irmã eram crianças. Talvez eles a ajudem, porque Deus sabe que você precisa disso. E se eles não a ajudarem, pense no que aconteceu com sua irmã, Kasie...

— Isso não é justo.

— No mínimo, eles precisam saber que não podem confiar em você. Precisam saber que você é uma mentirosa.

— Eu menti para *você!* — gritei.

Minha calma tinha desaparecido; me lembrar de Melody, da dor nos olhos dos

meus pais, da confusão envolvendo a morte dela...

Agora, deitada ao lado de Dave, é difícil lembrar que, supostamente, ele é a vítima e eu sou a vilã.

— Eu traí você, Dave — falei, um pouco mais baixo. — Isso não significa que vou mentir sobre outras coisas. Não significa que não sou confiável.

— Tenho certeza de que, quando Melody foi pega bebendo vodca aos 14 anos, ela disse que isso não significava que não era confiável, que não resistiria às drogas. Sabe quando dizem que algo é “falso como uma nota de três reais”? Bom, isso não expressa o suficiente o que quero dizer. Pessoas falsas são

mentirosas. É uma depravação. Um problema generalizado que mancha tudo que você toca. Você é uma mentirosa, Kasie, e não merece confiança. Nem a minha nem a de ninguém, porque agora a gente sabe que, quando é de seu interesse, quando seu *prazer* está em jogo, você *vai* mentir.

— Dave...

— Seus pais precisam saber disso — continuou ele. — Seu patrão também. A equipe que trabalha para você precisa saber disso, com certeza. Eles precisam saber que você está trepando com seu cliente. Precisam saber que você ficou de joelhos e chupou o pau dele para conseguir a conta. Afinal, suas ações os

afetam. É o trabalho deles também. Eles precisam saber porque, quando Robert se cansar de você, e ele vai cansar, vai levar os negócios para outra empresa.

— Meu Deus, por favor, Dave...

— E se seus pais, seu patrão, seus colegas de trabalho, se todos eles decidirem rejeitar você, apagá-la da vida deles, como seus pais apagaram sua irmã, você não poderá ficar brava, Kasie. Eles têm o direito de se proteger. Têm o direito de escolher passar o tempo com pessoas com mais valores e mais ética que você.

— Dave, eu imploro...

— É mesmo?

Os olhos dele fitaram os meus, mas não consegui decifrá-los. Não conhecia aquele

homem que estava em minha frente, que dormia a meu lado.

Talvez eu também não me conhecesse.

— Você está *implorando*, Kasie? — perguntou ele de novo. — Quer que eu ajude você?

Eu não sabia o que dizer. Foi mais fácil quando ele estava sendo violento. Eu teria preferido os golpes de seu punho às facadas de suas palavras.

— Quero ajudar você — disse ele. — Você não precisa ser como Melody. Posso ajudá-la a voltar para os eixos. Se me deixar ajudar, ninguém vai precisar saber o que você fez. O que acha?

Assenti, sem conseguir falar.

— Que bom. É isso que eu quero, também.

Ele se aproximou e tocou meu rosto com as costas da mão. Fiquei imóvel, sentindo náuseas.

— Quero a mulher por quem me apaixonei. Ela ainda está aí, eu sei que está. Você também sabe, não sabe?

Assenti de novo, e mais uma lágrima escapou.

— Que bom, que bom. Porque, se vamos trazer essa mulher de volta, você tem que admitir o problema. Tem que perceber no que você se transformou.

Fechei os olhos com força. Pensei em Robert Dade. Pensei no sorriso dele, nas mãos quentes e nas palavras gentis.

— Preciso que você diga, Kasie. Preciso saber que você percebe quanto se rebaixou. Você tem que admitir que seguiu um caminho errado, para colocarmos você de volta no caminho que eu... no caminho que *todo mundo* precisa que você siga.

— Dave — murmurei. O nome dele teve um gosto ácido em minha língua. — Por favor, não...

— Diga, Kasie. Diga, para eu não ter que revelar tudo isso. Diga, para a gente voltar para onde estávamos.

Abri os olhos. Quis sair de mim mesma de novo. Quis ser apenas uma espectadora.

Mas eu estava naquela situação e não via como escapar.

— Diga.

O olhar dele era frio e ansioso.

Dor, ódio, uma raiva inútil, lembranças dos beijos de Robert Dade, lembranças dos momentos de tranquilidade... Mas tudo isso é passado. Eu fiz isso; entreguei todo o meu poder, toda a minha liberdade, minha bússola moral. Depois de perder tanta coisa, como podia esperar manter meu orgulho?

— Dave. — Sufoquei mais uma vez com a palavra. — Dave... eu sou uma puta.

E ele sorriu enquanto eu desmoronava.

CAPÍTULO 2



DAVE NÃO ME tocou naquela noite. O que foi bom, porque, se tivesse tocado, talvez eu o matasse. Eu tentaria me controlar, mas nem sempre consigo fazer o que quero.

Por exemplo, eu não queria ficar na casa de Dave, mas ele insistiu. Eu sei por quê. Ele não queria que eu fosse atrás de Robert. Ele queria me observar, me controlar, me manter na linha.

É estranho, porque apenas alguns dias antes eu quis ser controlada; não me importava realmente quanto desse

controle viesse de mim e quanto viesse de fora. Desde que eu conseguisse me manter naquele caminho predeterminado, estaria tudo bem. Eu tinha muitos objetivos: sucesso na carreira, respeito dos meus colegas de profissão e das pessoas que amo... Mas, principalmente, meu objetivo era não ser como Melody. Minha irmã tinha rejeitado todos os caminhos abertos para ela. Tinha corrido pela floresta, empurrando galhos, ignorando os espinhos que lhe arranhavam a pele, sem perceber os seres vivos que esmagava com os pés.

Robert me disse que, se eu escolhesse Dave, estaria escolhendo uma prisão em vez do desconhecido. Eu rebati, dizendo que todos vivemos em algum tipo de

prisão. Pelo menos com Dave a gaiola seria dourada.

Mas deitada aqui, na cama dele, vendo dormir o homem que eu já tinha amado, nada neste quarto parece reluzir.

Mais uma vez, penso em violência. Penso em pressionar um travesseiro contra o rosto dele e não tirar. Será que ele conseguiria me afastar? E se não conseguisse? Será que eu conseguiria ocultar o crime?

Fico pálida, chocada com a crueldade dos meus pensamentos. Não são nem seis horas da manhã. Tenho que sair daqui. Porque se Dave tem razão, se não sou confiável para resistir às tentações, então nós dois temos um problema.

Vou até a cômoda dele em silêncio. Não passo a noite aqui há muito tempo. Sempre ficamos em minha casa. Moro mais perto de meu trabalho e do dele também. Mas há outro motivo para eu preferir minha casa. Meu lar... meu lar tem vida. Mesmo quando tudo estava bem entre nós, eu achava que a casa de Dave era um pouco sufocante. Nunca tem nada fora do lugar. Livros e CDs ficam em ordem alfabética, e os cantos dos lençóis estão sempre esticados e presos com precisão militar.

Mas, de vez em quando, ele me convencia a ficar na casa dele, e, para essas raras ocasiões, eu deixava algumas coisas minhas ali, enfiadas em uma gaveta

que Dave tinha separado para mim. No closet, encontro meus tênis e os calço depressa, enquanto Dave continua a roncar.

UMA VEZ lá fora, corro como uma criminosa em fuga. Meu fôlego vem do pânico, não do atletismo.

Conforme me afasto da casa, diminuo o passo. Meu coração bate acelerado, mas minha respiração está controlada e encontro meu ritmo. O ar é fresco e revigorante; o som dos meus pés batendo no chão faz brotar um novo fluxo de ideias.

Pela primeira vez, me pergunto se existe outra saída. Outro caminho, talvez com alguns obstáculos, mas sem abismos.

Se eu andar com cuidado, posso evitar a maioria, se não todos, os espinhos. Folhas secas são esmagadas sob minhas solas de borracha enquanto passo pelas casas de cor amarelo-clara e creme, em Woodland Hills. Cada jardim é cuidado com perfeição, cada porta é protegida por um sistema de segurança próprio.

Existem espinhos e existem *espinhos*. Não acho que eu possa sobreviver à humilhação ou à dor que meu caso com Robert causaria a meus pais. Sei que não posso sobreviver à destruição pública de minha carreira.

Eles precisam saber que você ficou de joelhos e chupou o pau dele para conseguir a conta.

Isso não é verdade, mas não vai fazer diferença. Meu mestrado na Escola de Negócios de Harvard, todo o meu trabalho e todas as minhas realizações profissionais, tudo isso pode ser diluído pela correnteza da opinião pública. Minha carreira inteira será carregada para o mar e ficará perdida para sempre.

E meus pais vão se culpar e me apagar da vida deles, como fizeram com Melody.

Algumas pessoas enfrentaram a exclusão — mulheres em nações problemáticas, por exemplo, que lutaram por suas posições, deixaram os maridos, mesmo que esse ato fosse considerado um desrespeito extremo em sua cultura; homens que tiveram que se erguer e

admitir, com orgulho, que eram gays, mesmo sabendo que isso os exilaria de sua comunidade, de sua igreja e de sua família; ativistas políticos que mantiveram suas opiniões mesmo quando todos insistiram em que eles seguissem as decisões dos partidos.

Esses são os heróis e as heroínas de nosso tempo. Mas eles têm a vantagem moral; eu não.

Sou uma mulher competente e perseverante, uma sobrevivente. Mas nunca fui corajosa.

Essa percepção é como um soco no estômago. Se eu não encontrar minha coragem, o que vou fazer? Será que minha covardia vai me prender a Dave para

sempre? Será que vou ter que deixar que ele me toque?

Houve um tempo em que pensei que Dave fosse um amante razoável. Ele é gentil, cuidadoso... e sempre me olha nos olhos quando vem para cima de mim. Sempre me beija enquanto toca minhas coxas, em um pedido educado de abertura.

Robert nunca pediu nada. Ele sempre fez questão que eu soubesse que bastava dizer não para fazê-lo recuar, mas, exceto nesse caso, ele simplesmente avançava. Gostei de como ele me segurou. Gostei de como ele me prendeu com um olhar, antes de me possuir... de entrar em mim...

... de me amar.

Será que Robert está se apaixonando por mim como estou me apaixonando por ele?

Paro no meio de uma rua vazia. O suor escorre pelas costas. Corri alguns quilômetros, mas não estou nem um pouco dolorida ou cansada. Meu corpo mal registra o esforço. Sou forte. Sou covarde.

Mas também sou inteligente. E minha inteligência já abriu portas para mim.

Talvez eu possa usá-la para abrir minha gaiola.

Estreito os olhos por causa do sol nascente, observo como ele faz meu anel de noivado brilhar, lembrando-me de fogo e sangue. É um belo lembrete do inferno em que estou. Relutante, dou as costas

para a luz e retorno à minha prisão, correndo de um jeito mais determinado, menos frenético.

Quando chego, Dave está acordado e me olha desconfiado.

— Onde você estava?

Mostro as roupas molhadas para que ele examine.

— Obviamente, eu estava correndo.

Minha impertinência cria uma ruga em sua testa. Parece que ele acha que eu não posso tratá-lo de outro jeito que não com deferência.

— Sabe a sorte que você tem? — pergunta ele.

Isso me faz parar por um momento.

— Sorte?

— Estou lhe dando uma segunda chance. Isso é mais do que você merece.

É uma ameaça idiota e batida, mas ele está apostando que estou assustada demais para questionar sua falta de eloquência ou comentar que na verdade não quero essa “chance”. Só quero que ele fique em silêncio.

Passo por Dave sem falar mais nada, mas, quando estou no meio da escada, paro e me viro.

— Tenho uma pergunta.

— Pois não.

— Você me encontrou na marina.

— Sim.

Desço a escada de novo. Mantenho os olhos baixos, na esperança de que

demonstrar humildade seja o bastante para conseguir as respostas de que preciso.

— Você precisa saber que não aconteceu nada naquele barco. Eu parei antes mesmo de você me ligar. Fui até a marina para terminar tudo.

Ele ainda não acredita em mim. Minhas verdades têm a mesma entonação de minhas mentiras, então ele ignora tudo.

— Não aconteceu nada naquele barco — repito.

— E antes disso?

Abaixo ainda mais a cabeça, deixando o cabelo cair no rosto.

— Eu errei, mas acabou, Dave. Não vou mais deixar que meus impulsos me controlem.

Ele ri. Não há cordialidade nesse riso.

— Você não acha que vou acreditar nisso, acha?

Ele vira as costas para mim, o que é melhor.

— Não. Sei que vai demorar um pouco até que você acredite em qualquer coisa que eu diga — admito com sinceridade.

A mistura de culpa, boas lembranças e uma raiva indescritível torna meus sentimentos por Dave muito confusos. Respiro fundo, dou um passo à frente e paro atrás dele, perto o bastante para criar uma sensação de intimidade.

— Sem mais mentiras, tudo bem? Eu juro. De agora em diante, vamos ser sinceros um com o outro.

Ele se vira, novamente com ar de predador.

— Só tem um mentiroso nesta sala. Só um de nós agiu como uma vagabunda.

As presas afiadas de minha raiva perfuram meu coração quando me aproximo dele.

— Sei que você está muito bravo, sei que preciso me redimir. E sei que precisamos conversar sobre o que aconteceu. Pode me dizer como me encontrou ontem? Você foi até a marina, nós viemos para cá no meu carro, e seu carro está na garagem.

Ele fica em silêncio, um sorriso malicioso nos lábios.

— Quem levou você até a marina? —
pergunto baixinho. — Quem mais sabe?

Ele passa por mim rumo à cozinha, me obrigando a segui-lo em busca de uma resposta.

— É ruim, não é? — pergunta ele, pegando uma xícara de café.

— O quê?

— Não saber as coisas.

Não respondo. Espero um pouco, enquanto Dave se serve uma xícara de café; ele fez o suficiente para apenas uma.

Eu me obrigo a dar meia-volta e sair da cozinha. Vou descobrir quem mais sabe. Vou pensar em um jeito de sair desta situação.

Subindo a escada, percebo que as perguntas estão se acumulando. Preciso de uma estratégia sólida, preciso descobrir quem mais sabe...

... e preciso entender o que Dave quer. Se ele me odeia, por que quer ficar comigo? Controle? Ou alguma outra coisa?

Entro no banheiro, fecho a porta e tiro a roupa, esperando a água esquentar.

A porta se abre e me viro para ver Dave me observando. Eu me encolho, pego uma toalha e me cubro.

— Você é minha noiva — diz Dave, dando um passo à frente e puxando a toalha. O olhar dele percorre minha pele nua. — E esta casa é minha — acrescenta.

Mantenho a cabeça erguida e resisto ao impulso de me cobrir de novo. Estico os dedos, mantendo as mãos duras como tábuas, para que não se fechem em punhos.

Dave logo se cansa do joguinho e se vira para sair.

— Além disso — diz ele, casualmente, por cima do ombro —, não estou vendo nada que você já não tenha mostrado para qualquer homem que peça.

Mordo o lábio enquanto a porta se fecha. Talvez eu consiga achar coragem no ódio.

CAPÍTULO 3



QUANDO CHEGO AO escritório, Barbara, minha secretária, está a sua mesa. Ela faz um gesto para que eu me aproxime; a culpa e a preocupação estão claras em seu rosto.

— O sr. Dade está na sua sala.

Ninguém tem permissão para entrar em minha sala quando não estou lá. Todos os consultores daqui têm informações confidenciais demais nos arquivos para sermos tão descuidados.

É difícil resistir quando Robert faz um pedido, então sei que ele praticamente

obrigou Barbara a deixá-lo entrar.

Pego um bloco de papel na mesa dela e escrevo uma série de tarefas simples que digo precisarem de sua atenção imediata. Todas exigem que ela fique longe de sua mesa. Espero até que se afaste, sabendo que consegui ganhar pelo menos alguns minutos de privacidade. Depois que ela se vai, entro em minha sala para cumprimentá-lo.

Robert Dade está apoiado na beirada de minha mesa, os braços cruzados no peito, as pernas cruzadas nos tornozelos. Ele está relaxado, tranquilo, lindo. Tudo que eu esperaria dele. Nosso olhar se encontra enquanto me aproximo, deixando que a porta se feche atrás de mim.

Uma onda de confissões quer escapar por entre meus dentes cerrados. Quero lhe contar sobre o desejo que surge quando olho para ele e que sua presença ali ilumina um pouco a escuridão.

Quero lhe pedir que me toque.

Em vez disso, porém, desvio os olhos.

— Não temos reunião marcada.

— Você está trabalhando para mim — salienta Robert. — Meus negócios podem gerar milhões para sua empresa. Preciso mesmo marcar hora?

Não é uma pergunta. Apenas uma repreensão gentil.

Calmamente, tranco a porta, algo que quase nunca faço. Mas, neste momento, interrupções podem ser perigosas.

— Então, você fez sua escolha — diz ele, olhando ao redor, para as paredes amarelo-claras e as pinturas aprovadas pela empresa.

— Eu disse a você que estou com Dave.

Ele me olha seriamente, mais curioso que bravo.

— Repete.

— Estou com Dave.

— Você está dizendo o nome dele de um jeito diferente.

Eu rio. Quero que soe alegre, mas meu estado de espírito faz com que o riso pareça mais tenso.

— O nome dele sempre foi Dave. Só há um modo de pronunciar.

— Não é isso. Antes, quando você falava dele, soava... determinada. Ele era uma decisão sua. Agora...

Ele deixa a frase inacabada e espera para ver se vou completá-la. Não falo nada, e ele se aproxima de mim. Não me mexo. Nem pisco quando ele afasta o cabelo de meu rosto.

— O que foi, Kasie? O que mudou? Você parece... assustada.

— Você sabe do que eu tenho medo — falo entre dentes. — Não quero me perder. Dave mantém meus pés no chão. Você, você... — Hesito.

Quero dizer que ele é o tsunami que transforma a terra em mar, mas não consigo. *Quero* que a terra onde estou seja

destruída. E ele vai perceber isso em minha voz. Então, em vez de dizer, desvio os olhos.

— Não posso fazer isso, Robert.

— Você só está se repetindo — diz ele, calmamente, analisando meu rosto. Ele se inclina e aproxima a boca da minha orelha. — Fale para mim.

Ele está tocando apenas meu cabelo, mas meu corpo todo reage. Começo a ficar quente, minha respiração fica presa na garganta. E me sinto pulsar.

— Fale — diz ele, e eu fecho os olhos. — Está com medo?

Eu estendo a mão, seguro a camisa dele, sinto o conforto desse gesto, o poder silencioso que ele emana. Os lábios dele

se afastam de minha orelha, e sinto a ponta de sua língua descendo pelo meu pescoço, me tocando com uma precisão suave e determinada. Instintivamente, me aproximo, enquanto a mão dele sobe para meu seio.

Eu o desejo. Quero me perder nele. Minhas mãos se abrem e meus dedos, lenta e quase involuntariamente, procuram os botões da camisa dele.

A língua de Robert voltou para minha orelha, e eu suspiro quando ele me puxa de novo para mais perto. Seus dedos segurando meu cabelo, me mantendo parada, enquanto a outra mão desce por meus seios, minha barriga, mais para

baixo... Sinto a mão dele escorregar por entre minhas coxas e me apertar.

— Me deixe entrar — murmura ele. — Não só aqui. — Ele aumenta a pressão ao dizer essas palavras, gerando uma onda de prazer que se espalha por meu corpo inteiro. — Isso é bom — diz ele, quando começo a tremer —, mas quero entrar aqui também. — E ele beija minha cabeça. — Vamos, me diga o que está pensando.

Os botões da camisa dele finalmente cedem, e corro a mão por sua pele. O coração de Robert está acelerado, como se me pedisse para continuar. Eu o olho nos olhos. Tem algo ali que eu não tinha

notado antes. Algo além do desejo. Será preocupação? Carência?

Amor?

A mão dele ainda está entre minhas pernas, e eu me inclino para beijá-lo; meus olhos continuam abertos, e Robert se transforma em um borrão de pele levemente bronzeada e cílios negros. Os dedos dele começam a se mover, e a cada toque sinto tudo se dissipar — medo, preocupação, confusão —, até só restar consciência da sensação que ele me causa.

Sem uma palavra, ele afasta a mão e a leva ao cóis da minha calça. Eu a sinto afrouxar quando ele abre os botões e desliza a mão por dentro de minha

calcinha, que já está úmida, esperando por ele. Quando ele encontra aquele ponto exato, eu afundo as unhas na pele de seu peito.

— Não terminamos — diz ele, e eu respondo com um gemido. — Você achou que sim? Acha que não percebo seu sorriso convidativo, ou como você treme um pouco quando eu chego perto? Acha que não percebo o que você quer quando fica quieta, sem conseguir dizer “não”, nem repetir seu discurso bem-ensaiado de protesto? Leio seu corpo como um cego lê braille.

Ele desliza a outra mão para dentro de minha blusa, por cima do sutiã, tocando meus mamilos intumescidos.

— Ficaram duros logo que você me viu? — pergunta ele.

Mordo os lábios, com medo de admitir a verdade.

— Quanto tempo demorou para você ficar molhada? — pergunta ele. — Foi quando eu falei com você? Foi antes de eu terminar a primeira frase?

Eu me movo ligeiramente para encará-lo mais uma vez. Sim, ali está, aquela emoção que não consigo identificar, que destoa de suas palavras. Talvez carência, talvez amor.

Quero contar a ele o verdadeiro motivo para eu ter ido embora de seu barco, mas não ousa. Sei que ele percebe

que não estou lhe contando tudo, que estou escondendo alguma coisa.

Ainda me olhando nos olhos, Robert mergulha o dedo indicador em mim. Minhas unhas o apertam mais.

— O que você quer? — pergunta Robert. — Você realmente quer Dave?

Apoio a cabeça no ombro dele, enquanto seu dedo continua me penetrando, repetidamente. Estremeço quando ele beija meu pescoço.

— Ou você me quer dentro de você, Kasie?

Faço que sim, a cabeça ainda encostada no ombro dele.

— Então preciso que você goze agora.

Os dedos dele ficam mais insistentes; sua outra mão me aperta contra seu corpo com firmeza. Algo como um gemido escapa de meus lábios.

— Goza para mim agora, Kasie. Agora. Quero ver.

Ouçoo passos no corredor lá fora. Não ousou emitir som algum. Meus mamilos estão pressionados contra o peito dele; estico a mão e puxo seu cabelo, louca para gozar, mas com medo de chamar atenção.

— Meu Deus — murmuro.

— Não é o bastante — insiste ele.

A intensidade do toque aumenta; ele dá um passo à frente, me levando junto, até

que estou de novo encurralada em uma parede, sem ter por onde escapar.

— Vão ouvir — sussurro.

— Não me importo.

Desvio o olhar. Eu deveria estar brava, assim como estou com Dave, mas não consigo raciocinar. Só consigo reagir, e estou reagindo a algo... incrível.

Sua mão desliza pelo espaço estreito entre a parede e a curva de minhas costas. Ele a escorrega para baixo, para minha bunda, e consegue me apertar ainda mais forte contra si. Outro dedo desliza para dentro. Solto um gritinho de excitação. Vejo os olhos dele descendo pelo meu corpo, exigindo. Onde os olhos de Dave arranham, os olhos de Robert penetram.

Eles me invadem e alimentam as chamas que estão me consumindo por dentro. Deixam o fogo mais brilhante, mais forte.

— Meu Deus — digo de novo, e depois cubro rapidamente a boca.

Mas Robert pega minha mão e segura meu braço, voltando a me encarar.

— Tente mentir para mim agora, Kasie. Tente me dizer que é ele quem você quer, e não a mim.

Tento não olhar para ele, mas não consigo me forçar a isso. Sinto a ereção dele, rígida e forte, em minha barriga. Mordo o lábio com tanta força que sinto gosto de sangue, mas nem isso é o bastante para me silenciar quando o polegar dele acaricia meu clitóris.

Chego ao meu limite. Outro gritinho, um pouco mais alto desta vez. Não me importo se alguém ouvir. Não consigo me importar. Não tenho consciência de nada que não seja Robert ou eu.

Eu o agarro pela camisa aberta.

— Eu quero você. Faz amor comigo, Robert.

— Faço. — A voz dele é um rosnado de puro desejo. — Mas você tem que terminar com ele. Quero fazer amor com você sabendo que é minha.

Fecho os olhos, minha respiração irregular tornando difícil falar.

— Faz amor comigo. Por favor.

— Prometa que vai terminar com ele.

As mãos de Robert ainda estão me acariciando, gentilmente agora, me mantendo no enlevo da paixão, mas me impedindo de atingir o clímax.

— Eu... Eu não posso.

Então ele me solta. Em um instante, está do outro lado da sala, enquanto continuo recostada à parede, tentando respirar. Instintivamente, estico o braço na direção dele, como se buscasse apoio, mas ele já está fora de meu alcance.

Ele está fora de meu alcance de muitas maneiras.

— Achei que você não quisesse mais traí-lo — diz ele, calmamente.

Minha calça está frouxa no quadril, meu cabelo está emaranhado, caindo nos

ombros. Tento organizar meus pensamentos, mas a mudança de humor tão repentina faz a sala girar.

— Robert, você não entende...

— Entendo o suficiente — diz ele, em tom brusco. — Entendo o que tenho e o que não tenho.

— Não é tão simples!

— Sempre foi muito simples.

Ainda estou tentando recuperar o fôlego enquanto ele abotoa a camisa.

A terra está fora do eixo. Nada está acontecendo como deveria. Lentamente, depois de alguns minutos de silêncio, minha respiração fica mais ritmada. Ajeito minhas roupas, volto o olhar para as janelas e observo o céu cinzento.

— Vocês são dois *bullies* — digo baixinho.

Robert se vira.

— Como é?

— Acham que sabem o que é melhor para todo mundo, sempre. Você diz que eu devo ser mais independente, mas depois se irrita quando não faço as escolhas que você quer que eu faça.

— Nunca intimidei você — diz ele. — Eu nunca levantaria a mão para você, nem passaria pela minha cabeça fazer isso.

Dou de ombros; uma melancolia súbita me deixa cansada.

— Alguns *bullies* usam a força física; outros, chantagem ou intimidação verbal. Outros usam o prazer. Você sabe como me

fazer... sentir coisas, e usa isso para me controlar... Mas você não consegue, não é? Você pode me fazer chamar seu nome, mas não pode me fazer correr quando chama o meu.

A expressão de Robert fica séria.

— Você acha que eu sou assim tão baixo?

— Penso isso de todos os homens.

Ele me examina.

— Ontem, depois de sair do iate, você fantasiou comigo.

Não respondo, mas sinto meu rosto ficar vermelho.

— Conheço você, Kasie — diz ele, com um suspiro. — Sei que, mesmo quando não estou por perto, estou dentro

de você. Posso tocá-la com um pensamento.

— Então me toque — sussurro. — Então me toque com seus pensamentos, seus olhos, suas mãos, sua boca, e me deixe tocar você.

Vou até ele; quero resistir, mas existe em mim uma necessidade que não consigo controlar.

— Não posso ser sua, não agora, não como você quer que eu seja. É tudo muito complicado. Mas quero você, Robert.

Olho para baixo e vejo que ele ainda está excitado. Pego sua mão, passo a língua pelo polegar.

— Está vendo? As coisas podem ser simples para a gente.

Ele sorri, quase ironicamente, e dá um passo para mais perto de mim.

— Só Deus sabe quanto eu quero você. Quero fazer você gritar meu nome tão alto que vai dar para ouvir em Orange County. Mas... — Ele afasta a mão da minha e, com os dedos, ergue meu queixo, sem tirar os olhos dos meus. — Será nos nossos termos. Não nos seus, e com certeza não nos dele.

— Isto é uma vingança? — pergunto. — Eu deixei você e agora você vai me deixar?

Ele faz que não com a cabeça. Posso ver que percebe meu cansaço e que, sem querer, toma minhas dores.

— Você sabe muito bem que nunca vou deixar você. É você quem fica me mandando ir embora.

Ele passa as mãos pela camisa, esticando alguns amassados que ainda restam. Depois se afasta.

— Meus engenheiros estão desenvolvendo um novo produto. Sistemas de segurança mais acessíveis. O departamento de marketing acha que tem muito potencial. Vou lhe enviar as informações.

Travo o maxilar. Só Robert consegue passar da paixão aos negócios com tanta facilidade. Ambos ocupam o mesmo espaço no coração dele. São as preliminares e o dormir de conchinha.

Geralmente, é assim para mim também, mas não desta vez. Não quando cada estatística e cada beijo são um desafio.

— Sua equipe vai precisar reavaliar alguns detalhes com base nestes novos projetos. Aumente seu prazo em uma semana — diz ele. — Isso deve ser o suficiente para que você descubra como quer lidar com a situação. Devo mandar um e-mail para seu gerente, para informá-lo sobre a mudança?

— Não — murmuro. — Eu falo com o sr. Love.

— Muito bem. — Ele passa a mão pela gola da camisa mais uma vez. — Depois disso, nossos negócios estarão terminados ou não, dependendo de suas decisões.

Percebo a ambiguidade em suas palavras, embora ele mantenha a voz em tom profissional e sua postura esteja relaxada.

— Ah, Kasie? Só para você saber — ele segura a maçaneta, mas não a gira, me olhando mais uma vez nos olhos —, eu também tive fantasias com você ontem à noite.

CAPÍTULO 4



DE PÉ NA sala vazia, me sentindo frustrada e insatisfeita, penso se deveria ter contado a ele. E se tivesse? Será que ele teria me salvado?

Solto uma risada amarga. Isto não é um conto de fadas. Robert não pode montar em seu cavalo branco e selar os lábios de Dave para sempre. Dou a volta na mesa e me jogo na cadeira. O silêncio da sala zomba de mim, lembrando-me de que nem gritar posso.

Pego minha agenda e viro as páginas. Sempre fui boa em planejamento. Ainda

acho que, se tiver tempo, posso vencer Dave. Posso me libertar. Mas não posso arriscar que Robert o confronte e acabe dando mais munição para o plano de Dave. Vou descobrir por que Dave ainda quer ficar comigo e como ele descobriu meus segredos...

... e então vou descobrir os dele.

Vou descobrir seus segredos e sufocá-lo com eles. Vou descobrir suas mentiras e tecê-las em uma corda para amarrar suas mãos e pés. Vou deixá-lo tão impotente quanto ele pensa que estou agora.

Você o traiu primeiro.

Essa é a voz da pequena anjo em meu ombro. Ela está se sentindo negligenciada ultimamente. E por que eu deveria voltar a

ouvi-la? Ela quer que eu fique onde estou e coloque tudo em estado de inércia novamente. Meu demônio é mais proativo.

Por exemplo, neste momento, meu demônio me lembra de que preciso descobrir como Dave chegou até a marina.

Ele não dirigiu até lá e nunca usaria o transporte público. Ele começou o dia de ontem dizendo que tinha uma reunião bem cedo pela manhã. Mas e se ele estivesse mentindo? E se ele esperou no carro de outra pessoa, estacionado discretamente na rua, só para me seguir?

Um táxi? Não, provavelmente não. Los Angeles não é Nova York, onde os táxis amarelos fluem pelas ruas da cidade como

peixes em migração. Em Los Angeles, táxis de qualquer cor se destacam, e, se um estivesse parado quando saí da garagem, eu teria notado.

Então, alguém o levou até lá. Um colega de trabalho ou amigo? Mas Dave não correria o risco de ser humilhado na frente de alguém cuja opinião fosse importante para ele. Um detetive particular? Será que Dave mandou um profissional me seguir?

Olho de novo para minha agenda. Tenho uma reunião com minha equipe em 45 minutos. Leio distraidamente os nomes das pessoas que lidero nesse projeto: Taci, Dameon, Nina, Asha...

Asha.

O zumbido do interfone soa e a voz de Barbara sai pelos alto-falantes, avisando que a longa lista de tarefas menores que lhe passei nesta manhã foi realizada.

— Venha a minha sala, por favor — digo, e me reclino na cadeira quando a porta se abre e ela se aproxima, hesitante, de minha mesa.

Barbara é minha secretária desde que cheguei aqui. Antes, ela era secretária de um consultor que trabalhou na empresa por dez anos. Ela diz estar contente com sua posição tranquila no mundo corporativo, economizando energia para o marido e os filhos. Eu já a ouvi filosofando sobre a alegria de ter tempo livre e uma preciosa vida em família. Não

entendo o entusiasmo dela. É na confusão frágil de meu tempo livre que mais tropeço e, sem pensar, cedo a caprichos que depois ficam me perturbando. Amo meus pais, mas minha vida em família só tem sido rica em tragédia e negação. A visão de mundo de Barbara é tão estranha para mim quanto a de um índio na floresta tropical brasileira. Mas, embora eu não me identifique com ela, respeito seus pontos fortes, e um deles é seu aguçado poder de observação.

— Asha veio trabalhar ontem?

— Veio, sim — responde Barbara, com um firme aceno de cabeça.

Então, ela veio. Logo, não pode ter sido ela quem levou Dave até a marina.

Suspiro e apoio o queixo na mão.

— Certo. Vou me reunir aqui com minha equipe em menos de uma hora. Não transfira ligações até a reunião terminar.

Barbara confirma de novo e faz menção de se virar, mas então para.

— Faz diferença se Asha tiver chegado atrasada?

Levanto a cabeça.

— Como é?

— Ela não veio de manhã. Parece que tinha algum compromisso. Mas chegou ao meio-dia, e acho que ficou até tarde.

— Meio-dia — repito.

— Isso tem alguma importância?

Tem tanta importância quanto a hora em que Judas deixou a Última Ceia.

Eu me recosto na cadeira, pensando se Barbara é confiável.

— Há dois dias, Dave ligou para cá porque estava planejando uma festa-surpresa...

— Ah, deu tudo certo? — pergunta Barbara, esperançosa. — Ele me ligou, mas eu não sabia quais colegas você gostaria de convidar, já que você costuma manter sua vida pessoal bem separada da profissional.

Eu hesito ao ouvir isso.

— Você disse a ele para convidar Asha?

Barbara me olha de um jeito estranho.

— Eu não disse nada disso. Asha chegou perto da minha mesa bem na hora

em que eu estava desligando. Ela tinha me enviado um relatório e queria que eu o imprimisse e colocasse em sua mesa na manhã seguinte. Ela me perguntou quem era no telefone e eu falei. Só isso.

— Só isso? Ela não falou com ele? Ele não a convidou para a festa?

— Não que eu saiba.

A voz de Barbara falha. O modo como ela pisca os olhos, rapidamente, demonstra seu nervosismo.

— Eu contei sobre a festa... e disse que era surpresa. Ela não contou o segredo antes da hora, não é? Acho que não devia ter comentado nada com ela, mas foi um gesto tão romântico, e o Ma Poulette tem fama de ser um restaurante incrível. Eu

precisava comentar com *alguém*. Fiz mal? Se sim, me desculpe. Não foi minha intenção...

Levanto a mão para interrompê-la.

— Barbara, você não precisa se desculpar por nada.

Começo a suspeitar de que o que Asha fez foi tão grave que nem todas as desculpas do mundo fariam a mínima diferença.

— Diga a Asha que preciso falar com ela.

— Antes da reunião?

— Agora.

Alguns minutos depois, Asha entra, elegante e presunçosa. Ela estava

esperando ser chamada, e é sua ansiedade que a denuncia.

Estou de pé perto de minha mesa e faço um gesto na direção da cadeira. Cautelosamente, ela se senta; seus olhos continuam examinando a sala, procurando por algo que, aparentemente, não está à vista.

— Ouviu falar que estou saindo? — pergunto.

A boca de Asha se torce em uma leve sombra de sorriso, que ela se esforça para suprimir.

— Não estou sabendo de nada. Você vai sair?

Volto a me sentar, entrelaço os dedos.

— Então Dave não lhe contou?

Ah, ali está, um lampejo de preocupação.

— Dave... seu noivo? Por que Dave me contaria alguma coisa? Eu mal o conheço.

— Mas você o conhecia o bastante para que ele a convidasse para nossa festa de noivado.

Ela dá de ombros, de repente entediada.

— Só porque ele ligou para o escritório para saber se alguém daqui deveria ser convidado. Eu disse que ele deveria me convidar. Foi a primeira vez que falei com ele. — Ela se inclina para a frente; seus olhos escuros são poços de

mistério e cinismo. — Você está saindo, Kasie?

— Ele ligou para o escritório — digo, me recusando a permitir que ela guie a conversa. — Ele ligou especificamente para você?

— Não, ele ligou para sua secretária — responde ela, agora claramente irritada. — Que importância tem isso? Pediram ou não que você saísse?

Eu sorrio. Asha não está se saindo muito bem. Hoje ela está mais impaciente que desonesta.

— Eu não disse que *me pediram* para sair. Por que você chegou a essa conclusão?

Ela hesita; foi um erro idiota. Não combina com ela. Respira fundo, se acalma e esboça um novo plano.

— Você nunca sairia por vontade própria — diz ela, simplesmente. — Se está saindo, é porque foi mandada embora.

— Sou boa no que faço, Asha. Você mesma reconheceu isso na outra noite. Então, por que me mandariam embora?

Ela dá de ombros de novo, agora mais deliberadamente. Está pensando, talvez imaginando, quanto pode retroceder antes que eu a coloque contra a parede.

— Politicagem é uma coisa engraçada — diz ela, por fim. — Às vezes, algumas pessoas... funcionários perfeitamente

competentes... são demitidos porque não se encaixam tão bem quanto se pensou a princípio. Mas estou apenas especulando, Kasie. Foi você quem sugeriu que está indo embora.

— Sugerir? — pergunto. Meu sarcasmo é leve, quase brincalhão. — Pensei que só tivesse feito uma pergunta — digo, com um sorriso. — Sou mais do que uma funcionária competente, mas não vamos perder tempo discutindo fatos que nós duas sabemos. Na verdade, agora que estou pensando nisso, tem muitos fatos que nós duas sabemos, não é?

— Não estou entendendo.

— Bom, vamos ver.

Eu me levanto da cadeira. Minha raiva é intensa, mas gosto dessa sensação. Gosto de poder moldá-la e transformá-la em uma arma de tortura. É uma tortura lenta, delicada e feminina. É quase uma arte. Eu me imagino segurando um belo e pequeno bisturi e passando-o delicadamente pela garganta de Asha.

— Nós duas sabemos que você não deveria estar naquela festa, a menos, é claro, que tenha ido com outra pessoa. Vi você com o sr. Freeland. Ele era seu acompanhante? Foi ele quem a levou?

— Quer saber se fiz agrados ao Freeland em troca de um convite para uma festa? Não — diz ela, e agora é sua vez de

sorrir. — Não misturo sexo e negócios. E você, Kasie?

Eu paro. Isso é mais audacioso do que eu esperava, até mesmo da parte dela.

— Está me perguntando se sou uma prostituta?

Asha ri. É um som surpreendentemente atraente, quase sedutor em sua delicadeza.

— Não seja tola — diz ela. — Você é uma mulher honrada. Usa um anel de noivado muito caro para provar isso.

Olho para o anel. Está um pouco apertado.

— Além disso — continua ela —, prostitutas fazem sexo por dinheiro. Você, não. Embora, quando começou a sair com

Dave, tenha conseguido uma posição bem lucrativa aqui...

— Ele conseguiu uma entrevista para mim. Eu consegui o emprego.

— E aí você também conseguiu uma conta muito lucrativa para a empresa, não é? — pergunta Asha, tranquila. A voz dela é uma colher de mel usada para disfarçar o amargor de um remédio. — Você conseguiu isso sozinha. Sem nenhuma ajuda de Dave. O sr. Dade simplesmente lhe deu a conta.

Não respondo. Em vez disso, espero para ver até onde ela vai. Será que seu ódio é forte o bastante para deixá-la negligente? Será que ela tem me espionado, mesmo antes daquele dia no

barco? Ou tudo isso são presunções e especulações?

— O que você disse a Tom Love? — pergunta ela. — Que conheceu o sr. Dade na fila de embarque do aeroporto, quando estava voltando para casa?

— Sim.

Estou com as costas viradas para a parede enquanto ela me olha da cadeira em que está sentada. Esta é minha sala. Estou em posição superior, mas a dinâmica é instável.

— É engraçado, porque eu nunca conversei com um desconhecido nessas filas. Todo mundo está tão concentrado em tirar as chaves dos bolsos, tirar o

relógio do pulso; não é um lugar muito propício para conhecer alguém, não acha?

— Toda regra tem sua exceção.

— É verdade — concorda Asha, assentindo. — E para todo crime existe um criminoso. Quando o sr. Dade ligou para dizer a Tom que queria que a consultora Kasie Fitzgerald coordenasse uma equipe para ajudá-lo a preparar a empresa para emitir ações na bolsa, ele contou uma história diferente sobre como vocês se conheceram. Disse que vocês dois tinham conversado em uma mesa de vinte e um.

Levanto o queixo como se o gesto pudesse me deixar mais alta. Preciso ficar acima disso, mas não consigo. As

palavras dela tiveram o efeito desejado. Tom nunca me disse que minha explicação contradizia a história verdadeira que, supostamente, ele ouviu de Robert.

O que mais Robert contou? Será que contou a Tom que a noite terminou no quarto dele? Não, ele não contaria nenhum daqueles segredos. Por um breve momento, minha mente me trai, me levando de volta para aquela noite, me obrigando a relembrar a sensação de quando o homem que eu só conhecia como sr. Dade pegou um cubo de gelo do copo de uísque, tocou rapidamente meu clitóris com ele e, depois, lambeu o líquido do meu corpo. Imagens das mãos dele em meu quadril, a cabeça dele em meu colo,

enquanto eu segurava o encosto da minha cadeira, com a saia levantada até a cintura... Eu nunca tinha feito nada como aquilo.

Estou pagando por isso agora.

Eu poderia tentar convencer Asha de que Robert mentiu. Poderia dizer que ele inventou uma história sobre como nos conhecemos para insinuar coisas que nunca aconteceram, como alguns homens costumam fazer.

Mas não posso fazer isso. Não posso jogar minha vergonha nos ombros de Robert. Mas o preço da verdade é mais do que posso pagar.

— Não achei que precisasse contar a meu chefe que às vezes gosto de jogar —

digo, torcendo para que a desculpa não soe tão fraca para ela como soa para mim. — Algumas pessoas não aprovam isso.

— Tom Love aprova qualquer coisa que lhe traga bons negócios, e sua viagem a Las Vegas com certeza fez isso.

— Asha, onde você estava ontem de manhã?

— Eu estava em um carro — diz ela, reclinando-se na cadeira. — Com seu noivo.

Agora vejo que abordei a situação do jeito errado. Supus que ela não fosse querer que eu pensasse nela como uma fofqueira, como alguém tão desesperada para me sabotar que me seguiria, procurando migalhas de pão, pistas que a

levassem a meus maiores pecados. Mas sou a única que se preocupa com o que as pessoas pensam. Sou a única que tenta ocultar as falhas com camadas de glacê. Asha só se importa com o poder.

E isso lhe dá todo o poder do mundo.

Seus lábios se abrem em um sorriso sarcástico.

— Você acha que eu transei com ele? Com Dave, quero dizer. Isso incomodaria você? Ou apenas deixaria todos quites?

Ela se levanta e se aproxima de mim. Perto, perto demais.

— Eu nunca transaria com Dave — murmura Asha. — Mas transaria com você. Diga para mim, Kasie, você já foi tocada por uma mulher?

Ela estende o braço e toca meu seio. Eu me afasto, chocada e completamente surpresa. Quando pedi que Barbara mandasse Asha vir a minha sala, eu tinha um plano. Tinha preparado uma armadilha para um lobo. Não tinha percebido que enfrentaria uma víbora.

— Não sou lésbica, não exatamente — explica Asha, respondendo a uma pergunta que ninguém fez. — Tem mais a ver com autoridade, privilégio... direito... É isso que me atrai. Gosto de despir as pessoas dessas coisas, como se fossem roupas desnecessárias. Eu gostaria de ver você nua, amarrada a uma cama, com seu corpo reagindo a meu toque mesmo contra sua vontade. Gostaria de ver você

completamente vulnerável, sem controle algum. Embora agora mesmo você esteja totalmente vulnerável, não é? Se tem alguém no controle nesta sala, sou eu.

Será que Asha está querendo cometer suicídio profissional? Ela é minha subordinada! Se eu contar ao departamento de Recursos Humanos o que ela está me dizendo agora...

Meu rosto esquenta quando percebo o que ela já sabe. O sorriso dela é gentil, quase simpático.

— Você não vai falar sobre esta conversa com ninguém, Kasie. De jeito nenhum. Uma de nós se importa com a própria reputação, e eu posso destruí-la com uma palavra.

Ela apoia o ombro na parede a meu lado, perto demais, mas sem me tocar.

— Aposto que você ficou vulnerável para o sr. Dade. Aquele é um homem que pode fazer uma mulher implorar; tenho *certeza* de que ele consegue fazer você implorar. E aposto que ele é enorme. Homens com mãos grandes e ásperas como as dele sempre são. Aposto que sua boceta fica dolorida por dias depois que ele come você.

— Saia da minha sala.

— Mas foi você quem me pediu para vir, não foi, Kasie? — pergunta ela. — Você me trouxe aqui para brincar comigo e descobrir o que eu sei. Bom... — diz ela, chegando ainda mais perto.

Viro a cabeça para o outro lado, mas ainda a ouço sussurrar, uma sedução maliciosa que me faz estremecer: — O que você descobriu é que eu sei de *tudo* e que agora é minha vez de jogar.

Ela se afasta e se dirige à porta.

— Não tenho tanto a perder quanto você pensa — digo enquanto ela anda até a porta. — Se Tom já sabe o que fiz, como você sugeriu, então ele sabe há muito tempo. E ainda tenho meu emprego. Nada mudou para mim.

— Ah, mas Tom não se incomoda com desonestidade, desde que funcione para os propósitos dele. Mas até ele sabe que se Dylan Freeland, o fundador da empresa...

o maldito *padrinho* de seu noivo... descobrisse isso, seu cargo seria meu.

— Então, por que está falando comigo?
— pergunto. — Por que não conta para todo mundo?

Ela dá de ombros.

— Porque é divertido. E, se Dave ainda não falou nada, é porque está lhe dando mais uma chance. Vai confirmar qualquer mentira que você diga. Vai ser a palavra dele, a sua e a de Robert contra a minha. Eu não teria a menor chance. Mas e se você escorregar de novo? E se Dave descobrir?

Ela aponta para mim.

— Aí é que a diversão começa.

Ela sorri de novo, sabendo que tudo que disse foi perfeitamente claro e totalmente ambíguo. Então, dando de ombros mais uma vez, diz: — Vejo você na reunião!

Eu a vejo sair e então, ainda com as costas apoiadas na parede, escorrego até o chão; aperto os joelhos contra o peito e escondo o rosto nas mãos.

CAPÍTULO 5



NÃO SEI COMO sobrevivi àquela reunião. Todos os comentários e perguntas de Asha foram totalmente adequados. A postura dela foi perfeita. A minha, nem tanto. Derrubei uma garrafa de água em meus arquivos, engasguei com as palavras, tive que pedir a Taci que repetisse duas vezes sua proposta para o reposicionamento internacional da Maned Wolf.

O problema não era Asha saber. O problema era que Asha não tinha mentido. Ela valorizava a crueldade da franqueza total. Usava a verdade como arma, bem

como eu tinha usado as mentiras como escudo. Isso significava que se alguém, algum dia, fizesse a pergunta errada para Asha...

Mesmo agora, sentada sozinha em minha sala, no meio de uma pilha de papéis, esse pensamento me faz tremer. Quando me transformei na mosca presa na teia? Não, isso está errado. A mosca é inocente. Eu não sou.

A maioria de meus colegas já foi embora. Barbara saiu há muito tempo, mas ainda estou aqui, como acontece com frequência. Esta sala era meu santuário, e espero que na solidão eu consiga encontrar um modo de recuperar essa sensação.

A luz do dia está se esvaindo atrás de um pôr do sol nebuloso. O céu é uma combinação brilhante de rosa com lilás. É assim com a poluição. Ela é tóxica e, segundo a Sociedade Americana de Câncer, pode ser até mortal. Quando vista do jeito certo, no momento exato, pode tornar tudo tão bonito que nos esquecemos. Olhamos para essas cores enquanto o sol nasce ou se põe e esquecemos que a mesma coisa que está destacando a luz natural, aquilo que faz com que tudo pareça tão intensamente belo, está nos matando lentamente. Por fim, o sol sobe um pouco mais e vemos como aquilo é feio. Mas então já é tarde demais. Deixamos aquilo entrar em

nossos pulmões. A poluição nos pegou. Está em na gente. E pronto.

Fico pensando se meu caso com Robert Dade não foi um pouco assim. Intenso, brilhante, bonito... e agora está me matando. Perdi o controle e, para mim, durante toda a minha vida, controle tem sido como oxigênio.

Olho atentamente para as cores, desejando que elas durem. E se eu nunca tivesse conhecido Dave? E se tivesse conseguido sozinha esse emprego de que tanto gosto? E se, quando conheci Robert em Las Vegas, eu fosse livre? Como as coisas teriam acontecido? Teríamos namorado, como um casal normal? Não, nada com Robert Dade é normal. Mas,

ainda assim, teríamos sido um casal. Tenho certeza disso. Teríamos viajado juntos — às vezes escalando as pirâmides maias, outras vezes fazendo amor no Le Meurice, o hotel dos reis, em Paris, com os Jardins das Tulherias embaixo de nossa janela.

Mas estou pensando de modo muito convencional. Poderíamos ir a Nice, ao Museu Marc Chagall, e alugar a sala de concertos para uma apresentação particular. Não é algo que o museu permita normalmente, mas *monsieur* Dade poderia conseguir isso.

Um pequeno grupo de músicos está nos esperando no palco quando entramos na sala banhada pela luz azul que passa pelos

vitrais. Um pianista está com os dedos apoiados em um pequeno piano de cauda que passaria completamente despercebido se sua tampa não estivesse aberta e revelasse uma pintura de amantes em uma paisagem azul-acinzentada. Moradores da aldeia estão ao redor deles e têm um quarto do tamanho dos amantes. Eles não tentam competir com a grandeza do casal, mas parecem desfrutar do calor que emana deles.

Robert me guia por fileiras de poltronas vazias até chegarmos à frente da sala, a apenas alguns metros do palco. Ele se afasta de mim, apenas para estender a mão em minha direção, a palma para

cima, em um convite universal que ele reitera quando pergunta: — Quer dançar?

Quando dou a mão a ele, os músicos começam a tocar, e nós dançamos.

O baixo é tão grave que suas vibrações tremem em minha pele enquanto Robert me guia em algo que se parece com uma valsa, mas que é diferente o bastante para ser algo unicamente nosso. Jogo a cabeça para trás e rio, girando pela sala, envolta pela luz azul e pelos braços de *monsieur Dade*.

Mas então ele para, bem no meio da pista, e, com um sorriso duradouro, diz que eu sou linda. Fico na ponta dos pés e o beijo na boca, suavemente a princípio,

mas logo a mão dele sobe para minha nuca, me puxando para mais perto.

A música se eleva com minha pulsação e recomeçamos a dançar. Mas é diferente desta vez. Nossas camisas vão para o chão quando a sonata termina, levando-nos para uma nova melodia, mais rítmica. Depois é a vez do cinto dele, de minha saia, de tudo, até estarmos dançando nus pela sala. Um pássaro vermelho no vitral azul parece descer até perto de nós quando a língua de Robert entra em minha boca. A batida da música me atravessa enquanto dançamos. Eu o sinto ficar duro contra mim. Os músicos não parecem nos notar; não há lugar para eles neste sonho. Eles só servem para providenciar uma

trilha sonora para nossa paixão. E, quando Robert me deita no chão e eu rolo para cima dele, monto em seu quadril e o sinto me penetrar, sei que, de todas as maneiras que importam, somos só nós dois. Eu o cavalgo lentamente, movendo-me no ritmo da música.

Os músicos têm o palco. Nós temos um ao outro.

As mãos de Robert deslizam para minha cintura, me guiando, me movendo, para que eu possa senti-lo inteiramente dentro de mim. Memórias pintadas da juventude de Chagall parecem cair do céu quando Robert se senta. Ele ainda está dentro de mim quando me sento de frente para ele, em seu colo. Por um instante não

nos mexemos; ficamos imóveis, apenas saboreando a sensação de estarmos conectados, por nosso corpo, nossos olhos, e por uma emoção que é muito maior que nós.

Então a dança recomeça. Eu ofego quando o quadril dele investe contra o meu, me abrindo até parecer que não é apenas ele, mas a própria música que está dentro de mim, movendo-se dentro de mim, ecoando em cada terminação nervosa, me deixando trêmula de desejo.

Com um movimento firme, Robert me deita, e eu me agarro a ele, enquanto ele começa a sair apenas para me penetrar de novo com um impulso forte e um beijo delicado.

— Eu amo você — diz ele, e eu digo de volta.

Ele coloca uma de minhas pernas em seu ombro.

— Siga meu ritmo — murmura ele.

Então ele investe de novo, e meu mundo se enche de êxtase. A música, a arte, o homem que faz meu coração bater mais forte... tudo me leva à beira do nirvana, e, enquanto os amantes de Chagall dançam sob sua luz azul, eu gozo com um grito que ecoa pela sala.

O suor dele se mistura ao meu, meu nariz se enche com o perfume de nosso sexo...

... e ainda não acabamos.

Ele me vira de bruços e mais uma vez me penetra. No chão, vejo reflexos fragmentados de azul, em um contraste agudo com o calor vermelho dentro de mim.

Enquanto ele me penetra cada vez mais fundo, sua mão acaricia minhas costas com uma pressão sutil que me aproxima do clímax. E quando gozo de novo, eu o ouço gritar também. Chegamos juntos ao orgasmo, sob a luz azul da sala de concertos de Chagall, envoltos por música.

Ele chama meu nome, e é isso que escuto quando ele apoia a cabeça no meio de minhas costas.

— Eu amo você — repete ele quando os músicos passam para uma melodia mais tranquila.

E, na perfeição daquele momento, eu sei que é verdade.

Assim como sei que o pôr do sol que vejo agora é bonito.

Mas está desaparecendo, assim como minha fantasia. A escuridão está chegando.

A porta de minha sala se abre. Nem me viro para ver quem é. Sei apenas pelo modo como o anel parece mais pesado em minha mão.

— Chega de trabalhar — diz Dave, a voz carregada de sua crueldade recém-

descoberta. — Pegue suas coisas. Tenho planos para nós dois.

CAPÍTULO 6



NÃO FALAMOS MUITO enquanto nos arrastamos pelo trânsito do final da hora do rush, na via 405. Dave mantém os olhos na estrada e as mãos no volante. Sinto cheiro de charuto nas roupas dele. Antes de vir me buscar, ele deve ter passado no clube para homens que frequenta, se sentado em uma poltrona e rido da piada suja que algum corretor da bolsa contara, saboreando a glória de fazer parte da elite. Qualquer alegria que ele tenha sentido desapareceu assim que ele se aproximou de mim.

Quero dizer a ele que, se realmente sente aversão por mim, deveria terminar tudo e poupar a nós dois. Mas sei que isso não é uma questão tão simples para ele. Existe orgulho envolvido, além de, talvez — para usar a palavra de Asha —, direito. Sem contar as emoções e motivações que ainda não entendo, mas que estou cansada demais para tentar desenterrar. Apoio a cabeça na janela e me pergunto por quanto tempo consigo manter silêncio.

— Falei com seus pais hoje — diz ele.
E sinto a poluição em meus pulmões.

Obrigo meu cérebro a repassar os fatos, em vez de ceder ao pânico que está surgindo. Dave não é como Asha. Ele

consegue mentir. Pode estar mentindo para mim agora. Ele tem todos os motivos do mundo para querer me deixar nervosa.

— Você ligou para eles — digo, fazendo com que minhas palavras soem como uma afirmação, em vez de uma pergunta.

Se eu estiver errada, ele vai sorrir e me dar, involuntariamente, uma pista do que está acontecendo. Se eu estiver certa, ele vai achar que eu o conheço melhor do que conheço de fato.

Na verdade, não o conheço nem um pouco. O homem sentado a meu lado é pouco mais que uma escultura de gelo do ser humano caloroso que me abraçava à noite.

Dave não sorri. Em vez disso, faz que sim, quase relutante em reconhecer a precisão de minha frase. Talvez ele queira que eu fique me perguntando sobre o que ele e meus pais conversaram.

— Quer saber o que eu falei com eles?

É engraçado, mas acho que nunca vi ameaça e esperança misturadas desse modo. Ele quer muito que eu morda a isca. Quer vencer o jogo. Para Dave, isto é um esporte que ele está apenas começando a dominar.

Para mim, é uma guerra.

— Só se você quiser me contar — digo, fingindo recuar, enquanto tento extrair a verdade dele.

Ele me lança um olhar sério.

— Acho que não importa. Obviamente, eu falei o bastante para eles sequer ligarem de volta para você.

— Será mesmo tão óbvio? — pergunto.

Mais uma bala desviada.

— Como assim?

— Bom, parece que você está tentando me enganar. Você está supondo que eles não me ligaram depois que vocês conversaram, mas não me perguntou nada.

Estendo a mão e seguro a dele, ignorando a pontada gelada de seu toque. E continuo: — Se você realmente quer me ajudar, como disse, então precisa ser sincero comigo.

Novamente ficamos em silêncio, Dave encarando as luzes de freio dos carros à frente; elas são como os olhos vermelhos demoníacos assistindo a um show.

— As coisas devem acontecer de um determinado jeito — diz ele, depois de termos avançado mais uns 400 metros.

A frase não é para mim, mas ele também não está falando consigo mesmo. Soa como uma prece, como se ele estivesse gentilmente corrigindo Deus, lembrando-o de como o universo deve agir.

Minha mão ainda está sobre a dele, mantendo desligado o campo de força.

— O que você disse a meus pais, Dave?

— Estou muito irritado com você.

Mais uma vez, não sei se as palavras são para mim ou para Deus, embora, sem dúvida, elas possam ser voltadas para nós dois.

— Não vou terminar com você, mas também não consigo esquecer o que aconteceu. Dizem que amor e ódio são dois lados da mesma moeda, mas eu nunca tinha entendido direito esse ditado. Nunca tinha feito sentido. Agora faz.

Afasto a mão. Se é isso que está por baixo do campo de força, não vale meu esforço.

— Isto não é um jogo de cara ou coroa — digo. — Se fosse, eu viraria a moeda de volta para o amor.

Estalo os dedos e olho para eles com um sorriso melancólico.

— Seria fácil assim.

Ele não responde, os olhos ainda fixos na estrada.

— Eu disse para seus pais que você estava agindo como Melody. Não precisei dizer muito mais, eles logo começaram a imaginar os detalhes.

Congelo. Essa bala atingiu o alvo. Minha garganta começa a fechar. Mas...

— Se você tivesse dito isso, eles teriam me ligado.

— Eu pedi para não ligarem. Eu disse que ia colocar você de volta no caminho certo... ou não.

— Não entendo.

E, se não faz sentido, não pode ser verdade, quero acrescentar. Não pode ser verdade. Não vou nem me permitir acreditar nisso.

— Sua mãe acha que é culpa dela. Talvez seja mesmo. Ela está histérica. Seu pai provavelmente concorda, mas não ia dizer isso. Como eles acham que são a causa do problema, vão deixar que eu tente resolver as coisas com você.

Sinto que estou ficando vermelha.

— Você acha que manda em mim?

— Sim. Eles estão com nojo de você, Kasie. Acham que você não passa de uma puta que dá para qualquer um para subir na vida. Depois que conversamos, seu pai ficou se perguntando se você antigamente

não fazia *favores* para alguns professores seus.

— Cale a boca.

— Agora me diga: como você conseguiu um A em física, se não sabe nem a diferença entre fissão e fusão? Você ficava depois da aula? Ficava debaixo da mesa, se esfregava na perna do professor, como uma cadela excitada?

— Todas as notas que tirei foram merecidas.

— Mas *o que* você fez para merecer? Deu seu suor? Eram os trabalhos que você colocava na mesa dos professores que eram bons ou era a visão de você inclinada, arqueando as costas,

oferecendo seu corpo como um bilhete premiado?

Ele balança a cabeça.

— Acho que a coisa mais triste que já ouvi — continua Dave — foi seu pai dizendo que teria sido melhor se eles não tivessem tido filhos. Não sei, Kasie, talvez eles não queiram mais saber de você. Assim como cortaram relações com a filha decepcionante que geraram antes de você, antes mesmo de ela morrer.

Posso ver meu pai sentado à mesa da cozinha com minha mãe. Ouço-o repassar as piores possibilidades, enquanto minha mãe se encolhe cada vez mais na cadeira. Eles não sabem que estou ali, do lado de fora do cômodo,

espiondo. Eu tinha acabado de fazer 9 anos, alguns dias antes; minha festa de aniversário tinha acabado mal logo depois de meu pai ter pegado minha irmã e um homem juntos no quarto dela.

— Ela estava drogada, Donna — diz ele para minha mãe. — Acho que foi ele quem deu as drogas para ela. Era isso que ela estava fazendo, estava pagando com a única moeda que tem. E fez isso durante a festa de aniversário de Kasie. Tudo que ela toca apodrece. Temos que botá-la para fora. Não vou manter esse tipo de depravação em minha casa.

— Ela é nossa filha.

Demoro um momento para perceber que é minha mãe falando. A voz dela está

diferente. A elegância de sua dicção perfeita desapareceu e as palavras soam nuas, com o desespero aparente, para quem quiser ver.

— Ela deixou de ser nossa filha quando virou uma puta.

A voz dele tremeu? Falar aquilo foi difícil para ele? Não sei. Tudo que ouço é o tom definitivo da sentença. Ouço a condenação. Ainda ontem, éramos inocentes, minha irmã e eu. As esquisitices dela eram excentricidades; ela era uma pessoa difícil. Meu pai precisava mantê-la sob controle; só isso.

Mas agora ela é uma puta.

Putas são nada.

Putas são marginalizadas, punidas, odiadas. Estou vendo meu pai aprender a odiar minha irmã.

— Não sob meu teto — diz ele, e eu me pergunto se vou vê-la de novo algum dia.

Estico a mão para a bolsa, mas Dave me interrompe com um olhar, e pergunta: — O que está fazendo?

— Vou ligar para meus pais.

Dave abre a boca para protestar, depois para e dá de ombros. O trânsito está fluindo melhor quando pego meu celular e digito o número de meu pai.

É difícil segurar o telefone; as palmas de minhas mãos estão escorregadias e

suadas, e meus olhos já estão cheios de lágrimas.

Meu pai atende.

— Kasie? — diz ele, surpreso.

Talvez ele tenha pensado que eu não teria coragem de ligar.

— Pai, eu... Nós precisamos conversar. Eu sei... Eu sei que você deve estar bravo comigo.

Há uma longa pausa do outro lado da linha. Apreensiva, tento encontrar um modo de continuar.

— Kasie, você quer me contar alguma coisa? — pergunta ele, por fim.

Sua voz é cautelosa... e confusa.

— Você... Você não sabe por que estaria bravo comigo?

Olho para Dave. Ele está sorrindo.

— Você fez alguma coisa?

Afasto o telefone da orelha. Parte de mim quer rir de alívio, histeria e dor. Dave está jogando. Eu estou travando uma guerra. Ele está vencendo, e eu estou morrendo.

Com a mão trêmula, aproximo o telefone de novo.

— É que eu percebi que não passei muito tempo com vocês na festa, nem me ofereci para levá-los ao aeroporto no dia seguinte. Foi muito negligente de minha parte.

— E foi por isso que você pediu para Dave ligar — conclui meu pai.

Sua voz não está mais tensa. Está relaxada; ele está satisfeito com minhas desculpas por algo que considera um erro sem importância.

— Dave explicou como estão as coisas em seu trabalho agora. Faça o que precisar fazer, querida.

— Está bem — digo, entorpecida.

— Dave é um bom homem — afirma meu pai. — Ele é... honesto e vem de uma boa família. Eu gosto muito dele.

— Eu sei — digo.

Dave entra em outra rua e passamos por uma fila de carros que se encaminham lentamente para uma saída.

— Estamos orgulhosos de você, Kasie. Estamos orgulhosos das escolhas que

você fez para sua vida. E, por favor, não se preocupe por ficar ocupada com o trabalho. Sua mãe e eu entendemos perfeitamente. E isso não vai durar para sempre, certo?

— Certo.

— Ótimo! Então logo você vai voltar a ser a filha carinhosa e atenciosa que nós conhecemos e amamos. Só não se esqueça de dar atenção para seu noivo. Ele também é um tesouro.

Confiança, carinho, amor... Essas palavras me parecem pesadas agora que estou vivendo em um mundo de mentira, amargura e ódio. Dave está claramente se divertindo com a situação. Está saboreando o amargor de minha traição,

deixando que o vinagre escorra por sua língua antes de engoli-lo, e agora sinto esse cheiro em sua respiração e em seu suor. Isso o define.

Eu me despeço de meu pai, dizendo coisas agradáveis para distraí-lo da tristeza que ele poderia perceber em minha voz caso se desse ao trabalho de prestar atenção.

Olho para Dave. Ele ainda está sorrindo, mas o resto de seu corpo não parece estar fazendo o mesmo. Seus ombros estão rígidos e suas mãos apertam o volante como se fosse uma arma que alguém pudesse tentar lhe tomar.

— Sinto muito — digo. Pela primeira vez hoje, realmente sinto muito. — Sinto

muito por ter deixado você tão triste e tão chateado.

O sorriso continua ali, fixo, mas seus ombros ficam ainda mais tensos.

— Só porque não contei dessa vez, não quer dizer que não vou contar. Seu pai nunca vai perdoar você.

— Dave, você não precisa deixar as coisas chegarem a esse ponto.

— Que ponto? — pergunta ele, com um riso seco. — Não preciso expor você?

— Você não precisa deixar que meus erros mudem quem você é.

Ele fica quieto por um momento; passamos da 405 para a 101, e o trânsito fica lento de novo.

— Quando você tirou a roupa na frente dele, quando deixou que ele tocasse o que só eu deveria tocar, foi *um erro*?

— Talvez eu devesse ter escolhido outra palavra, mas...

— Como quando um atleta de corrida com obstáculos acerta a barra durante um salto... ou um zagueiro tenta passar a bola para outro jogador, mas erra e a bola é roubada... Esse tipo de erro?

— Não vou discutir semântica enquanto a gente fica se magoando.

— Não, não estamos discutindo. Eu fiz uma pergunta. Estou lhe dando uma chance de se explicar.

— Eu já expliquei tudo o que tinha para explicar.

— Ah, é?

Ele se volta para mim. O trânsito parou; um acidente, talvez. Alguém inconsequente destruiu propriedades e vidas.

— Fiquei nervosa com o casamento... Tive medo...

— Então você dormiu com outra pessoa. Também transou com seu cobertor preferido? Esfregá-lo entre suas pernas fez você se sentir mais segura?

— Dave...

— Porque eu posso fazer isso, se é o que você precisa.

Com um movimento brusco, ele enfia uma das mãos entre minhas pernas e esfrega rudemente minha vagina pelo

tecido da calcinha. O homem que dirige a caminhonete na pista ao lado, entediado e cansado, olha para nós neste momento. Ele vê o que Dave está fazendo; seus olhos encontram os meus, e ele levanta as sobrancelhas.

Pego a mão de Dave e a afasto.

— Pare com isso.

— Ah, então quando ele mete os dedos em você, você se sente segura, mas quando sou eu, você acha repulsivo.

— Quando você faz isso com ódio, sim, é repulsivo.

— Quer ser tocada com amor?

— Sim.

— Então me faça sentir amor.

Talvez seja a sinceridade acidental na voz dele. Eu me viro no banco, tento analisar sua expressão, mas os olhos dele continuam teimosamente fixos na estrada. Tem algo de trágico no que ele disse.

— Não sei se posso fazer você sentir amor.

— Ele ama você?

Hesito antes de responder.

— Não sei. Não sei nem se isso importa.

— E você?

— Está perguntando se eu o amo?

— Sim... Não... Eu...

A voz dele falha e Dave ruboriza levemente, constrangido com a própria resposta hesitante.

Os carros a nossa frente começam a andar. A testemunha do breve ataque de Dave fica para trás, transformando a lembrança em uma imagem que vai ficando cada vez menor no retrovisor.

— O que você quer saber, Dave?

— Não acho que o amor pode simplesmente desaparecer — diz ele, tanto para si mesmo quanto para mim. — E, mesmo assim, o que você fez... O que a gente tinha... era sério. Como você foi tão leviana com algo tão importante?

Não sei o que responder.

— Você acha que estou querendo torturar você — diz Dave calmamente. — Talvez esteja. Talvez eu queira que você sinta pelo menos um décimo da dor que

me causou. Mas não acho que nosso amor tenha simplesmente desaparecido. Não acredito que a mulher que eu amo evaporou.

— Estou aqui, Dave. Não evaporei.

— Não, esta não é você. É uma puta em pele de cordeiro... na pele *dela*. É como uma dupla personalidade ou um colapso mental.

— Você acha que eu enlouqueci?

— Acho que você precisa ser salva. — Ele inspira fundo. — Vou fazer isso. Vou ser seu herói, você querendo ou não.

E, desse jeito, ele passa de trágico a louco. Ele ainda é o sequestrador que pede ao prisioneiro que o elogie, mas talvez todos os sequestradores sejam um

pouco loucos. Será que faz diferença se alguém é fanático por religião, política ou amor? O fanatismo é assim: louco, distorcido e, de um modo estranho, sincero. Os fanáticos acreditam nas próprias bobagens.

— Entendo agora — continua ele. — Você tem... necessidades... coisas que precisa pôr para fora. Vou ajudá-la a fazer isso. Vamos usar a nosso favor essa depravação que está infectando você. Vou trazer de volta a mulher que você era, aquela com quem eu quero me casar. Quando eu terminar, é essa pessoa que você vai *querer* ser. Você vai ver como esse caminho que está seguindo agora só

vai levá-la à degradação. Você vai desejar a pureza.

Balanço a cabeça. Eu não sabia que um caso podia levar alguém ao limite desse jeito. É como se ele pensasse que pode transformar nossas vidas em uma versão moderna de *A megera domada*.

— Hoje — continua ele. — Vamos começar hoje à noite.

Não sei exatamente o que isso significa, mas sei o que *pode* significar. A ideia de ficar com Dave agora, de ele me tocar, de ele meter seu pau em mim, me olhando presunçosamente enquanto eu me contorço debaixo dele... Não posso fazer isso.

— Você está muito chateado — digo com calma. — Não quero... ficar com você até que seja pelo menos um pouco gentil comigo.

— Você acha que não sou gentil? — É uma pergunta retórica.

Nós dois sabemos que estou certa.

— Então vamos começar devagar — diz ele. — Um jantar em casa. Cozinhe para mim, como você fazia. Pode se arrumar para mim e me mostrar que, pelo menos, você está disposta a fazer um esforço.

Eu me viro para a janela. Estou cansada. Não tenho energia para nada disso. Mas Dave deixou algo bem claro quando mentiu a respeito de ter contado o

que aconteceu para meus pais. Ele estava dando uma demonstração que pode fazer comigo. Se eu não fizer esse esforço, por que ele manteria segredo? Por que faria qualquer coisa por mim?

— Vou fazer o jantar — respondo calmamente.

— E vai me deixar escolher algo bonito para você usar enquanto me serve?

Enquanto eu o sirvo. Digo a mim mesma que ele só está falando do jantar, mas é claro que as palavras foram cuidadosamente escolhidas para insinuar mais que isso. Fiz minha confissão, e esta é a penitência que ele escolheu para mim. Em vez de agradecer a Deus, devo agradecer a ele.

Então concordo. É apenas um jantar, apenas uma roupa. Eu preferiria rezar o terço centenas de vezes, mas talvez não seja apropriado. Parece tolice tentar levar algo sagrado para o inferno.

CAPÍTULO 7



QUANDO ENTRAMOS NA casa dele, vou direto para a cozinha. Dave provavelmente pensa que isso é submissão, mas a verdade é que eu só quero me afastar dele. Não sou uma cozinheira espetacular, mas também não sou horrível. Separo os ingredientes necessários para fazer um refogado fácil e rápido e tento esquecer o dia. A bancada está coberta de vegetais frescos e duas pequenas costeletas de cordeiro congeladas quando Dave entra na cozinha. Ele olha para as costeletas e fica

ofendido. Ele não gosta muito de carne vermelha, mas comprou o cordeiro para me agradar. Há alguns meses, uma vida atrás, ele tentou me fazer um jantar-surpresa, que ficou horrível. Nós dois rimos e eu acabei fazendo macarrão.

Mas ele não jogou fora as costeletas que sobraram. Eu *gosto* de carne vermelha e sou quem está cozinhando agora. Pego uma faca grande e a apoio cuidadosamente na tábua de corte.

— O vestido está na minha cama. Vá se trocar.

— Vou me trocar depois de fazer o jantar — digo enquanto pego o azeite extravirgem e um prato em que eu possa

pôr a carne para descongelar no micro-ondas.

— Não, vá se trocar agora. Para me deixar feliz.

Ele está muito longe de ficar feliz. Se estivesse feliz, eu teria ali o homem de quem um dia gostei, mesmo que não o ame mais.

Prendo a respiração. E, finalmente, admito a triste verdade: nunca amei o homem com quem aceitei me casar.

Eu só queria a vida que ele me oferecia, a organização, a estrutura e a previsibilidade. Tudo isso me parecia muito importante. Engraçado como esses “atributos” perderam grande parte da atração. Talvez não tenha sido a traição o

que mexeu tanto com ele. Talvez a falta de amor seja a culpada por essa transformação. Talvez a distância entre o que queremos e o que temos é que molde nosso comportamento.

Um vestido não vai resolver nada, nem vai deixar nenhum de nós dois feliz, mas, como não tenho uma ideia melhor, faço o que ele pediu; vou até o quarto para me trocar.

O vestido me faz rir. É ridiculamente provocante e algo que, sem dúvida, ele comprou hoje. Um tomara que caia preto. Uma faixa de tecido cobrindo os seios, e mais abaixo apenas uma tela preta que vai deixar minha barriga à mostra, até chegar a outra faixa de tecido que forma uma

microssaia. Vi uma foto de uma cantora pop usando algo parecido em um prêmio de música ou algo assim, mas duvido que Dave saiba que esse vestido foi copiado de uma peça só um pouco menos brega. Dave provavelmente considera essa roupa uma lingerie.

Eu me aperto para entrar no vestido. É extremamente justo e, estranhamente, me cai bem, mas é também um pouco vulgar. Muito mais do que o vestido Hervé Léger que usei em Las Vegas na noite em que conheci Robert Dade. Um olhar no espelho me diz que vou precisar trocar a calcinha que estou usando por uma fio dental.

Procuro entre os poucos itens de roupa que guardo aqui para ver se encontro alguma.

— Não vai dar para você usar calcinha com essa roupa — diz Dave.

Eu me viro e o vejo em pé à porta. Sorrio levemente.

— Está tentando me humilhar? — pergunto.

Ele dá de ombros; seu silêncio já diz tudo.

Não vou dar essa satisfação a ele. Não por causa de um vestido que vou usar dentro de casa.

— Por que eu ficaria constrangida? Ontem mesmo você me viu com menos roupa que isso.

Deixo que minha mão deslize pela minha barriga exposta e, depois, suba por baixo da saia. É preciso algum esforço para tirar a calcinha sem mostrar nada, mas consigo, e então jogo a calcinha para Dave, que a pega com uma das mãos. Ele parece levemente envergonhado e um pouco excitado.

Vou até ele, me inclino e sussurro:

— Se me tocar, eu mato você.

Passo por ele e vou para a cozinha fazer o jantar, deixando-o para trás com uma ereção, e ele vai ter que se virar sozinho com isso.

É difícil preparar o cordeiro com meus movimentos limitados pelo vestido. A culpa que sinto pelo que fiz está se

dissipando lentamente a cada tentativa patética de Dave de me rebaixar. Os ataques de Asha são sofisticados e executados com uma graça perversa, mas os de Dave são desajeitados e só atingem o alvo por um golpe ocasional de sorte. A única vantagem que ele tem é que, ao contrário de Asha, ainda não entendo plenamente qual é sua motivação.

O que ele tem a perder se ligar para meus pais ou para seu padrinho agora? Será que está apenas brincando comigo até resolver acabar com tudo? Estou nesse jogo para conseguir me salvar ou apenas para conseguir mais tempo?

O óleo na frigideira chia e espirra quando coloco pedaços de carne vermelha

sangrenta. Pego os vegetais e os corto com movimentos precisos e violentos.

Tenho lutado como uma civil, atacando selvagememente tudo que se pareça com um inimigo. Preciso ser um soldado. Preciso de um plano de batalha.

Enquanto manejo a lâmina na tábua de corte, fico pensando se a violência vai continuar metafórica. Até onde posso aguentar, antes de explodir?

Vinte e cinco minutos depois, o jantar está quase pronto, mas antes que eu pegue um prato, a campainha toca.

Hesito. Não parece ser coincidência. Olho para meu vestido. Uma coisa é usá-lo na frente de Dave; outra bem diferente é usá-lo diante de outra pessoa.

Então um pensamento louco me passa pela cabeça.

E se for Robert Dade?

Imagino Robert passando pela porta.

Ele nem vê Dave, só a mim.

— *Você não precisa fazer isso por mim — diz ele.*

E, de repente, percebo que, sempre, o importante fomos nós dois. Não Dave. Olho para Dave e o vejo desaparecer, como um fantasma ou uma sombra destruída pela luz.

É uma fantasia indulgente, que não me permito prolongar por mais de um minuto, mas é o bastante para me excitar. Meu coração acelera; sinto uma pontada de desejo...

É até patético. As chances de ser Robert à porta são minúsculas, quase nulas. Ele nem sabe onde Dave mora. Ele não está aqui, então por que estou me sentindo assim?

Conheço você, Kasie. Sei que, mesmo quando não estou por perto, estou dentro de você. Posso tocá-la com um pensamento.

A campainha toca de novo, me despertando das fantasias e lembranças. Mas agora já sinto uma leve umidade entre minhas pernas.

Não devia ter tirado a calcinha. Receosa, vou até a entrada da cozinha enquanto Dave vai abrir a porta.

— Quem é, Dave? — pergunto.

Ele olha por cima do ombro com um sorriso sarcástico. Há malícia em seus olhos quando ele abre a porta.

Tom Love está ali, com uma garrafa de vinho na mão e uma expressão intrigada no rosto.

— Eu não sabia se deveria trazer alguma coisa — diz ele a Dave, hesitante, como se não tivesse certeza do que está fazendo ali. — Não esperava o convite.

Então os olhos de Tom me encontram. Ele vê o vestido e sua boca se abre, seus olhos se arregalam... e ele sorri maliciosamente.

— Para o quê, exatamente, eu fui convidado?

A vergonha sobe pelo meu corpo, brotando em meus pés, passando por minhas pernas, escalando até envolver meus pulmões e apertá-los com a força de uma serpente.

— Lembra que eu disse que seu chefe vinha jantar? — pergunta Dave. Ele se aproxima de mim; cada passo tem o eco vazio do rancor. — Quando planejei nossa festa de noivado, as únicas pessoas de sua empresa que você conhecia o bastante para convidar eram meu padrinho e Asha. Então percebi que a maioria de seus superiores não conhece você fora do escritório. Pensei que o sr. Love deveria vir dar uma olhadinha. — Os olhos dele vão para a barra de minha saia. Fico

tentada a puxá-la, para tentar deixar o vestido um pouco mais comprido, mas seria inútil. Além do mais, puxar a barra deixaria o decote baixo demais, expondo as auréolas rosadas de meus seios. Estou extremamente consciente da umidade entre minhas pernas, sinto-a escorrendo, então me contorço um pouco, pensando em algum modo de sair dali.

— Não vou me juntar a vocês — digo calmamente.

Essa afirmação me rende um olhar sério de Dave e um surpreso de Tom.

— Não vai? — pergunta Tom, entrando e fechando a porta.

Os olhos dele se desviam de mim para Dave, depois voltando a me fitar. Ele olha

o vestido, parecendo gostar do que vê, mas o desejo desaparece quando ele começa a entender a situação.

— Você não sabia que Dave tinha me convidado.

Faço que não com a cabeça, mas Dave coloca um braço pesado em meus ombros nus.

— Não importa. Ela fez o bastante para três pessoas. Kasie não come muito.

Eu me imagino arranhando o rosto dele com o anel que ele me obriga a usar. Sangue vermelho em uma pedra vermelha.

— Não vou me juntar a vocês — repito, mas, de repente, o braço de Dave me aperta quando ele me puxa para si.

— Mas você tem que se juntar a nós, Kasia — diz ele.

De novo, a imagem de uma serpente passa pela minha cabeça. Dave fala com a voz da cobra: — Sobre o que Tom e eu vamos conversar, sem você? Vamos apenas falar de negócios, como aquela conta em que você está trabalhando. Maned Wolf, não é? Com o sr. *Robert Dade*?

— Ah — diz Tom, colocando gentilmente o vinho Borgonha na mesa.

Percebo que ele compreende a situação, mas não fica surpreso. Tom mantém os olhos na mesa, talvez analisando as peças do quebra-cabeça metafórico que acabam de ser expostas.

— Vamos precisar de três pratos — diz Dave, em tom definitivo.

O papel de líder não foi feito para ele. Não lhe cai bem, e ele parece mais vulnerável na pele desse personagem, como um menino usando as roupas do pai.

Mesmo assim, a bala é certa novamente. Tom é meu chefe, e, embora eu respeite sua competência profissional, não gosto dele. Não gosto de como ele molda a ética e a moralidade para servirem a suas ambições. Não quero que ele me veja vestida assim, com uma minissaia que mal cobre meu quadril, com um decote que expõe a curva dos meus seios... Nada disso é para os olhos de Tom.

As ameaças de Dave não foram sutis. Tom entendeu as nuances tão bem quanto eu. Ele sabia, muito antes de vir a este jantar, que meu relacionamento com Robert era mais do que platônico, o que não quer dizer que eu desejo discutir a questão com ele. Não quer dizer que eu desejo encarar a vergonha de ele saber... e me julgar. Será que ele é como Dave? Será que também me considera uma puta?

— Os pratos — diz Dave.

Eu me viro e vou para a cozinha. As batidas de meu coração acelerado estão tão fortes que fazem meu corpo inteiro tremer. Como posso ter feito isso com minha vida? E por quê? Sexo com um

estranho? Um caso ilícito? Eu pensei mesmo que valia o risco?

E valeu? As lembranças passam em rápida sucessão diante de meus olhos: flertando enquanto tomo uísque; discutindo negócios em um restaurante; batendo nele com um travesseiro, fazendo-o rir; deitando na cama dele, sentindo seu peso em mim; as mãos dele em meu quadril, me erguendo para poder mergulhar mais fundo em mim; seu toque em meu clitóris; ele me provocando enquanto mete em mim. Mal consigo respirar... Nem quero...

O que estou fazendo?

Estou com uma crise nas mãos. Meu noivo está me tratando como uma vadia na

frente de meu chefe, e eu estou fantasiando com meu amante?

Não, responde meu demônio, você só está lembrando por que valeu a pena.

Tento afastar esses pensamentos de minha cabeça e divido o refogado em três porções.

As mãos de Robert estão em meus seios, apertando gentilmente meus mamilos.

Pego três taças para o vinho.

Sinto os beijos de Robert traçando um caminho entre meus ombros.

Ouçó o murmúrio baixo de vozes masculinas vindo da sala de jantar enquanto separo cuidadosamente os talheres. Meus mamilos estão duros e

pressionando o tecido deste vestido horrível.

Inspiro profundamente e me concentro. Vou fazer tudo bem devagar. Deixar que a fantasia siga seu curso e me fortaleça. Quando faço amor com Robert, sempre começo me sentindo vulnerável e termino me sentindo forte. Preciso encontrar essa força hoje.

— Kasie.

Eu me viro rapidamente, surpresa por ouvir a voz de Tom tão próxima. Os olhos dele descem imediatamente para meus seios, e eu cruzo os braços no peito, tentando esconder a evidência de meus pensamentos. Mas esse gesto apenas faz o vestido subir, e eu o abaixo depressa,

torcendo para que ele não tenha notado que tudo ficou à mostra por um momento.

Ele vira a cabeça para o outro lado, mantendo os olhos no chão.

— Onde está Dave? — pergunto.

— Acabei de comprar um Porsche novo e disse para ele ir dar uma olhada.

— Você não foi com ele?

— Não. Eu tranquei Dave lá fora.

Essa afirmação alivia meu constrangimento e me faz sentir algo que se assemelha a choque e admiração.

— Você trancou Dave fora da casa dele?

— Sim.

Ele ainda está olhando para o chão, mas posso ver sorriso em seu rosto.

Talvez eu goste de Tom, afinal de contas.

A menos que... Olho para mim mesma, novamente envergonhada.

— Por que você fez isso? — pergunto.
— Se acha que vai acontecer alguma coisa entre nós...

— Como assim? Está me dizendo que não posso transar com você na casa do seu noivo, enquanto ele está trancado do lado de fora, batendo na porta?

Não quero parecer estar me divertindo com aquela cena, mas é difícil esconder.

— Olhe, transar com você nestas circunstâncias, em *qualquer* circunstância, seria incrível, mas sei que

não vai acontecer. Sei que você não me quer aqui — diz ele.

Engulo em seco e não respondo.

Ele se mexe, de repente desengonçado e sem jeito.

— Também não posso transar com você porque está noiva do afilhado de meu patrão. Não acho que ele vá reclamar por ter sido trancado lá fora; ele deve ter algum orgulho. Mas transar com a noiva dele enquanto ela prepara o jantar? É, acho que isso pode fazê-lo ligar para o padrinho.

— Você é mais esperto que eu — digo, baixinho. — Fiz algumas coisas... sem pensar direito. Coisas que podem me fazer ser demitida.

Tom me encara.

— Sei o que você fez... Não sei os detalhes, mas sei... E não me importo. — Ele deixa que eu absorva o que acabou de dizer, depois ri suavemente. — Na verdade, eu me importo. Estou feliz por você ter transado com Robert Dade. Se eu achasse que transar com ele nos ajudaria a conseguir a conta da Maned Wolf, eu também teria transado com ele. Teria que beber muito antes, mas...

Um riso borbulha em minha garganta. Este momento é completamente absurdo.

Mas o sorriso de Tom desaparece quando ele continua:

— A questão, Kasie, é que se eu soubesse que *você* transar com ele nos

traria essa conta, eu teria até incentivado. E se você tivesse me dito o que estava acontecendo, eu teria ajudado a esconder tudo de Dave.

O riso morre, as bolhas estouram sob a pressão de minha censura, mesmo com minha própria hipocrisia latejando nas têmporas. Ele só está dizendo que faria as coisas que eu já fiz.

— Não transei com Robert para subir na carreira — digo em voz baixa.

Tom dá de ombros, indiferente às minhas motivações. É o resultado que interessa a ele.

— Só estou dizendo que, se o padrinho de Dave não fosse Dylan Freeland, todo mundo teria saído ganhando.

Olho para Tom de modo diferente, percebendo, pela primeira vez, como sua indiferença à moralidade me pode ser útil. Ele não está me criticando. Há apenas pragmatismo puro em suas ações, e um pouco de luxúria, que ele contém com habilidade admirável.

— O sr. Freeland é um ótimo empresário — continua Tom, com tranquilidade. — Mas, infelizmente para nós, ele é um homem de família ainda melhor. Se ele descobrir que você traiu o afilhado dele, você será demitida. Ele vai achar um pretexto adequado. Temos cláusulas em todos os contratos sobre comportamento adequado com os clientes, a importância de proteger a reputação da

empresa *etc. etc.* Ele vai dizer que você trocou favores sexuais por uma conta e acabou. Isso tudo virá a público; Freeland vai dar um jeito de fazer isso acontecer. Sua vida vai ficar mais dura.

Quando essa palavra sai de sua boca, ele hesita e muda de posição, desconfortavelmente. O movimento atrai minha atenção para baixo, e eu percebo seu estado físico e o trocadilho involuntário. Faço um esforço para não revirar os olhos. É realmente idiota ficar tão excitado por causa de um vestido. Ele poderia ir a qualquer praia e ver mulheres usando bem menos que isso. E, se fosse qualquer outra mulher, ele a comeria com os olhos ou a dispensaria, como se ela

fosse uma prostituta qualquer. Talvez ele nem me notasse, me considerando mais uma exibicionista de Los Angeles.

É a raridade de me ver vulnerável, de me ver expondo tudo que sempre ocultei, que o desarma. Ele sabe que não estou usando este vestido por vontade própria, e, por isso, tenho a impressão de que ele queria sentir repúdio, não excitação, por me ver dessa forma... porque ele não tem o direito de me ver assim. É um raio de decência em uma fria tempestade de cinismo.

Mas o corpo dele não está cooperando com os caprichos de sua consciência, e não posso culpá-lo por isso. Posso culpar Dave, mas não Tom.

Cuidadosamente, cruzo as mãos na frente do corpo. Parece que qualquer movimento faz o vestido subir mais um pouco.

— O que posso fazer? — pergunto.

Os olhos de Tom passam pela barra do vestido antes de voltarem ao chão.

— Um contra-ataque.

— Contra Dave? Como? Ele não fez nada que possa virar Freeland contra ele. Não sei de nada que possa manter Dave quieto.

— Você não está usando a imaginação — diz Tom. — Fatos podem ser comprados, como qualquer outra mercadoria. Às vezes em uma troca, às

vezes com dinheiro, mas sempre podem ser comprados.

É quando ouvimos uma batida forte na porta da frente. Tom suspira e balança a cabeça.

— Ele vai acordar os vizinhos com tanto barulho.

São apenas oito e meia da noite, mas entendo o que quis dizer. Tom volta para a sala. Eu o sigo a distância e paro quando ele abre a porta, revelando Dave, parado na soleira da própria casa, o rosto em um curioso tom de vermelho.

— Você me trancou lá fora de propósito!

— Não fiz nada disso — responde Tom, a mentira suave em sua língua. —

Não tenho ideia de como isso aconteceu.

Os olhos de Dave se voltam para mim.

— O que exatamente vocês dois estavam fazendo?

Quase solto uma risada. Ele chama Tom aqui para me ver seminua e agora está com medo de que ele tenha feito mais do que me olhar? Mais uma vez, eu me lembro de que, assim como eu, Dave é um amador quando se trata de crueldade.

Tom também percebe o humor na situação. Um leve sorriso brinca em seus lábios.

— Está preocupado de eu já ter provado o que você me trouxe aqui para experimentar?

Dave parece sentir o golpe. O controle é algo escorregadio, e seu domínio sobre ele é fraco. Reparo em como me olha. A hostilidade em seu olhar quase machuca.

Quase. Um fato sobre a crueldade: assim como acontece com a maioria dos venenos, quando são tomados em doses contínuas e pequenas, é possível desenvolver imunidade a eles.

— Acho que não vou ficar para o jantar, afinal — diz Tom.

Ele se vira para mim, claramente desconsiderando o homem a sua frente.

— O vinho na mesa é todo seu... embora eu tenha certeza de que você precisa de algo mais forte.

— Vou acompanhá-lo até o carro —
digo.

Tom concorda.

— Não se esqueça de levar a chave.
Essa fechadura é temperamental.

Sim, em muitos aspectos, Tom é mais esperto que eu. A visão dele não está anuviada por emoção ou dor. Pego as chaves em minha bolsa e saio.

— Ele está com raiva. Não quer desistir de você — diz Tom enquanto caminhamos, os olhos de Dave em nossas costas. — Nenhum homem em juízo perfeito ia querer.

O carro dele é de um peculiar tom cinza-escuro metálico que me lembra as janelas espelhadas do edifício onde ficam

os escritórios da Maned Wolf. Ele para na porta do automóvel com as chaves na mão.

— Você vai ficar bem?

Olho para ele, séria, analisando sua expressão. Eu nunca tinha visto Tom preocupado antes.

— Dave não vai me machucar — digo.

— Ele está machucando você *agora*, Kasie. Isso é abuso.

— Eu sei... mas quis dizer que ele não vai encostar a mão em mim, Tom.

— Posso levar você para casa — diz ele cuidadosamente. — Ou, se preferir, posso levar você até *ele*.

Fico vermelha, e Tom sorri ironicamente.

— É melhor fingir que não sei de nada?

Faço que sim com a cabeça. Meu reflexo na pintura metálica do carro é distorcido e fragmentado.

— Muito bem. Até onde eu sei, faz anos que Dave é o único homem com quem você tem alguma coisa. Seu relacionamento com o sr. Dade é puramente profissional. Entendido? — diz ele enquanto abre a porta do carro. — Os fatos podem ser comprados. Às vezes o preço é apenas um sorriso.

Mas eu não estou sorrindo. Não digo coisa alguma, e conforme ele sai com o carro, vejo meu reflexo no exterior prateado e brilhante mudar e desaparecer.

Quando volto, Dave ainda está na entrada, sua fúria amortecida pela insegurança. Passo por ele e espero que feche a porta antes de me virar para encará-lo.

— Sou mais forte do que um vestido. Sou mais forte do que tudo isso.

Minhas palavras são monótonas, sem inflexão. Essas são verdades simples que não precisam de reforço.

— Achou que Tom Love fosse esquecer quem eu sou? Achou que ele fosse me ver neste vestido e me tratar diferente da mulher que ele sabe que eu sou? Trabalho com ele faz cinco anos e meio.

— Sim — responde Dave. — E eu sou seu namorado há seis. Mas, como já disse, não sei mais quem você é. O que sei é que as roupas que você usava não combinam mais com você. Essa sim combina.

Sinto o tecido barato em meu corpo, o ar entre minhas pernas, me lembrando do quanto estou exposta. Eu deveria estar me sentindo vulnerável, mas não é o que acontece. Ele está fraco, desesperado. Sinto-me tão vulnerável na frente dele quanto me sentiria diante de um pássaro com asas quebradas.

— É assim que você quer nos definir agora? — pergunto, insolente. — Você sempre tentando me diminuir e eu sempre saindo por cima?

— Está falando sério, Kasie? — sibila ele. — Olhe só para você! Está vestida como uma vagabunda!

— E, mesmo assim, Tom não viu uma vagabunda.

Dou um passo na direção dele. Um impulso idiota assume o controle e continuo: — Robert também não me viu assim.

— Você vai falar dele para mim? Em minha casa?

Sorrio. Em um romance vitoriano, ele teria acrescentado um “Como ousa?”. Com uma sobrancelha arqueada, respondo à pergunta que não foi feita: sim, ousa.

Mas preciso ser cuidadosa. Assim que Dave desistir, assim que ele achar que

todas as tentativas possíveis de tortura serão inúteis, ele vai dar fim a tudo com um telefonema. E Tom estava certo em suas previsões. Se ele realmente contar tudo para aqueles que vão se importar com o que fiz, para as pessoas com quem *eu* me importo, minha coragem recém-descoberta será arrancada como a casca de uma laranja. Vou perder tudo.

Então suavizo meu tom e lhe ofereço uma trégua em vez de um golpe:

— Também não acho que você me vê desse jeito. Acho que você está com raiva. Mas que, talvez, você tenha sido sincero quando disse...

— Quando eu disse o quê?

Ele cospe as palavras como uma serpente esguichando veneno.

— Quando disse que queria que eu fizesse você sentir amor. Acho que você quer me amar de novo.

Ele dá um passo em minha direção, hesitante a princípio, depois outro e mais outro, ficando um pouco mais confiante e um pouco mais agressivo a cada movimento.

— Ele era diferente de mim, não é? Mais explosivo? Mais bruto? Mais dominante?

— Então é isso? — pergunto, cansada.
— Domínio?

— Quero uma chance. — A mão direita dele escorrega para minha nuca e

me mantém parada. — Posso lhe dar o que você quer.

A mão esquerda dele vai até meu seio.

Dou um tapa no rosto dele.

Lentamente, sem desviar os olhos dos meus, ele abaixa as mãos e se afasta, pegando as chaves que estavam em uma mesinha na sala.

— Aonde você vai? — pergunto, enquanto ele abre o armário dos casacos.

— Vou sair. — Ele sorri ironicamente antes de continuar: — Preciso de espaço para pensar se vou destruir você ou não. Não me espere acordada. Vou ter que pensar bastante.

O ar está carregado. Talvez eu tenha ido longe demais. Mas ele está me

deixando sem saída, e a violência que ele continua bombeando para meu coração é difícil de controlar.

— Meu carro ainda está no escritório — digo baixinho.

— Você não vai precisar dele — diz Dave, decidido. — Quero que fique aqui esta noite. A obediência é a única coisa que pode salvar você.

Desta vez, não discuto. Seria inútil. Apenas fico ali parada, enquanto ele sai.

Em minha mente, a nova fantasia é que ele nunca volte.

CAPÍTULO 8



FICO SOZINHA NA sala de estar por segundos, minutos, uma breve eternidade, enquanto tento imaginar alguma aventura que me distraia e me tire deste lugar. Sobre o que devo fantasiar agora? Sobre nadar nas ondas suaves do Mediterrâneo? Dançar em Nova York? Mas minha mente fica, teimosamente, no aqui e agora. Alguns dias... Quantas vidas eu fiz caber nesse breve intervalo de tempo?

Eu me apoio à parede, subitamente tonta. Parece impossível que eu esteja correndo o risco de perder para um

adversário tão inexperiente. Não estou acostumada a este tipo de luta. Meus oponentes sempre foram meus próprios desejos e lembranças, e a guerra sempre foi interna. E mesmo nessa guerra, meus adversários eram os conquistadores. Eles venciam minhas defesas e ocupavam minha mente com ambições colonizadoras, me levando a uma espécie de inferno, onde a dominação e a servidão eram os meios de sobrevivência mais óbvios.

Ouçõ passos se aproximando lá fora, perto da porta. O que Dave pode ter esquecido? Talvez um insulto ou uma ameaça que ele tenha deixado de me fazer.

Eu me afasto e observo quando a maçaneta se mexe, só uma fração de centímetro para um lado e depois para outro. Por que ele simplesmente não vira a chave?

Mas, ao observar a maçaneta se movendo, percebo que tenho outro problema.

A pessoa do outro lado da porta não tem a chave.

A pessoa do outro lado da porta está tentando invadir a casa.

Eu corro, sem me importar com o vestido subindo, sem me importar com o que pode ficar exposto. A roupa não importa, desde que eu consiga manter este novo pesadelo do lado de fora.

Tento alcançar a trava de segurança, mas é tarde demais. A porta se escancara, e eu recuo tão depressa quanto avancei, querendo fugir, mas sabendo que será inútil.

Mas então vejo que o invasor não é um estranho. É Robert Dade.

Os olhos dele absorvem minha presença muito rapidamente, e depois ele passa por mim, indo até o meio da sala, os punhos fechados ao lado do corpo, sua energia feroz inundando o cômodo.

— Cadê ele?

Robert está de costas para mim, o que é bom. Minha raiva, minha vergonha e minha humilhação estão me fazendo pegar

fogo, e ele se parece muito com querosene.

— Saiu. Como você soube que eu estava aqui? Como soube onde Dave mora?

— Seu chefe me ligou.

Bom, temos um herói improvável. Quase digo isso em voz alta, mas sinto que Robert não está com humor para conversas casuais. A postura dele me lembra de um tigre observando a presa, pronto para dar o bote.

— Quando ele volta?

Ele está mais exigindo a informação que simplesmente perguntando.

Já exigiram demais de mim.

— Posso cuidar disso sozinha, Robert.
Não preciso de você.

Ele se vira, e sua fúria vai de encontro a minha frustração.

— Vá tirar este vestido. Você é melhor que isso. Não devia ter aceitado o papel de escrava de Dave.

— Não sou uma escrava.

— Tire o vestido!

Fico parada. Me sinto como uma estudante na Praça da Paz Celestial, desafiando um tanque que se aproxima.

Ele solta o ar por entre os dentes cerrados, irritado, mas então, quando desvia os olhos, seu foco se desvia também. Em uma mesa lateral, ele vê uma foto emoldurada. Somos Dave e eu em

dias mais amenos. Ele está usando um terno de lã azul-marinho, com uma sóbria gravata cinza, e meu cabelo está preso em um coque intrincado. Existe uma sofisticação quase antiquada na roupa que estou usando, de decote enfeitado, em que a leveza do tecido e o peplum são as únicas pistas da forma feminina ali embaixo. Dave está com a mão em minhas costas e eu estou sorrindo, relaxada, para a câmera. É uma imagem que poderia ter sido retirada de uma revista. Estamos perfeitos.

Estátuas romanas, foi a elas que Simone nos comparou: perfeitas e frias.

Robert pega a foto e a examina mais de perto.

— Não sei se conheço esta mulher.

— Eu conheço. — Fico atrás dele, espiando por cima de seu ombro para ver a foto. — Só não sei onde ela foi parar.

Robert coloca a foto de volta na mesa.

— Deixe que ela continue perdida.

Ele se volta para mim, a raiva suavizada pela preocupação.

— Não vou deixar que ele faça isso com você.

— Não acho que você pode me salvar e... não... não sei se quero que você me salve.

Um relance de mágoa passa pelo rosto dele. Ele estica a mão e segura meu rosto.

— Você não pode me pedir para deixar isso acontecer. Não vou fazer isso.

De repente, fico confusa. Se ele puder me ajudar, por que eu não deveria deixar? Será que é porque não quero admitir ser uma donzela em perigo? Será que dou mais valor a meu orgulho ferido do que a minha liberdade? Que condenado insistiria em fugir da prisão sem ajuda?

No entanto, por mais que eu queira Robert, não consigo deixar de pensar que seu afeto pode ser infinitamente mais perigoso que a hostilidade de Dave.

— Tire esse vestido — diz ele mais uma vez. — Odeio que isso encoste em você. É como se ele estivesse segurando você a distância.

Eu quero dizer sim, abraçando a mim mesma, humilhada. Dou um passo para

trás, afastando-me do toque de Robert. Continuo a recuar e Robert me segue, deixando que eu dite o ritmo. É um tango estranho, em que a mulher guia... mesmo que por apenas uns poucos compassos.

Eu o levo para a sala de jantar. A mesa não chegou a ser posta e nela há apenas uma garrafa de vinho fechada, um lembrete dos planos fracassados de Dave e de minha pequena vitória. Coloco a garrafa em uma cadeira.

— Ele não está aqui — digo, e seguro a barra do vestido, erguendo-o acima do quadril, desnudando minha barriga, meus seios, até que, com um pouco de esforço, a peça sai, e eu fico ali, completamente nua, diante de meu amante. — Ele não

está me tocando — digo. — Ninguém vai me tocar sem eu deixar. Se alguém tentar, vai pagar pelo erro. Mas você vai ter que me deixar decidir o preço. Eu. Não você.

Robert me encara fixamente. Os olhos dele estão famintos, mas ainda sinto sua irritação. Mas não é comigo que ele está irritado. Ele está irritado com a noite, com qualquer parte desta cidade onde Dave esteja, tomando decisões sobre minha vida.

— Não vou fazer de conta que não vi nada, Kasie. Não sou assim.

Eu ouço o que ele diz, mas não presto atenção por completo. Estou olhando para a mesa. Em sua superfície polida, vejo a noite que Dave planejou para mim. Até

que ponto teria ido o jogo, se Tom tivesse cooperado? E Asha, até que ponto ela planejava me pressionar? Será que todos me achavam fraca? Será que pensavam que eu abriria mão de tudo tão facilmente?

— Kasie, você me ouviu?

Ignoro a pergunta, redirecionando a energia dele para onde quero: — Gostaria de me tocar, sr. Dade?

A respiração dele fica presa na garganta. Ainda sinto a raiva, mas ela parece mais distante agora, permitindo que ele explore sensações mais intensas.

— Eu fiz uma pergunta.

Deixo que meus dedos corram pela mesa. Meu jogo é muito perigoso. Não sei quando Dave vai voltar para casa. Não

sei o que Robert vai fazer com Dave se ele aparecer. Não sei se o que estou fazendo agora vai deixar meu mundo em pedaços. Estou arriscando tudo por um momento de prazer, para celebrar uma vitória passageira. Mas estou começando a acreditar que a vida é feita de momentos passageiros e de pequenas celebrações. Sem isso, só existe dor, medo, ambição e, para algumas pessoas, uma esperança fútil.

— Dave queria que eu servisse a ele e Tom Love nesta mesa — digo. — Queria que eu fizesse o papel de submissa. Queria me controlar. Ele não conseguiu o que queria. Eu venci. Vai me ajudar a celebrar, sr. Dade? Você, eu deixo.

Robert não faz nada de imediato. Mas, quando se move, é rápido, cruzando o espaço entre nós em segundos e tirando a camisa para que nossa pele nua se encontre em um abraço quente.

— Quero que você me possua aqui — murmuro enquanto os dentes dele mordiscam meu ombro.

Tiro o cinto dele.

— Quero que você me possua na mesa em que eu me recusei a servir Dave.

— Tem certeza?

— Tenho — digo quando o cinto dele cai no chão. — Você, eu deixo.

Então sou erguida e colocada na mesa, como uma iguaria que será saboreada.

Ele tira o restante das roupas e eu o observo. Os músculos criam pequenas colinas e vales pelo peito e pela barriga. Seus braços e coxas são igualmente fortes e sedutores. Esse é um tipo diferente de perfeição. Ele é esculpido, mas não como o David de Michelangelo. Ele é feito de algo muito mais vibrante que mármore. É uma canção com ritmo forte e melodia áspera. A ereção dele me toca, outro lembrete óbvio de sua vitalidade.

Ele se inclina para a frente e passa os dedos por minha barriga. Parece que está desenhando ali as letras de uma palavra — “tesão”, “amor”, não sei bem, seu toque é muito rápido. Inspiro seu perfume enquanto seus dedos continuam a dançar,

subindo por meu pescoço, parando sob meu queixo. Ele me observa como alguém observaria um eclipse, cheio de expectativa e êxtase. Seus dedos continuam a se mover, agora descendo até meus seios. Ele acaricia um mamilo, depois o outro. É muito diferente do toque invasivo de Dave.

Eu interrompi Dave. Se ele tentar me tocar de novo, vai sentir mais uma vez a ferroada de minha recusa. Ele nunca mais vai conseguir nada comigo. Não com chantagens, não através da força. Não vou deixar.

Mas Robert eu deixo, e seus dedos passam pela curva de minha cintura e pelo meu quadril. Suas mãos separam

suavemente minhas pernas, me abrindo. Sinto meu corpo reafirmando silenciosamente meu desejo, reforçando-o com o ritmo irregular de minha respiração a umidade entre minhas pernas. Ele ergue uma delas, beija meu tornozelo e depois sobe lentamente. Cada beijo é diferente. Ali, onde o músculo interno de minha coxa começa, ele suga a pele bem levemente, e ali, logo acima, sua língua prova o sal de meu corpo. Ali, mais perto de meu sexo, os beijos se tornam gentis, quase inocentes, uma contradição direta com sua intenção óbvia.

Seguro o cabelo dele, tentando puxá-lo para cima, mas ele não se apressa; deixa

que a expectativa me aqueça, antes de sua boca alcançar seu destino.

Mas, quando isso acontece, quando sinto seus lábios envolvendo meu clitóris em um beijo molhado, é como se o querosene realmente encontrasse as chamas. Seguro as bordas da mesa, me ancorando em sua solidez. Mais uma vez, imagens do que estava planejado para acontecer ali me passam por minha cabeça. Eu, exposta, servindo homens contra minha vontade.

Mas a imagem se desfaz quando sinto a língua dele dentro de mim, me penetrando, para então sair e depois entrar de novo. A mão dele desliza para baixo de meu

quadril, me erguendo, melhorando tudo para nós dois.

Não há mais imagens. Estou cega para tudo, e, como qualquer cega, meus outros sentidos estão aguçados. A sensação das mãos dele em minha pele provoca um êxtase único. Cada toque de sua língua é como um delicioso choque elétrico; meu coração está batendo de um jeito trovejante e lindo.

Meu orgasmo, quando chega, é maravilhoso, como um ótimo champanhe estourando.

Então Robert me puxa. Ele fica de pé e eu continuo deitada sobre o carvalho polido, as pernas apoiadas no peito dele. Sinto sua ereção em minhas coxas,

ansiosa por entrar em mim. Dou minha permissão, erguendo o quadril. As mãos dele logo me seguram, me mantendo no lugar, enquanto arqueio as costas.

Ele me penetra de novo e se mexe devagar, sentindo o prazer desta hipnose firme, cadenciada. É isto que significa *sentir* a beleza, provar a textura do êxtase.

Por um momento, penso escutar música, como em minha fantasia, mas são apenas nossas respirações, os rugidos dele combinados com meus gritos de prazer quando ele mete em mim, de novo e de novo.

E se Dave chegar? E se ele vir Robert fazendo amor comigo em sua casa, na mesa em que lhe servi café, onde ele

queria que eu me sentasse a seu lado, como a perfeita esposa submissa?

Ele espalharia a notícia para o mundo, para minha família e para meus chefes.

Mas, enquanto Robert me penetra, percebo que não me importo. Esta é minha rebelião. É um dia de sol em meio a uma temporada de chuva, e não vou desperdiçá-lo.

Então a dança muda. Ele me solta, se afasta, me deixa deitada na mesa. Por um momento, fico confusa e desorientada. Não estou preparada para que tudo aquilo acabe.

E ele também não. Robert me levanta até que eu esteja sentada de frente para ele e me olha. A intimidade de um olhar

pode ter seu próprio erotismo. Passo as pernas ao redor dele e me inclino para trás, me apoiando nas palmas das mãos. O convite não podia ser mais claro. Com um único impulso, ele está novamente dentro de mim, agora mais profundamente. Grito enquanto ele se inclina para a frente, mordiscando minha orelha antes de sua língua estimular as terminações nervosas ali.

— Ele nunca mais vai encostar em você — murmura ele, acelerando o ritmo.

A mesa vibra com nosso movimento, mas é sólida e forte, mais forte que as regras que um dia estabeleci para mim mesma, mais forte que as ameaças de meus inimigos, mais forte que meu

autocontrole, que se desfaz no momento em que Robert aparece.

— Sou o único homem com quem você vai fazer amor agora.

Sinto meu corpo todo tremer, e meus músculos começam a se contrair.

— Vou comer você na casa dele, na minha, em seu escritório, em mil camas ao redor do mundo. Mas isto... — Ele mete ainda mais forte. — Isto é meu.

Grito mais uma vez quando outro orgasmo me percorre inteira. Sinto que Robert me acompanha, sinto-o gozando dentro de mim, sinto-o tremer enquanto toma posse de mim do único jeito que um homem pode realmente possuir uma mulher.

Olho em seus olhos e digo apenas uma palavra:

— Sim.

Ficamos abraçados por minutos que parecem segundos... ou dias. Ouço a respiração dele, sinto seu coração, sinto o cheiro de seu perfume.

— Você vem comigo — diz Robert.

Ele não está exigindo. Está apenas enunciando um fato.

Passo os dedos por sua nuca e olho para as paredes brancas da sala de jantar de Dave, me despedindo em silêncio de minha prisão.

CAPÍTULO 9



VISTO AS ROUPAS que usei para ir ao trabalho, mas, antes de Robert e eu sairmos da casa de Dave, dobro o vestido ultrajante com cuidado e o coloco no meio da mesa de jantar. Robert assente com a cabeça, aprovando. Ele não sabe do bilhete que coloquei dentro do tecido frágil. Um pedacinho de papel branco com um recado escrito à mão: *Faça o que quiser, mas não vou mais aguentar isso.*

Você sente falta da mulher que era leal, eu sinto falta do homem que era gentil.

*Adeus,
Kasie.*

Robert afastou a névoa de minha mente. Eu a senti escapar pelos meus poros, misturada ao suor de nosso sexo, e, depois, evaporar por completo. Robert acha que vou deixá-lo me salvar. Dave vai pensar que joguei a prudência pela janela.

Os dois estão enganados. Ainda estou em guerra. Mas agora estou pronta para lutar como um guerreiro.

Mas até as guerras têm momentos tranquilos, momentos em que o fogo cruzado é tão inexpressivo que bem poderia ser confundido com balões estourando. Sinto essa paz efêmera

enquanto nos afastamos no Alfa Romeo de Robert, um carro que parece uma obra de arte e cheira a poder. Não conversamos. Em vez disso, aprecio o movimento da mão dele no câmbio de marcha, o modo como ele acaricia o volante revestido de couro. Quase sinto ciúmes do carro, por estar sendo manuseado de modo tão firme e carinhoso, mas logo chegará minha vez.

Já estive na casa de Robert antes, mas quando finalmente passamos pelo portão da frente, e toda a cidade brilha diante de mim com entusiasmo e expectativa, não posso deixar de ficar um pouco assustada com a magnitude da vista. Ele me leva para dentro e percebo que me sinto desconfortável e um pouco tímida. Da

última vez que estive aqui, fizemos amor na enorme cama dele, várias e várias vezes, e depois conversamos. Foi muito confortável. Eu fiquei à vontade. Eu me pergunto se Robert espera que eu me sinta do mesmo jeito agora. Não consigo, obviamente. Ainda não.

Ele parece entender, ou talvez apenas esteja vendo o rubor em meu rosto e pressentindo que não deve acelerar as coisas. Ele me guia quase formalmente para o sofá de couro marrom-escuro, na sala de estar, e desaparece para pegar uma bebida.

Eu me sento, rígida, imaginando se ele vai me trazer uísque, a perigosa bebida que deu início a tudo isso.

Preciso estar lúcida esta noite. A batalha está cada vez mais perto para cometer esse tipo de indulgência.

Quando Robert volta com uma grande caneca verde, sinto cheiro de chocolate quente e a pego ansiosamente, provando com prazer o sabor agridoce. É uma bebida tão inocente que me pergunto se a mereço. Espero que sim. Espero absorver algumas dessas características doces e quase infantis. Quero sentir só um pouquinho dessa inocência.

Robert se senta a meu lado.

— Vou falar com Dave amanhã.

— Não — digo de imediato. — Essa briga é minha.

— Love me disse que Dave pode usar nosso caso para fazer você ser demitida. Não vou deixar isso acontecer. Nem mesmo Freeland abriria mão dos meus negócios por lealdade àquele afilhado escroto.

— Asha também sabe — digo.

— Asha?

— Você a conheceu. Ela faz parte da minha equipe.

Robert dá de ombros, sem entender por que ela seria importante.

— O que ela sabe não importa. Todo mundo pode saber. Isso não vai afetar sua posição. Eu vou...

— Você vai cuidar disso? — digo, terminando a frase, com um tom mais duro

do que pretendia.

É inútil. Não posso internalizar a doçura do chocolate, só o amargo. Olho fixamente para a lareira.

— Ela acha que só consegui o emprego porque estava dormindo com Dave, o afilhado escroto que você quer tanto confrontar.

— E daí? — diz Robert, ainda sem entender o problema.

— E daí que agora ela acha que só vou manter meu emprego porque estou dormindo com você.

A compreensão emana dos olhos dele.

— E quem se importa com o que as pessoas pensam, Kasie? Elas não importam. Só você e eu importamos.

— Se isso fosse verdade, o mundo seria bem diferente do que é. Se isso fosse verdade — digo, cada palavra soando um pouco mais irritada —, seríamos deuses. Osíris e Isis. Zeus e Hera. Mas não é bem assim, é? Afinal de contas, até eles tiveram que levar as outras divindades em consideração.

— Você está brava comigo?

Quase digo que sim, mas percebo que não é verdade. Não exatamente.

— Estou brava porque quero que tudo seja tão simples quanto você diz que é, e estou brava porque não pode ser assim. A culpa é minha. Não posso ser vista como a vagabunda do escritório. Preciso ser respeitada para fazer meu trabalho.

Preciso ser respeitada para conseguir respirar.

— Eles vão respeitá-la quando você tiver sucesso. Só precisam vê-la trabalhando para saber que você merece o cargo que ocupa.

— Mas eles não vão ver isso. Vão ver apenas o que eu fiz e vão treinar os olhos para enxergar a puta que Dave e Asha acreditam que eu seja.

— Tom Love não vai pensar isso de você.

— E será que Tom vai ficar para sempre na empresa? Será que ele vai ser sempre meu chefe? Você pode me garantir isso?

Robert se recosta no sofá e me olha com ternura.

— Sim, eu posso. Posso garantir que Tom nunca tenha uma razão para deixar o cargo que ocupa. Posso moldar o mundo do jeito que você quiser. Dinheiro e poder são as únicas moedas necessárias quando o objetivo é influenciar a indústria. Eu tenho os dois. Deixe que eu lhe compre um pouco de paz.

Tenho vontade de rir. Ele vai fazer chover dinheiro, e, como uma stripper, Tom deve ficar de joelhos e pegar as notas de dólar que caírem. Suponho que Robert espere o mesmo de quase todos para quem ele joga seu dinheiro. Talvez, algum dia, espere isso de mim.

Mas ele não pode comprar a aprovação de meus pais. E não pode comprar o respeito de meus colegas de trabalho. Só pode lhes dar um incentivo para esconderem seus verdadeiros sentimentos. Sempre vou saber o que eles falam pelas minhas costas. E não posso permitir que Robert force Tom a uma carreira estagnada. Em algum momento, terei outro chefe, outro homem ou mulher que vai ficar se perguntando o que vou fazer para conseguir minha próxima promoção. Vou receber clientes convictos de que poderão flertar comigo durante as reuniões, vou comparecer a conselhos cheios de homens famintos, prontos para comer a mulher que é famosa por vender o

corpo para subir na carreira, distribuindo favores sexuais como se fossem cartões de visita.

Robert está longe de ser idiota. Se ele parasse para pensar, veria como tudo isso é impossível. Mas ele não está pensando, está sentindo. Ele diz que quer moldar o mundo, e, assim tão tarde da noite, logo depois de fazer amor comigo na mesa de jantar de outro homem, tem certeza de que pode fazer isso.

Amanhã, a realidade vai nascer com o sol. Mas hoje à noite, provavelmente não. Então engulo meu pessimismo junto com o chocolate e apoio gentilmente a mão no joelho dele.

— Estou cansada — digo. — Só quero que me leve para a cama.

Talvez o chocolate quente tenha trazido alguma inocência para esta noite, afinal, porque pela primeira vez Robert e eu ficamos juntos na cama sem mergulhar no oceano de energia sexual que sempre existe entre nós. Em vez disso, ele me empresta uma de suas camisas e nos aconchegamos debaixo dos lençóis. Ele está dormindo agora, e sua respiração é estável e calma, o que aplaca minha ansiedade. Por um breve momento, quase acredito nas promessas falsas que ele fez. Sinto-me realmente segura aqui, nos braços dele, neste palácio de riqueza

capitalista. Não é isso o que eu sempre quis? Segurança, riqueza, sucesso?

Sim, mas quero que essas coisas sejam reais, não apenas fachadas. Quero que o sucesso seja meu. Não posso compartilhar dos sonhos de Robert se não correr atrás dos meus. Penso em Dave, a contragosto. Percebo agora que nosso relacionamento nunca deu realmente certo, mas também entendo por que parecia me seduzir tanto. Os sonhos dele pareciam tanto encaixar nos meus. Parecia que nos complementávamos. Ele conhecia mais pessoas importantes, mas eu tinha uma formação melhor. Sim, ele é um advogado com diploma da Notre Dame, mas eu tenho um mestrado da Escola de Negócios

de Harvard — e ninguém formado em Harvard aceita a possibilidade de haver uma formação melhor, independentemente do que os jornais dissessem sobre Yale.

Foram nossos objetivos em comum que nos mantiveram juntos por tanto tempo. Nós dois queremos respeito. Ele quer o respeito do universo rico e tradicional que os homens de sua família sempre frequentaram, e eu quero apenas ser respeitada por minha família e dentro do mundo dos negócios. Sempre tentei sustentar e refinar meu autocontrole, enquanto Dave tentava me controlar e controlar o mundo ao seu redor, sua casa, seu círculo social. Tenho medo do fracasso e da rejeição, e até de meus

próprios impulsos. Ele tem medo da impotência, do ridículo, da incessante crueldade deste mundo em que vive.

Sorrio no escuro. É nesta última parte que estou concentrada agora. Em como o conhecimento é a chave de tudo. Conseguir o respeito dos frequentadores do clube de homens elitista de Dave, com suas taxas de associação restritivas e seu intrínseco complexo de superioridade, exige novas regras. Imagino as salas escuras que compõem esses estabelecimentos, que oficialmente permitem a entrada de mulheres, mas que nunca fazem com que elas se sintam bem-vindas. Vejo os charutos nas mãos bem-cuidadas de homens com pedigree. Ouço

suas conversas sussurradas. Nesse mundo, não há vergonha em exigir a subserviência de uma mulher. São histórias que Dave poderia contar com prazer. Mas é vergonhoso perder uma mulher para outro homem. É vergonhoso ser abandonado. Dave está pedindo para eu me humilhar em troca de seu silêncio, mas eu ainda não pedi que ele pagasse pelo meu.

Sei o que Dave quer e do que tem medo. Sei como magoá-lo.

Cuidadosamente, me afasto do abraço firme de Robert. Ele se mexe e desperta o suficiente para ver que estou me levantando, mas não para perguntar aonde vou. Caminho nas pontas dos pés até minha bolsa, pego meu celular e leio a

mensagem de texto que eu sabia que estaria lá.

Onde foi que você se meteu?

Essa foi enviada há uma hora. Depois, vejo outra mensagem, enviada vinte minutos depois da primeira.

Kasie, é sério, onde você está?

E, então, dez minutos depois:

Eu sei que você está chateada. Só precisamos conversar. Responda, por favor.

Sorriso. Minha mira está melhorando.

Ouçõ Robert se mexer de novo, mas a respiração dele logo volta à cadência tranquila do sono. Vou para o banheiro e

levo o celular. Fecho a porta e acendo a luz, piscando algumas vezes para acostumar os olhos à claridade. O banheiro é quase do tamanho de meu primeiro apartamento inteiro. Tem uma banheira de hidromassagem, um chuveiro espaçoso, com box de vidro transparente, e um espelho que ocupa quase uma parede inteira.

Vejo meu reflexo. Meu cabelo é uma cascata de cachos que cai em meus ombros; meu delineador, que não foi removido direito antes de eu ir para a cama, agora está um tanto borrado e me dá uma aparência descuidada, provocante. Tenho o celular com a mensagem de Dave

na mão e a camisa de Robert no corpo. Quem é esta mulher?

Não sei se conheço essa mulher, disse ele.

... e eu respondi: Eu conheço. *Só não sei onde ela foi parar.*

Olho para o telefone. O aparelho é a única coisa que me é familiar agora. Tem minhas fotos, meus contatos, e-mails antigos, entre outras coisas. Está lotado de lembretes da vida que destruí. E eu a destruí pelo homem cuja camisa ainda estou vestindo.

O diabo trabalha de formas misteriosas.

Mas não posso ficar pensando nisso. Ou vou enlouquecer. Então digito uma

resposta para Dave: Sim, vamos conversar. Vamos nos encontrar antes do seu jogo de squash amanhã à noite. No restaurante ao lado do clube.

Aperto “Enviar” e espero um minuto, dois minutos, e então a resposta chega: Você não precisa se dar esse trabalho. Podemos nos encontrar em seu escritório.

Sorriso. Ele acabou de mostrar todas as suas cartas e confirmou minhas suposições. Olho de novo para o espelho; há algo reconhecível na mulher que sorri para mim: sua inteligência.

Não, vamos nos encontrar perto de onde você joga squash. É mais fácil.

Desta vez, ele demora apenas alguns segundos para responder:

Você está de carro? Como vai chegar lá?

Ele colocou o alvo sobre o coração, e eu carreguei minha arma.

Tenho quem me dê carona.

Rio ao enviar esta última mensagem, sabendo exatamente o que Dave vai imaginar. Ele me vê entrando em um restaurante, na frente de todos os seus amigos. Ele vê Robert Dade a meu lado, um homem mais forte, mais bem-sucedido, mais bonito, um homem que o supera em todos os quesitos que importam. Ele se vê como corno, enquanto nos sentamos a sua

frente, e Robert está com a mão na perna da mulher que Dave dizia ser sua.

Nessa visão, é ele quem está sendo humilhado.

O Equilíbrio da Ameaça. Essa é uma teoria de um professor muito respeitado de Harvard. A ideia é bem simples, linda. O comportamento das nações independentes será determinado pela ameaça visível das outras nações. Pessoas menos inteligentes se concentram na palavra errada, “ameaça”. Mas as ameaças são finitas. Elas podem ser facilmente desmascaradas quando um blefe é descoberto. A palavra que importa é “percebida”. A percepção é tudo. Não me interessa ameaçar Dave tão

abertamente, como ele me ameaçou. Não quero anunciar minhas ameaças, quero que elas fiquem subentendidas nas mensagens. Eu nunca disse que Robert me levaria ao clube. Nunca disse que tentaria desmascará-lo na frente de seus amigos. Quero deixar que a imaginação dele faça o trabalho por mim, porque nossos próprios temores sempre funcionam melhor que qualquer ameaça.

Finalmente, ele responde com uma mensagem repleta de medo e frustração: Não quero encontrar você no clube.

Inspiro profundamente. É aqui que transformo o medo em pânico: Vou estar no clube amanhã, às 17h45. Se você não aparecer, vou perguntar a seus amigos,

quando eles chegarem, onde posso encontrá-lo. Tenho certeza de que eles vão me ajudar, se eu explicar a situação. Como você disse, precisamos conversar.

Enquanto leio a resposta dele, imagino qual seria a aparência desta mensagem, se fosse manuscrita. As letras estariam tremidas e desiguais; o suor dele mancharia o papel. Sua resposta é: Vou me encontrar com você dentro do restaurante. Vou pegar alguma mesa nos fundos. Por favor, vamos ter uma conversa particular. Isto é apenas entre nós dois.

Não respondo a essa última mensagem. Se respondesse, teria que explicar como ele está equivocado. Isto não é apenas entre nós dois. Tem muito mais envolvido.

Conceitos e percepções, poder e pesar. O limite entre uma retaliação justa e uma vingança abusiva. Envolve ganhar e perder.

É uma guerra.

Sorrio para mim mesma, apago a luz. A luz da noite é o suficiente para que eu encontre a porta.

E quando a abro, dou de cara com ele. A silhueta escura de Robert, nu e forte, a luz fraca delineando vagamente sua forma. Ele olha para minha mão.

— Um pouco tarde para fazer ligações, não?

— Só estava vendo meus e-mails — respondo.

— Minha mentirosa sexy — diz ele em tom suave.

Abro a boca para me defender, mas paro.

— Devemos compartilhar todos os nossos segredos?

— Não, gosto de um pouco de mistério. — Ele entra no banheiro e segura meu rosto. — Não faço questão de saber tudo.

— Que bom que você não faz questão — digo, com uma nota leve de provocação misturada a uma forte dose de expectativa.

Fecho os olhos e sinto a mão dele deslizar para meu cabelo.

— Você ri, mas tem coisas de que faço questão.

Abro os olhos de novo. Ainda está muito escuro. Os detalhes dele se perdem, transformando-o em um homem enigmático. Levanto a mão e deixo que meus dedos esbocem seus traços.

— Faço questão de que você fique em segurança — diz ele. Suas mãos descem para minhas coxas, depois sobem para a curva de minha bunda. — Faço questão de que os que querem machucar você desistam.

As mãos dele continuam subindo até minha cintura. Com um movimento súbito, ele me levanta, e, instintivamente, passo

as pernas ao redor de sua cintura. Vejo seus olhos castanhos brilhando à meia-luz.

— Tenho um plano — digo. — Ninguém vai me machucar. Sua amante é uma guerreira.

— É mesmo? — pergunta ele. — Talvez minha guerreira queira tomar um banho comigo.

Ele me coloca sentada na pia, desabotoa a camisa que estou usando e me despe rapidamente. É quase uma da manhã. Transar no chuveiro agora não será nada prático.

Mas estamos nos deixando levar pelas ondas de nossos impulsos, e, em vez de me afogar, eu nado.

Ele me leva para o box, abre o chuveiro e me puxa para um beijo. Enquanto a água cai sobre nós, sinto a mão dele em minhas costas, sinto-o ficar duro contra meu corpo.

Eu me afasto e sorrio.

— Sua guerreira está faminta.

Fico de joelhos. Beijo o quadril dele, passo os dedos pela ponta de sua ereção.

— Kasie — geme ele.

Seu pau se contrai levemente.

— Isso é por minha causa, Robert? — pergunto. — Ele parece impaciente.

Corro o dedo pela veia que vai da base até a ponta, para cima e para baixo, provocando.

— Você foi feita para mim. — Robert ofega.

— Talvez. Ou talvez você é que tenha sido feito para mim.

Mais uma vez, ele segura meu cabelo e puxa levemente. Levanto a cabeça e o olho nos olhos.

— Kasie — rosna ele. — Agora.

Alguma coisa no modo como ele diz essa palavra... não permite nenhum argumento; é arrogante em sua autoridade.

E isso me faz querer obedecer de imediato. Fecho os lábios ao redor dele, tomando-o completamente na boca, uma das mãos na base enquanto a outra desce para o meio de suas pernas e encontra aquele lugar que o faz estremecer. Escuto

Robert gemer de novo enquanto movimento mãos e boca ao mesmo tempo, para cima e para baixo, indo e vindo. A pele dele brilha sob a água quente, os músculos das coxas se contraem, e eu paro o suficiente para tocar a ponta de novo, agora com a língua, antes de devorá-lo. Tudo está escorregadio, úmido e incrível.

Percebo que ele está quase perdendo o controle, então, com um pouco de relutância, permito que se afaste. Ele me põe de pé, me beija de novo, delicadamente, antes de me virar e me curvar. Eu me abaixo, apoiando as mãos no chão.

A penetração é tão profunda que grito de prazer e surpresa. Sinto a água correndo pelas costas, pelo cabelo, enquanto ele segura meu quadril e vai e vem repetidamente dentro de mim. Mesmo enquanto ele me penetra, quero mais, e é esse desejo que me leva rapidamente ao auge. O orgasmo vem tão forte e tão rápido que minhas pernas tremem de prazer. Mas Robert me segura e continua a dar estocadas. Ofego, prevendo seu orgasmo iminente, mas então ele para.

— Não — diz ele —, quero ver você.

Ele me solta e fico em pé de novo, recuperando o equilíbrio antes de me virar para ele.

Robert molhado é uma visão maravilhosa. Com uma elegância que eu não sabia que tinha, levanto a perna e envolvo a cintura dele, me apoiando em seu corpo.

— Agora — digo.

E, imediatamente, ele entra em mim de novo. A água quente escorre suavemente pela nossa pele enquanto nos beijamos. Ele se move dentro de mim, uma das mãos segurando minha perna e a outra, minha bunda; meus seios estão apertados contra seu peito. Estamos entrelaçados, unidos de todos os modos possíveis. Fico de olhos fechados para me concentrar apenas em sentir — a água, ele, o êxtase. É um romance ávido e submisso, e, enquanto

ele se move dentro de mim, sua língua desliza pela minha boca, e eu gemo.

O ritmo dele aumenta.

— Minha guerreira — murmura ele, sua respiração se misturando à minha.

— Sempre — respondo.

Ele explode dentro de mim enquanto a água cai em nós. Neste momento, sou a guerreira mais feliz do mundo.

CAPÍTULO 10



QUANDO ACORDO, NA manhã seguinte, ele está sentado a meu lado, olhando para mim. Lentamente, me lembro de onde estou e, de novo, de que estou usando a camisa dele. Sinto seu toque gentil em meu quadril, apenas um tecido fino separando nossa pele.

— Você não precisa ir — diz ele, suavemente.

Não entendo bem o que ele quer dizer. Está se referindo a um local específico ou está falando de algo mais abrangente, de nós e do que podemos ser?

Mas Robert me traz de volta à Terra com uma afirmação perturbadora.

— Você pode trabalhar daqui hoje. Eles não precisam de você na empresa. Vou falar com Love, talvez com Freeland...

— Não vou deixar você fazer isso — digo.

Ele já sabia que eu ia dizer isso. Percebo em seu tom, que soa apenas levemente esperançoso, como violinos quase encobertos pelas notas fortes e metálicas da resignação.

— Eu disse, ontem à noite, que não vou ficar parado olhando enquanto Dave abusa de você. Não é assim que eu vivo.

Penso nessa frase. Não é assim que ele vive. Isso quer dizer alguma coisa... mas não consigo compreender o que é.

— Posso vencer — digo, afastando esses pensamentos. — Sou mais forte que Dave. E mais inteligente também. Posso vencer.

— Não se seguir as velhas regras.

Eu me mexo na cama, desconfortável, baixando o lençol até a cintura.

— Você não acredita em regras?

Penso em minha irmã, me lembro dela dançando em cima de uma mesa, se livrando das roupas como se livrava das muitas convenções sociais.

Robert sorri; seus olhos se desviam para a janela, por onde entra a luz da

manhã nublada.

— Existem tantos ditados sobre a vitória. “Aos vencedores, os despojos”; “A história é escrita pelos vencedores”; e assim por diante. Mas só existe uma verdadeira vantagem em vencer. Veja bem, o vencedor faz as *regras*. Eu acredito em regras, Kasie. Acredito nelas porque, em meu mundo, eu *sou* o vencedor. Sou eu que estabeleço as regras. Mas não acredito em jogar seguindo as regras dos outros.

A arrogância do que ele diz é o bastante para me despertar. Eu o enxergo de modo mais claro. O que realmente significa jogar com poder? Não sei, e Dave também não sabe. Demorei um dia e

meio para descobrir como me libertar de Dave. Hoje, às 17h45, espero ter a situação um pouco mais sob controle. Asha será mais difícil, ela vai esperar pelo momento certo, afiar suas armas e me atingir quando eu estiver mais vulnerável. Mas Robert Dade é diferente. Ele domina o mundo de um modo que não compreendo completamente, e percebo que, se eu ceder a meus sentimentos, como ele deseja que eu faça, ele vai me dominar também. E o perigo é que, com Robert, eu talvez nem tente escapar.

Vou me perder.

Como agora, por exemplo. Vê como ele me olha? Como um felino olha para sua fêmea. Ele ruge para mim,

silenciosamente. Quão fácil tem sido, para ele, me fazer esquecer de minhas recusas e meus limites? Quão fácil tem sido fazer com que eu arrisque tudo por ele?

Existe uma mudança no ar. Ele estende a mão para o lençol e, cuidadosamente, o afasta. Sou só eu, na camisa dele, com o cabelo espalhado pelo travesseiro. Sinto sua frustração, e sei que está misturada a um desejo intenso. Esse é um coquetel perigoso.

Eu me sento e me afasto dele.

— Preciso ir para casa trocar de roupa. Você me leva ou eu chamo um táxi?

Existe uma tensão entre nós. A boca de Robert se contrai levemente enquanto ele reprime seu instinto de fazer exigências.

— Eu levo você.

Ele se levanta e sai do quarto. Está exercitando seu autocontrole, tentando não me dominar. Eu me pergunto quanto tempo isso vai durar.

UMA HORA depois, estacionamos em frente a meu prédio. Meu carro não está aqui. Está no estacionamento subterrâneo do edifício comercial onde trabalho, mas não menciono essa inconveniência. Não quero correr o risco de as pessoas verem Robert me levando para o trabalho. Vou dar um jeito. Assim como encontrei minhas próprias estratégias de guerra.

Eu me viro no assento, um pouco hesitante, um pouco esperançosa.

— Tenho um plano... e já comecei a colocá-lo em prática.

— Tudo bem — diz ele, acenando com aprovação antes mesmo de ouvir qualquer detalhe.

— Preciso de sua presença para que funcione. Preciso que você esteja nesse restaurante.

Pego um de meus cartões de visita e escrevo um nome e um endereço antes de entregá-lo.

— Vou me encontrar com Dave nesse lugar, depois do trabalho.

O sorriso dele aumenta.

— Você quer que eu vá?

— Sim — confirmo —, por volta das seis. Dave e eu já estaremos lá. Eu

gostaria que você fosse até nossa mesa e nos cumprimentasse, depois escolhesse uma mesa para você. Não importa o lugar.

— Você quer que eu passe despercebido? — pergunta ele.

Existe um tom de humor na pergunta. Acho que Robert nunca passou despercebido na vida.

— Não, só quero que você esteja por perto, mas em outra mesa. Não vou demorar. Devo sair cerca de 15 minutos depois de você chegar, sozinha. Só preciso que Dave saiba que você está lá... para me apoiar.

Como uma ameaça visível.

Robert assente, concordando.

— Vou chegar às seis. Mas, Kasie, se ele ousar levantar a voz para você, não vou ficar quieto na minha mesa. Ele vai ter que se ver comigo. E não vai acabar bem para ele.

Hesito. Se fosse outro homem falando, isso provavelmente significaria uma luta física, uma briga de bar, algo do tipo.

Mas não acho que é isso que Robert quer dizer. Estou ansiosa para vencer a guerra contra Dave, mas não quero aniquilá-lo completamente. Quero que ele reconstrua sua vida sem mim. É mais fácil para o vencedor quando o vencido vê uma saída.

Mas, se Robert se envolver, se quiser resolver as coisas do jeito dele, não acho

que Dave vá ter uma chance de recomeçar. Não acho que Robert lute como um cavalheiro, segundo regras civilizadas. Suspeito que ele lute como uma potência colonial, dizimando os que ocupam o território que ele deseja conquistar. Se eu vencer esta guerra do meu jeito, Dave vai me perder. Se lutarmos do jeito de Robert, Dave vai perder tudo.

— Ele não vai levantar a voz para mim — digo, cuidadosamente. — Dave vai ver você lá, e isso vai ser o bastante.

Robert assente. Levo sua mão até minha boca, beijando-lhe a palma.

— Obrigada — digo.

Os olhos dele passam pelo meu rosto, cabelo, pescoço... Sinto um importuno tremor de excitação quando imagino onde isso tudo vai parar. Não tenho tempo para romance, mas, mesmo assim, algo dentro de mim sabe que, se ele insistisse, se tentasse me possuir bem aqui, no carro dele, em frente à minha casa, diante de todos os meus vizinhos e amigos, eu não conseguiria recusar, mesmo que parte de mim quisesse.

Isso me assusta e excita. Por quê? Como posso lutar tanto por liberdade só para ser seduzida pelo cativo?

— Entre e se arrume — diz Robert, antes de se inclinar para beijar suavemente minha boca.

Depois de um momento, ele se afasta.

— Vejo você às seis.

Sinto seus olhos em mim enquanto sigo até a porta, e escuto o carro se afastar quando entro.

Ao subir, relembro uma aula de filosofia que tive na faculdade. A citação favorita de meu professor era uma frase de Lao Tzu: *Dominar os outros é força. Dominar-se é o verdadeiro poder.*

Uma pequena parte de mim teme que Robert Dade tenha força o bastante para roubar meu poder.

CAPÍTULO 11



DEPOIS DE UMA curta corrida de táxi, entro no escritório com confiança renovada. Coloquei as preocupações em relação a Robert de lado e praticamente esqueci que existem. Estou fazendo as coisas de meu jeito, escolhi minhas armas e defini meu alvo. Tenho um plano. Estou pronta para o dia.

Cada membro de minha equipe enviou seu relatório individual. Barbara os imprimiu e os deixou em minha mesa. Dá para ver que se empenharam. Os relatórios estão mais detalhados e

precisos do que antes. Nosso objetivo é ajudar Robert a posicionar sua empresa para a abertura do capital. E agora, enquanto estudo os números e as estratégias das diversas divisões da empresa explicados em detalhes objetivos, vejo como tudo se encaixa. O segredo de meu trabalho é saber onde me concentrar. Há sempre mais números que o necessário, problemas que não precisam de solução imediata e outros que exigem atenção. Mas quando se sabe o que é importante e o que pode esperar, quando se consegue enxergar a longo prazo, bloqueando o ruído de fundo para escutar o instrumento que precisa ser afinado, então o trabalho está praticamente feito.

Vejo agora o melhor plano de marketing a seguir; vejo o caminho a percorrer.

Vejo o caminho a percorrer. Esse é, certamente, o mantra do dia.

Passo a manhã reunindo tudo em um único relatório para entregar a Robert.

Tom entra no escritório. Como sempre, ele não bate na porta nem dá a Barbara a chance de anunciá-lo. Barbara está de pé atrás dele, com uma expressão desanimada no rosto. Como sempre, aceno com a cabeça para dizer que não tem problema, e ela sai, fechando silenciosamente a porta. Ficamos a sós.

Ele se senta diante de mim, e seus olhos brilham ao ver minha roupa. Estou vestida de modo mais conservador do que

tenho me vestido ultimamente. Calças bege de tecido macio, um blazer curto da mesma cor, fechado sobre uma camisa prateada, de cetim. Como acessório, escolhi uma echarpe comprida de seda que enrolei estrategicamente no pescoço. Só minhas mãos e meu rosto estão à mostra. Mas sei que não é isso o que Tom está vendo. Ele está vendo o vestido de ontem à noite e tudo o que a peça deixava exposto.

Olho para minha mesa, me remexo na cadeira, depois me censuro por isso. Não quero me lembrar daquela tortura.

— O relatório da Maned Wolf já está pronto? — pergunta Tom.

Olho para ele, surpresa. Não era a pergunta que eu estava esperando.

— Acabei de mandar uma versão final para minha equipe e para você, e em uma hora vou ter uma reunião com o pessoal para decidir quem vai apresentar cada parte do plano.

— É isso o que ele quer?

— Quem? — pergunto, confusa. — Rob... quer dizer, o sr. Dade? É claro que é isso o que ele quer. Foi para isso que ele nos contratou.

Tom arqueia a sobrancelha. A pergunta que ele não precisa fazer ecoa em meus ouvidos. *Foi para isso que ele nos contratou? Ou foi para ter você?*

Essa pergunta silenciosa evoca lembranças de palavras mais duras.

Prostitutas fazem sexo por dinheiro.

Foi o que Asha me disse. Fecho os olhos e tento expulsar essas palavras de minha cabeça. Eu nem sabia quem ele era quando o conheci. Eu errei, mas minhas motivações foram físicas, emocionais, nunca financeiras.

— Ele quer que toda a equipe apresente o relatório ou apenas você?

Arregalo os olhos.

— Pensei que fôssemos fingir que você não sabe do... do meu relacionamento com o sr. Dade.

— Bom, pensei sobre isso, e, se ele me pedir para fingir, então é exatamente o que

vou fazer, porque, afinal de contas, tudo isso é para dar o que *ele* quer.

— Está zombando de mim?

Tom inclina a cabeça; ele não esperava a pergunta.

— Por que eu faria isso? Gosto de você e a respeito, embora minha definição de “respeito” possa ser diferente da sua. Eu respeitaria um traficante, se ele trabalhasse direito.

— Você não tem princípios.

Ele não liga para a acusação.

— Olhe, Robert é nosso maior cliente. Quero todos os projetos da Maned Wolf e todo o dinheiro da Maned Wolf que nosso departamento puder conseguir. Sei que

preciso de você para isso, mas também preciso que você o mantenha feliz.

— Você está mesmo sugerindo que eu tenho que dar para ele? — explodo, a expressão vulgar me vindo fácil demais aos lábios.

Ele ri.

— É claro que não. Isso seria... Qual é a palavra que você gosta de usar? — Ele estala os dedos algumas vezes, como se estivesse tentando lembrar. — Ah, sim, imoral. Não, não estou dizendo que você tem que dar para ele. Estou dizendo que você precisa *continuar* dando para ele.

— Você está ultrapassando os limites.

— Do que está falando? — Ele balança a cabeça, e seu sorriso

desaparece. — Só estou lhe pedindo para fazer o que você quer fazer.

— Eu vou fazer o que eu quiser — digo simplesmente. — E você não tem nenhum direito de esperar isso de mim.

— Ah, é?

Ele se inclina para a frente. Escuto o celular tocando em minha bolsa, mas o ignoro.

— Então me diga, Kasie, você gosta de seu trabalho?

Não respondo. Ele sabe muito bem.

— Você acha que é justo que eu espere que você faça seu trabalho?

— É diferente — digo, vendo a armadilha.

— É mesmo?

A postura dele está relaxada; ele sabe onde pisa.

— Você gosta de seu trabalho, e eu espero que você o faça. Você gosta de dar para seu cliente? Espero que você também continue fazendo isso. E, sim, talvez existam aspectos de seu trabalho e de seu caso que você ache que a rebaixam. Tarefas que você considere humilhantes. Supere isso.

Há uma mudança no vento que leva meu humor para outra direção. Supostamente, Tom é meu aliado, mas, se ele mudar de lado, estou disposta a derramar sangue.

— Não foi você quem ficou falando sobre o que vai acontecer se o sr.

Freeland descobrir sobre o sr. Dade e mim? — pergunto. — Dave também sabe disso, Tom. E você sabe melhor que todo mundo. Deveria estar me incentivando a terminar esse caso da forma mais delicada possível, para todos sairmos ilesos.

— Kasie, eu vou sair ileso de qualquer jeito. Vou odiar se você for demitida. De verdade. Você é uma consultora incrível e, com certeza, a melhor analista que temos. Existe uma chance de que eu seja promovido no ano que vem; você vai ser responsável por isso, em parte, e, provavelmente, vai ficar com meu cargo. Mas impérios surgem e caem. Reis e rainhas são derrubados e substituídos por outros que, embora usem títulos e coroas

diferentes, são tão implacáveis quanto seus antecessores. No fim das contas, somos todos substituíveis.

Ouçõ alguém rindo fora da sala e outros ruídos.

— Você está ameaçando tirar meu emprego? — pergunto.

— Não seja ridícula.

Os olhos de Tom percorrem a sala calmamente.

— Meu único objetivo é manter a conta. Tenho certeza de que o sr. Dade lhe contou que falou comigo ontem à noite.

— Contou.

— Ele vai cuidar de Freeland, de Dave, dos negócios — diz Tom, voltando sua atenção para mim mais uma vez. — E

se Freeland tiver algum problema com o sr. Dade... Bom, ele é apenas *um* dos fundadores. O sr. Dade vai falar com as pessoas certas. Enquanto tivermos essa conta, você mantém seu emprego. E isso significa que você tem todo interesse em mantê-lo feliz.

Deslizo os dedos pela mesa. Para mim, este móvel é tão importante quanto qualquer trono. Mereci meu lugar aqui. Dave me conseguiu a entrevista, não o emprego. Mereço o trabalho que Robert me deu, mesmo que ele não soubesse disso na época.

— O sr. Dade e eu falamos sobre isso — explico. — Ele não vai *cuidar* de

ninguém. Eu é que vou. Esta é minha luta, e estou lutando sozinha.

A expressão de Tom não muda; o rosto dele não se mexe. O único sinal de frustração é o modo como ele aperta o braço da cadeira: com força suficiente para que as pontas de seus dedos fiquem brancas.

— Essa não é uma escolha inteligente, Kasie.

— É a escolha que eu fiz. Vou encontrar Dave hoje à noite. Amanhã, ele não será mais um problema. Freeland nunca vai ter motivos para me atacar. Vai estar tudo acabado.

— E se as coisas não saírem do jeito que você quer?

Aperto os lábios, revoltada. Sequer quero pensar nessa hipótese.

— Ah, nenhum plano B? Bom, então vamos usar o meu. Se você não colocar Dave sob controle, vamos deixar que o sr. Dade resolva a questão.

— Como? Dizendo ao conselho de diretores que eles precisam me manter na empresa até ele se cansar de mim?

— Se for preciso, sim. Mas não se preocupe, Kasie. Duvido que algum homem se canse facilmente de você.

— Não acredito nisso — resmungo.

— É mesmo? — Ele franze a testa. — Foi você quem começou tudo isso. E está tudo bem. Todos nós vamos ficar muito

mais ricos por causa de seus talentos... de *todos* os seus talentos.

Mais uma vez, não respondo. Tom suspira.

— Olhe — diz ele, em um tom irritado, quase com raiva —, não me importa como você quer que isso seja resolvido, desde que seja resolvido. Mas, vamos ser sinceros, se você está fazendo as coisas de seu jeito, é porque o sr. Dade está *deixando*. Esse homem tem todas as cartas na mão. E isso me traz de volta a minha primeira pergunta: ele quer que toda a equipe faça a apresentação? Ou será que ele prefere que você apresente pessoalmente, em detalhes, mais intimamente? Porque, juro por Deus,

Kasie, se, para a conta dele continuar com a gente, você tiver que usar um biquíni fio dental e adesivos nos mamilos e apresentar o relatório enquanto esfrega a bunda em um pole dance, então é melhor você pegar o cartão da empresa e ir comprar uma lingerie.

— Saia da minha sala.

— Não.

Eu me reclino na cadeira.

— Você quer deixar o sr. Dade feliz?

Ótimo. Acha que ele vai ficar feliz se eu contar que você está me assediando?

O sorriso reaparece no rosto dele.

— Essa é minha garota. Agora você está pensando como a mulher de negócios implacável que eu conheço e adoro.

Ele se levanta.

— Só para constar, não quero chatear você. Quero que você esteja feliz, saudável e disponível... para o sr. Dade. Continuarei falando com ele também, mas você sempre será o principal ponto de contato...

— Isso era para ser um trocadilho? — retruco.

Tom apenas pisca, surpreso, depois ri, um riso alegre, como o de um Papai Noel pervertido.

— Nossa, estamos mesmo paranoicos ultimamente! — exclama ele, seu riso diminuindo. — Mas ficou bom. *Ponto de contato*... Tenho certeza de que o sr. Dade vai continuar muito feliz com seu trabalho.

Ele balança a cabeça e se vira para sair, inexplicavelmente alegre.

— Sabe, você acha que nós dois somos parecidos, mas não somos — digo.

Tom se vira de volta para mim e espera que eu continue.

— Cometi um erro — continuo. — Eu me envolvi com alguém enquanto estava comprometida com outra pessoa. Isso foi errado.

— Eu já disse, não culpo você...

— Mas deveria — digo. — Você só não me culpa porque não tem moral. Nenhum senso de certo e errado. Você é um narcisista mulherengo que provavelmente compra seus romances na

lista de classificados. Eu errei. Mas você é errado.

Tom espera um momento. Seu rosto estaria perfeitamente neutro, não fosse pelo maxilar contraído. Mas então ele dá de ombros com uma casualidade forçada.

— Vou ligar para o sr. Dade e descobrir como ele quer que o relatório seja entregue — diz ele ao se aproximar da porta.

— Tom! — chamo. Ele para e se vira para mim de novo. — Você não precisa ligar para ele. Tenho administrado muito bem a conta até agora. Todos os executivos da Maned Wolf confiam em mim. Não prejudique *toda a equipe* com sua interferência.

Cruzo os braços para demonstrar minha determinação. Penso ver um brilho nos olhos de Tom, mas não sei o que significa.

Finalmente, ele assente.

— Muito bem, faça as coisas de seu jeito. Como eu disse, basta mantê-lo feliz. Se eu souber que você não está fazendo isso, vai ter problemas. Não só comigo, mas também com o alto escalão.

Percebo que o sorriso de Tom está mais duro agora. Minhas palavras o atingiram.

— E você deveria parar de cruzar os braços na frente do peito desse jeito — continua ele.

— Como é?

— É que isso me lembra você cruzando os braços assim na cozinha de Dave. Você lembra, não? Quando estava tentando esconder que seus mamilos estavam duros, mas o movimento acabou me mostrando seu... *ponto de contato*.

Sinto o rosto queimar. Percebo o que ele está fazendo. Ele está com raiva. Quer que eu fique intimidada, que me sinta menos honrada.

Mas também não quer gastar mais tempo com isso. Sem dizer mais nada, Tom se vira e sai.

Eu me ajeito na cadeira, tentando apagar da mente os últimos minutos da conversa. Tom está errado. Robert não tem todas as cartas na mão e, sim, eu vou

resolver as coisas com Dave depois do trabalho.

Mas agora Dave é apenas um de meus muitos inimigos. A guerra encorajou os terroristas, e, apesar da confiança que senti pela manhã, ainda não tenho armas suficientes em meu arsenal para enfrentar todos eles.

CAPÍTULO 12



O DIA PASSA DEVAGAR. O telefonema que não atendi enquanto falava com Tom era de Simone. Sei que ela percebeu que há algo de errado, já que quase não temos nos falado ultimamente. Mando uma mensagem de texto prometendo ligar amanhã. Não tenho condições de falar com ela agora, ainda estou me recuperando da audácia de Tom. Enfrento a reunião com minha equipe. Mais uma vez, Asha exhibe seu melhor comportamento. Ela não ganha nada se opondo a mim, então prefere esperar o

momento certo. Será que esse momento vai chegar logo? Será que ela vai encontrar um ângulo que lhe seja favorável?

Mas esses pensamentos são inúteis como um chapéu de palha em uma tempestade. Estou na chuva, vou me molhar, então de que adianta pensar no sol?

Ao fim dia, vou para o restaurante. Imediatamente vejo Dave a uma mesa nos fundos. Noto que ele pediu duas taças de vinho branco e um aperitivo. Provavelmente vamos beber o vinho e ignorar a comida.

Vejo que ele está preocupado, olhando furtivamente para os lados, como se

esperasse ser emboscado pela janela, e não pela entrada principal. Dave percebe que entrei e acena com a cabeça, constrangido, quando me sento diante dele, sorrindo para mim de modo quase agradecido.

— Você está sozinha — diz ele.

O alívio dele escapa como vapor saindo de uma chaleira.

— Por enquanto.

Tomo um gole de vinho. É seco com notas cítricas. Dave parece um pouco doente.

— F-Fui longe demais ontem à noite — gagueja ele. — Eu exagerei.

São palavras familiares. Pouco tempo atrás, tentei ser um pouco mais voraz com

Dave, sexualmente, quero dizer. Agi espontaneamente e me sentei em seu colo enquanto ele terminava uma taça de vinho, pedindo que ele me possuísse, usando palavras muito mais diretas que as provocações suaves que ele aprovava. Ele brochou, me rejeitou completamente.

No dia seguinte, me pediu desculpas. Disse que tinha reagido de modo exagerado porque eu agira muito diferente do habitual. Ele não queria que eu mudasse.

Agora vejo como essa explicação foi absurda. Tudo muda. Tudo. E, na verdade, eu só tinha tentado inovar um pouco no quarto. Se essa mudança não é bem-vinda, qual poderia ser?

Mas havia algo de sinistro nisso também. Ele se afastou quando tentei seduzi-lo abertamente. Ele se afastou assim que propus algo novo, por mais divertido e inconsequente que fosse. Dave sempre tentou me controlar.

E foi essa natureza controladora que me atraiu no início. Eu tinha medo da liberdade, me assustava com meus próprios impulsos.

Eu mudei.

— Kasie, você me ouviu? Fui longe demais.

— Ouvi — digo calmamente.

Uma mulher está sentada sozinha à mesa do canto, rindo. Demoro um

momento para ver o celular que ela segura junto ao ouvido.

Dave faz um gesto em direção à outra mesa, mais perto da entrada. Três homens parecem discutir negócios em meio aos drinques.

— Eles são do meu clube — fala Dave. — Eu preferiria que não fizéssemos uma cena aqui.

— É mesmo? — pergunto. — Não vim aqui para fazer uma cena, mas acho interessante você pensar que eu realmente dou a mínima para o que você prefere.

Os olhos dele me encaram.

— Você *me* traiu. Você *me* enganou. Eu dei tudo a você. Eu lhe dei esse emprego...

— Você me conseguiu uma entrevista.

— E isso foi mais do que você conseguiu sozinha! Eu comprei rosas brancas para você, eu lhe dei esse rubi que ainda está em seu dedo! Eu *amei* você.

Meneio a cabeça. Ruídos da cozinha, um carro buzina na rua.

— Você nunca me amou. Você amava a ideia de me ter.

— Do que você está falando? — explode ele. — Perdeu o juízo? Isso é um jogo para você?

— Não, é uma guerra. Reconheço o massacre.

— Vou contar tudo para Dylan.

Sorriso. No fim das contas, ele é uma criança correndo em direção aos mais velhos para choramingar. Olho de relance para a mesa da recepção... e ali está ele. Robert. Está falando com a recepcionista, mas olha para mim.

— Não acho que seja uma boa ideia — digo lentamente. — Contar para ele, quero dizer.

— Claro que você não acha! — zomba Dave. — Você achou que fosse se livrar...

A voz dele falha quando ele também vê Robert, que está vindo em nossa direção. É impossível não notar sua presença. Robert é marcante. Ele chega à mesa e seus olhos não desgrudam de Dave.

— Então você é o homem que está prestes a perder — diz ele.

Hesito diante dessas palavras. Posso provocar Dave, mas não gosto da ideia de outra pessoa fazer isso por mim. Não me importei muito ontem à noite, quando Tom ficou a meu lado, mas aquela era uma situação mais grave. Aqui, na segurança do restaurante, preferiria que Robert se contivesse.

Dave abre a boca, mas, em vez de frases inteligíveis, só diz uma série de fragmentos: — Você deve ser... Por quê... Quando...

Robert o observa com uma condescendência divertida, antes de tocar meu ombro gentilmente.

— Vou estar naquela mesa.

Ele aponta para uma mesa vazia no centro do salão. É um lugar que lhe oferece uma visão perfeita de todo o restaurante e onde todos podem vê-lo perfeitamente.

— É só acenar — diz ele, me olhando antes de pedir licença com um gesto de cabeça.

O rosto de Dave está da cor do peito de um pintarroxo. Ele brinca com o garfo a sua frente, batendo-o de leve na mesa, como se testasse para ver se arranha facilmente.

— Você me trouxe aqui para me humilhar — murmura ele.

— Você me ensinou bem.

Ele olha fixamente para a mesa e bate o garfo com um pouco mais de força. Esse é o metrônomo que determina o ritmo de nosso encontro.

— Não precisa ser desse jeito — digo.
— Podemos apenas parar de nos machucar. Podemos declarar uma trégua, reconstruir nossa vida, seguir em frente.

— Separados — diz ele.

Não sei se foi uma pergunta ou uma afirmação. De qualquer modo, confirmo com um aceno de cabeça.

— Eu precisava de você — fala Dave.

De novo, seus olhos percorrem a sala e param brevemente em uma mulher de cabelo tingido com uma cor forte, antes de passar para o homem de roupas caras e

tatuagens baratas, e depois para a mulher que ainda está rindo sozinha, até, enfim, chegarem a Robert Dade.

— Não gosto desta cidade — continua ele, sua voz trêmula. — É vulgar, descarada e...

— Assusta você — termino a frase por ele.

— Eu não disse isso — responde Dave.

— Não, você não disse, não com essas palavras. Mas disse de um milhão de outras maneiras.

Ele me olha, mas deixa que eu continue:

— Você vem de um mundo mais tranquilo, onde a tradição ainda é

importante e o pudor é uma qualidade, não um obstáculo. Veio para Los Angeles por causa de uma oferta de emprego. Veio pensando que lidaria com o brilho de Hollywood, a diversidade, as mulheres mais ousadas e os homens vaidosos, mas não consegue lidar com nada disso, não é?

Dave se mexe na cadeira; continua a bater o garfo com um padrão rítmico. Eu me inclino para a frente, determinada a ser ouvida.

— Então, você tentou controlar seu pedacinho da cidade — digo. — Fez isso entrando para clubes que desdenham daqueles que não se encaixam em sua visão de mundo tradicional e privilegiada. Encontrou uma casa em um bairro onde a

única diversidade são as diferentes marcas dos carros de luxo. Decorou sua casa de forma espartana, até mesmo severa, como se quisesse compensar a selvageria da cidade, e me escolheu porque eu tinha a aparência certa, os modos certos e a educação certa... e porque eu deixei que você me controlasse. Você disse quem queria que eu fosse e eu me moldei a você, e fiquei assim por anos.

Ele me encara, implorando sem dizer uma palavra.

— Não posso mais fazer isso, Dave. Eu mudei. Você pode me punir, se quiser, mas não vai lhe fazer nenhum bem. Na melhor das hipóteses, vai se constranger;

na pior, vai ser ridicularizado. De qualquer jeito, estará tudo acabado entre nós. Eu não consigo mais viver nesse seu canto do mundo.

A mulher risonha finalmente desliga o celular, e seu sorriso desaparece no mesmo instante.

— Você está se agarrando a mim por medo, não por amor — digo, por fim. — Mas, infelizmente, este relacionamento nunca mais vai fazer você se sentir seguro.

Dave deixa o garfo cair na mesa, mas continua em silêncio. Faço um aceno de cabeça, com a certeza de que ele está me dando uma resposta. Ele não vai procurar Freeland, nem vai lutar comigo de novo.

A batalha terminou. Ele está desistindo de mim.

Discretamente, tiro o rubi do dedo e o empurro em sua direção. Faço isso de maneira comedida. Não quero que mais ninguém perceba. Ele franze o rosto diante da joia.

— Detesto esse anel — resmungo ele.
— Detestei quando você escolheu e odeio ainda mais agora.

— É claro — digo, sem crítica na voz.
— Você quer uma mulher que fique à vontade com a transparência límpida dos diamantes, não com a paixão defeituosa dos rubis.

— Sedas — diz ele. — Foi assim que a joalheira chamou as falhas de um rubi.

Eu não entendo. Por que dar um nome tão bonito a uma imperfeição?

Sorrio e suspiro.

— Sei que você não vê beleza nisso. Foi por isso que a gente não deu certo.

Olho para minhas mãos, agora sem nenhum adorno.

— *Sinto muito* por ter magoado você. Não deveria ter sido necessário um caso para me encontrar. Eu deveria ter entendido tudo sozinha. Deveria ter sido mais forte. Sinto muito mesmo que você tenha sofrido por causa de minha fraqueza.

Dave assente bruscamente.

— Vocês vão sair daqui juntos? — pergunta ele.

Olho para a mesa de Robert:

— Não. Ele vai sair alguns minutos depois de mim. Se você quiser, nós dois podemos sair daqui juntos, pelas aparências.

Ele parece aliviado. É a primeira coisa que digo, em todo este encontro, que o agrada.

Ele faz um sinal, pedindo a conta. Pego o celular e mando uma mensagem de texto para Robert: Vou sair daqui com Dave, mas depois vamos nos separar, para sempre. Está tudo resolvido. Não precisa me seguir.

Vejo Robert baixar os olhos para o celular quando a garçonete lhe traz uma xícara de café. Ele lê enquanto bebe, sem

se dar o trabalho de colocar leite ou açúcar. Toma puro. Eu não sabia disso.

É engraçado, mas isso me incomoda. Quantos outros pequenos detalhes eu não sei sobre o homem que mudou minha vida?

A resposta dele é rápida e direta:

Você não deve ficar sozinha com ele. Vou seguir vocês.

É a resposta que eu previa, mas eu esperava algo melhor.

Está tudo bem. Paramos de nos magoar. Preciso que você confie em mim.

Aperto “Enviar” enquanto Dave dá o cartão de crédito à garçonete.

Vejo que Robert franze a testa quando lê. Por um momento, penso se foi uma boa ideia usá-lo como minha “ameaça visível”. É um pouco como usar um leão-da-montanha como cão de guarda. Você não controla realmente quem e quando ele vai atacar.

Do outro lado do salão, Robert olha fixamente para mim e acena, tenso, antes de mandar mais uma mensagem: Se eu não tiver notícias em cinco minutos, vou atrás de você.

É engraçado, porque sei que ele quer me proteger, mas a mensagem me faz sentir como se eu fosse o alvo.

Coloco o celular de volta na bolsa e sorrio para Dave.

— Vamos.

Ele se levanta primeiro e espera educadamente que eu pegue minhas coisas. Saímos lado a lado, passando pelo homem tatuado, pela mulher de cabelo pintado, por Robert, parando apenas por um momento à mesa dos homens de negócios, que cumprimentam Dave e a mim calorosamente, com a educação esperada.

Depois que saímos, vamos até meu carro. Meu anel está no bolso dele; tenho minhas chaves na mão.

Quando chegamos, eu me viro para ele.

— Temos coisas na casa um do outro. Quer que eu leve as suas para sua casa e pegue as minhas? Ou o contrário? Ou...

— Vou levar suas coisas para você e pegar as minhas — interrompe ele. — Se você concordar, faço isso enquanto você estiver no escritório; segunda à tarde seria bom. Mando pelo correio a chave que você me deu, ou...

— É só deixar a chave embaixo daquela planta...

— O vaso de palmeira que fica na entrada da cozinha...

— Sim, aquele que eu comprei na Boething, no ano passado...

— Eu lembro.

Pausamos. Ele enfia as mãos nos bolsos e volta sua atenção para os carros que passam. Um adeus nunca é elegante. Há sempre coisas que não são ditas,

pequenas lembranças que precisam ser deixadas de lado, ocupando nossa mente até que o tempo encontre um modo de jogá-las fora. O fim, que deveria ser tão fácil, é sempre desajeitado.

— Acho que é melhor eu ir, então — digo suavemente.

Ele assente e me dá as costas, mas depois para.

— Eu também tive um caso.

Deixo as chaves caírem. Fico confusa, e depois indignada. Toda aquela raiva ofendida que ele despejou em mim, e ele também era culpado? Ele estava brincando comigo?

Quando ele se vira de novo para mim, espero ver o triunfo de um homem que

desferiu um soco de nocaute, mas, em vez disso, vejo apenas tristeza.

— Foi anos atrás, e só durou um mês. Uma universitária que fazia estágio na empresa. Você estava em uma fase um pouco mal-humorada. Quando estávamos juntos, você parecia... acho que melancólica é uma boa definição. Achei que estivesse perdendo você. Então essa garota ambiciosa apareceu, de cabelo escuro e olhos claros, como você... Ela chegou à empresa procurando alguém em quem se espelhar, me olhando com admiração... Eu estava vulnerável, pensei que estivesse perdendo você.

— Mas quando...? — Minha voz some quando uma lembrança surge em minha

mente. — Estávamos juntos fazia um ano...

— Sim, você se lembra daquela época. Cinco anos atrás. Você estava trabalhando fazia poucos meses e de repente se afastou de mim. Tentei me reaproximar sendo romântico, demonstrando afeto, mas você não correspondia, e eu fui covarde demais para enfrentar a questão de frente.

Covarde demais. Bom, essa era uma coisa que Dave e eu tínhamos em comum. No entanto...

— Mas você conversou comigo. Estávamos em minha casa, tomando vinho, e você perguntou se eu estava perdendo o interesse. Perguntou se era você quem estava me deixando triste.

— E você começou a chorar. Foi a primeira vez que você me falou de sua irmã.

— Era o aniversário de dez anos da morte dela.

Um passarinho pousa tranquilamente na calçada, a nosso lado, e come algumas migalhas de biscoito deixadas por alguém que passou por ali antes de nós.

— Foi quando você terminou com ela?

Ele assente mais uma vez. O passarinho continua a comer os restos deixados por outra pessoa.

— Quando ouvi a história de sua irmã, eu soube que você era a mulher perfeita para mim.

— O quê?

Mais uma vez, a indignação lateja em minhas têmporas.

— Você acha que eu tenho medo, Kasie? Pois você estava apavorada. Apavorada com a ideia de perder o controle, tanto que, sim, você me deixou estabelecer mais regras para nós. Deixou que eu controlasse quase tudo. E, se você teve vontade de se rebelar, acabou com essa vontade rapidinho, porque não queria ser como Melody.

— Você se aproveitou da minha tragédia.

— Porque era o que você queria.

O passarinho, depois de comer, voa para procurar mais alimento. Dave olha

para as migalhas que sobraram e as empurra com o pé.

— Eu soube que tinha alguma coisa errada quando você insistiu em um rubi, em vez de um diamante.

— Isso é só um detalhe.

— Foi o bastante para me mostrar que algo estava diferente.

Ele se abaixa para pegar minhas chaves. Eu tinha me esquecido delas.

— Acho que você não está mais assustada, não é?

— Eu não diria tanto — digo, pegando as chaves das mãos dele.

— Bom, pelo menos você não está sozinha. — Ele faz uma pausa, antes de continuar: — A garota com quem traí você

se casou com outro cara da empresa. Duvido que ela tenha contado sobre mim. Não a vejo há anos, mas o marido dela e eu frequentamos os mesmos círculos. Ouço coisas. Eles têm um filho agora. Parece que ela decidiu que a carreira no direito não era para ela. Muita maldade, muita agressividade. Agora ela dirige a escola dominical de uma igreja ou algo assim.

— Parece que ela teria sido perfeita para você.

— Sim, acho que sim.

Ele me olha nos olhos. Sua tristeza está misturada com um pouco de raiva e, talvez, algumas pitadas de arrependimento.

— Escolhi a mulher errada.

Fico parada ao lado do meu carro, vendo-o se afastar, não na direção do clube, mas para algum outro lugar. Nunca saberei para onde. Os pequenos detalhes de sua vida cotidiana agora estão fora de meu alcance. Ele vai se transformar em um estranho.

Talvez já seja.

Viro a cabeça, sem querer vê-lo desaparecer.

CAPÍTULO 13



ACABO DE ABRIR a porta do carro quando o ouço chamar meu nome. Eu me viro e vejo Robert vindo depressa em minha direção.

— Onde ele está? — pergunta ele. Sua voz soa firme, mas percebo uma nota de agressividade.

— Foi embora. Como eu disse na mensagem, acabou.

Ele observa meu rosto, depois se vira para ver se ainda consegue localizar Dave.

— Ele não vai desistir tão fácil.

— Nada disso foi fácil — digo.

— Ele vai falar com Freeland. Ele é mesquinho. Dá para perceber só de olhar para ele.

— “Mesquinho” é a palavra errada — digo, mas não sei qual é a certa. A única palavra em que consigo pensar é *perdido*. — Ele não vai falar com Freeland.

— Por que não?

— Porque ele é como todos nós, movido por interesse. Ele não vai ganhar nada com isso. É melhor apenas desistir.

Robert meneia a cabeça, incapaz de aceitar que um homem possa se conformar tão rapidamente com a derrota. O vento sopra, fazendo as árvores farfalharem acima de nossas cabeças. Folhas caem

sobre as migalhas. Robert olha para baixo e ergue minha mão esquerda.

— Ele pediu o rubi de volta?

— Eu quis devolver.

Noto um lampejo de aprovação, talvez até de alívio.

— Vamos para minha casa. Podemos pedir comida chinesa e conversar. Sei que você quer confiar nele, mas precisamos estar preparados para o que vier.

Uma folha seca cai em meu sapato. A árvore não precisa dela. Tem muitas outras folhas, mais verdes e mais saudáveis, para enfeitar seus galhos. Esta folha está morta. Deve ter morrido no galho, bem antes de se soltar.

Eu me pergunto se a árvore sentirá falta dela mesmo assim.

— Acho que prefiro passar a noite em minha casa — digo.

— Tudo bem. Nunca estive em sua casa...

— Não, Robert, sozinha.

Por um momento, vejo sua confiança vacilar. Ele pensou que a fase em que eu o afastava já tivesse passado. Talvez tenha, mas hoje preciso lamentar um relacionamento que morreu no galho.

Toco seu braço.

— Segunda-feira eu procuro você. Ou você me procura, se preferir. Mas estou cansada, Robert, de muitas formas. Você

tem que me dar alguns dias para eu me recuperar.

Ele acena com a cabeça, concordando.

— Parei o carro no próximo quarteirão. Ande comigo até lá. Quero lhe dar uma coisa.

Faço que sim, e andamos lado a lado. No caminho, ele pega minha mão. Seu polegar acaricia meu dedo anelar, agora nu. Andar de mãos dadas em público me dá uma sensação estranha. Na verdade, ainda parece errado.

Quanto tempo passei fantasiando em ter um relacionamento com este homem? Velejar com ele, escalar as pirâmides maias, fazer amor no chão de um museu...

Em minha mente, Robert e eu somos um casal há algum tempo.

E, no entanto, nunca nos imaginei andando de mãos dadas por uma rua de Los Angeles.

— Asha lhe causou problemas hoje?
— pergunta ele.

— Não, Asha, não. Hoje foi Tom quem me tratou como uma puta.

As palavras me vêm depressa aos lábios, antes que minha mente tenha tempo de filtrá-las, antes que eu me lembre de com quem estou falando.

— Tom... Love? O que ele fez?

Essa é uma história que precisa ser bastante suavizada para os ouvidos de Robert. Não sei bem por quê, mas sinto

que seria melhor se eu parecesse despreocupada. Infelizmente, não consigo reprimir um calafrio ao me lembrar da conversa.

— É só o jeito dele, só isso. Agora que sabe da nossa relação, ele...

Deixo a frase morrer, tentando pensar na melhor maneira de resumir tudo.

— Ele o quê?

— Nada demais — respondo depressa.

— Só vai demorar um pouco para ele entender que minha vida pessoal não é da conta dele. Posso lidar com isso.

Robert aperta minha mão com mais força, mas ele não diz nada. A falta de uma resposta é, provavelmente, a melhor resposta que eu poderia esperar.

Quando chegamos ao estacionamento, eu rio, incrédula.

— Foi aqui que você estacionou seu Alfa Romeo 8C Spider?

O estacionamento é um tanto decadente. Os carros estão parados bem próximos e o vento espalha lixo pelo chão de cascalho; não é nada luxuoso.

— Dei uma gorjeta ao manobrista para ele cuidar do carro para mim — diz Robert, indicando o lado mais distante do estacionamento, onde só há um veículo estacionado.

Tento imaginar quanto terá sido “uma gorjeta” e me pergunto se seria necessário. Existe algo de intimidador em Robert, mesmo quando ele não está

tentando intimidar. Não consigo imaginar alguém se arriscando a estragar seu carro de 300 mil dólares.

Vamos até o carro e Robert abre o pequeno porta-malas. Tira dali algumas camisas e olha para elas, antes de me dar uma.

— Durma com ela até a gente se ver de novo — diz ele.

Ele lança um olhar rápido para o pôr do sol.

— Vista a camisa assim que chegar em casa. Vista só isto, mais nada. Pense em mim.

Pego a camisa e a levo ao nariz. Sinto um leve cheiro do perfume dele. Sorrio,

concordando. Vou dormir com ela, e pensar nele nunca foi um problema.

Ele abre a porta do passageiro e diz que vai me levar de volta a meu carro. Começo a protestar, dizendo que prefiro ir a pé, mas ele insiste, e eu cedo facilmente.

Enquanto ele dá partida, percebo que, quando se trata de Robert, eu cedo facilmente com frequência.

QUANDO ENFIM chego em casa, o lugar parece estranhamente vazio. Moro sozinha desde a faculdade, mas, antes de tudo isso, eu preencheria o espaço com planos e expectativas. Na mesa de centro estão as revistas de viagem que Dave e eu usaríamos para planejar nossas próximas férias. E ali, na estante de vinhos, está a

garrafa de Merlot que eu pretendia levar para a festa de aniversário de um dos colegas de Dave. No segundo andar, há um calendário com cada dia anotado detalhadamente, com almoços e encontros, ao lado de uma lista de clientes em potencial para quem promover a empresa, com os quais conseguir contas e impressionar os sócios.

Ainda tenho todas essas coisas, mas elas não têm mais significado. O que já foi uma pesquisa de viagem agora se reduz a algumas revistas com belas fotos. O que era um presente agora é apenas álcool esperando para ser consumido. O calendário agora é apenas papel cheio de rabiscos inúteis.

Talvez a lista de clientes em potencial ainda seja útil. Afinal, tenho certeza de que estou certa sobre Dave. Ele não vai falar com Freeland. Talvez nunca tenha tido essa intenção. Não acho que ele consiga passar por esse constrangimento, não mais do que eu. Quanto a Asha, ela ficará impotente sem a ajuda de Dave. E, sendo a pessoa maldosa que é, provavelmente vai encontrar alguém mais vulnerável para torturar. Tom vai entrar na linha, com o tempo, depois que perceber que eu tenho tudo sob controle...

... exceto Robert. Ele não está sob controle. E, é claro, não quero controlá-lo, mas sua imprevisibilidade é inquietante. Talvez eu não tenha tempo

para abordar novos clientes. Talvez ele me dê mais tarefas, exigindo cada vez mais tempo e dedicação, para preencher meus dias. Ele poderia me prender com cordas feitas de números e fusões.

Deixo a camisa de Robert no encosto de uma cadeira, na sala de jantar, mas depois a pego de novo. Tenho camisolas mais confortáveis que isto. Mais tarde, quando estiver cansada, vou colocar uma delas. Ele não vai me ver usando a camisa, então não preciso realmente vesti-la.

Vista a camisa assim que chegar em casa. Pense em mim.

Minha mão vai até a echarpe ao redor do pescoço, que eu tiro cuidadosamente e

coloco na mesa... uma mesa não muito diferente daquela na casa de Dave.

Faço isso apenas porque minha casa é quente. Não preciso da echarpe. Também não preciso do blazer. Eu o tiro e o coloco no encosto de outra cadeira.

Pense em mim.

Fui colocada na mesa de Dave como um banquete. Ele passou as mãos por meu corpo, me beijou, me provou...

... assim que chegar em casa. Pense em mim.

Desabotoo a blusa. Estou sozinha aqui. Não tem problema.

Ele apertou meus mamilos, fazendo a pele chamar por ele. Minha mão vai até o sutiã.

Vista só isto, mais nada.

O sutiã cai no chão e ele está ali. Eu o sinto no ar, eu o escuto no silêncio. Seguro a camisa junto ao rosto e inspiro seu perfume, para que todos os meus sentidos se aflorem.

Posso tocá-la com um pensamento.

Será que ele está pensando em mim agora? Será que é isso que estou sentindo? Estou sentindo Robert fantasiando sobre mim, a distância, como um feiticeiro em um conto de fadas? Tiro o cinto, coloco-o sobre o casaco; meus dedos procuram os botões da calça. Ele me guia, me instrui, me impele a ir mais longe.

Vista só isto, mais nada. Pense em mim.

Tiro a calça, depois a calcinha. Aperto a camisa dele nas mãos.

... mesmo quando não estou por perto, estou dentro de você. Posso tocá-la com um pensamento.

Sinto o pulsar entre minhas pernas. Lentamente, relaxo a mão que aperta o tecido de algodão, visto um braço, depois o outro. O tecido é leve e quase provocante em minha pele. Arrepios percorrem meu corpo inteiro. Lá fora, ouço o vento batendo nas janelas, pedindo para entrar.

... mesmo quando não estou por perto, estou dentro de você.

Sinto uma onda de eletricidade, um leve espasmo. Eu me apoio no encosto da cadeira. Minha respiração está irregular. É apenas algodão, um vestígio do perfume dele, os ventos de Santa Ana afastando o nevoeiro e alimentando o fogo.

Pense em mim.

Fecho os olhos e tento recuperar a compostura. Preciso empacotar várias coisas e lamentar muitas perdas. Isto não está certo. É loucura. Ele não está aqui.

Posso tocá-la com um pensamento...

Pense em mim.

Eu me sento na cadeira, toco o tecido. Consigo senti-lo acariciar o lado interno das minhas coxas, beijar meu ombro. Não me toco. Não preciso.

Posso tocá-la com um pensamento.

Os dentes dele mordiscam meu pescoço, as mãos descem por minhas costas. Escorrego na cadeira, afasto as pernas apenas o suficiente. A língua dele move-se rapidamente no meu clitóris, e deixo escapar um gritinho enquanto me contorço na cadeira, passando as mãos pela camisa dele.

Mesmo quando não estou por perto, estou dentro de você.

Sinto Robert me penetrando; meus músculos se contraem enquanto me perco na fantasia. O vento uiva e eu abro a boca, provando a energia no ar. Ele me envolve e me domina.

Pense em mim.

Sinto que estou a ponto de perder o controle. Existe uma vontade em mim que é erótica e, ao mesmo tempo, torturante. Parece impossível chegar ao orgasmo sem a ajuda de minhas mãos, sem a presença física dele. Mas Robert é muito mais que a carne, o sangue e os músculos que formam seu corpo. Ele é uma força, um fenômeno. Ele é poder e emoção, sedução e perigo. Ele lambe meu pescoço, acaricia minhas coxas.

Mesmo quando não estou por perto, estou dentro de você.

O pulsar se intensifica e eu arqueio as costas. A língua dele agora está em meus mamilos, suas mãos estão em meu cabelo

e sua ereção me preenche. Isto está mesmo acontecendo comigo?

Posso tocá-la com um pensamento.

Quando a explosão chega, fecho os olhos e me entrego.

CAPÍTULO 14



O FEITIÇO DESAPARECE LENTAMENTE nos dias seguintes. Robert permanece comigo, em graus mais suaves, enquanto separo a vida de Dave da minha. Coloco os pertences de Dave em caixas, cuidando para que tudo esteja arrumado e bem-dobrado. Deixo as caixas perto da sala de estar, mas não perto da saída. Não quero que pareça que estou empurrando Dave porta afora. Ele pode sair sozinho. Tiro nossas fotos das molduras e as guardo em álbuns que ficarão no fundo de um armário, com

os velhos anuários escolares e esqueletos esquecidos.

Acontece que minha mente não está totalmente envolvida nas tarefas. Eu deveria usar este fim de semana para me despedir, para relembrar tudo, me permitir chorar um pouco e pensar bastante.

Mas não foi o que fiz, e isso me incomoda. E me incomoda ainda mais ter usado a camisa de Robert todas as noites. Assim que Los Angeles se despede do sol, eu a visto. É domingo à noite, e estou com ela. Por quê? Robert não vai me ligar. Não me mandou sequer uma mensagem de texto. Será que ele achou

mesmo que eu ia vestir a camisa, para começo de conversa?

Sim... Sim, é claro. E ele sabe que estou com ela agora. Por isso não ligou nem mandou mensagem. Não precisa.

Então, vou de um cômodo a outro com a camisa de meu amante. Dave, o homem com quem passei os últimos seis anos, desaparece. É como um terremoto fraco que o desperta às cinco da manhã. Você sabe que sentiu alguma coisa, mas não identifica bem o quê, nem se foi real.

Acho que não quero saber o que isso diz sobre mim.

Faço uma refeição leve, tento me distrair vendo um pouco de televisão,

abro a garrafa de Merlot e tento me acostumar com o perfume de Robert.

São quase dez da noite quando meu celular toca. Algo me diz que não é Robert, mesmo antes de eu olhar para a tela. Me surpreendo ao ver o nome de Tom Love.

Dez horas da noite de um domingo não é um horário apropriado para receber uma ligação dele. Meus olhos percorrem a sala, como se eu procurasse uma arma que funcione pelo telefone. Demoro, mas, por fim, atendo no último toque.

— O que foi? — digo, em vez de “alô”.

Considerando quanto estou brava com ele, poderia ter sido muito pior.

— Relaxe.

A voz dele soa indiferente, mas não detecto o tom presunçoso de sexta-feira.

— Estou ligando para me desculpar.

— Eu deveria fazer você ser despedido por assédio sexual.

— Provavelmente. Olhe, nem sempre eu me expesso bem. A ambição me faz subir na vida, mas também pode me deixar confuso. Fico tão concentrado no futuro que nem penso no que estou dizendo na hora.

Eu me mexo levemente no sofá, controlo minha língua e espero que ele termine o que quer dizer. Trabalho com Tom há tempo suficiente para saber que,

se está pedindo desculpas, é porque tem algo a ganhar com isso.

— Foi errado eu pedir para você continuar seu caso com o sr. Dade pelo bem da empresa. E foi ridículo sugerir que você deveria fazer isso por mim. Sei que nunca poderia pressionar você a dormir com alguém que não quisesse e, mesmo que pudesse, não faria isso.

— Isso é conversa fiada sua.

De novo, um riso desanimado.

— Acho que mereço isso. Mas sinto muito por ter falado com você daquele jeito. Esse tipo de conversa só é apropriado em vestiários de clubes e boates de striptease. Eu sei bem, porque já passei muito tempo em ambos.

Suspiro e pego o controle remoto, passando lentamente por canais de notícias, assistindo, sem muito interesse, ao hábil revezamento de tragédias e entretenimento. Pessoas morrem no Oriente Médio e um príncipe europeu quer fazer uma festa de Halloween, ao estilo norte-americano, para a família real. Um homem em Nova York mata a esposa e os filhos, e Kim Kardashian recebe um cachê de 600 mil dólares para comparecer a algum lugar. Os âncoras passam de uma história para outra praticamente sem pausa, seus sorrisos e rostos sérios aparecendo e desaparecendo com a rapidez dos pisca-piscas de árvores de Natal.

— Mas eu queria que você levasse algo em consideração.

Tom continua, ainda ocupando minha atenção. Ele já está falando há algum tempo, tentando várias formas de pedir desculpas, mas nada do que disse é remotamente mais interessante quanto a manicure de 500 dólares de Kim.

— E o que é? — pergunto, com um suspiro.

— Não mantenha seu relacionamento por causa da empresa, mas também não termine por orgulho. Você gosta dele, Kasie. Se não gostasse, não teria arriscado tanto para ficarem juntos.

— Cuidei do Dave — digo friamente.
— Como disse que faria.

— Então ele não vai correr para Freeland, chorando porque a namorada o traiu com o grande e mau sr. Dade? Muito bem! Eu subestimei você.

— Mais uma coisa pela qual você deveria pedir desculpas.

Tomo um gole do vinho. Um jovem âncora está contando histórias verídicas sobre o perigo que estranhos representam para crianças.

— Tem razão, tem razão — diz Tom. — Sinto muito. Mas isso não muda o que estou dizendo. Ninguém está obrigando você a fazer nada, mas não jogue fora uma relação só para provar um argumento.

— Você está fazendo de novo — digo.

— Fazendo o quê?

— Está me subestimando. Acha mesmo que eu não percebo? Você está mudando as palavras, não a mensagem. Quer que eu continue com Robert Dade porque isso beneficia você. Meus sentimentos não lhe interessam nem um pouco.

— Bom, isso não é justo. Pelo menos, não totalmente justo. Quero que você aproveite seu romance porque gosto de você. Minhas desculpas e meu conselho são tão legítimos quanto suas acusações e sua raiva. Mas, em algum momento, você vai ter que aceitar que nós temos uma relação simbiótica. Se eu aconselho você a seguir seu coração e você *me escuta*, todos ganham. Sim, minhas motivações são egoístas, mas isso não muda nada.

Isso deve ser o mais politicamente correto que Tom consegue ser. Mas o mais importante nisso tudo é o fato de que ele tentou.

— Você quer mesmo mais contas da Maned Wolf, não é?

— Nossa, você é rápida.

Rio a contragosto.

— Não quero mais ouvir sobre aquela noite e o que você viu... Não quero falar sobre aquele vestido... — Ruborizo, o maxilar travado, irritada com meu próprio constrangimento. — Nunca mais mencione aquilo, está bem? — consigo dizer, por fim.

— Nunca mais — diz ele depressa. — Prometo.

Queria poder fazer Tom prometer que nunca mais vai pensar naquilo. Posso pedir para ele dizer que não vai pensar, mas estou cansada de mentiras e falsas promessas. Sei que Tom relembrou aquele momento mil vezes. Sei que, em suas fantasias, ele não foi tão honrado. Sei que, quando olha para mim agora, aquela imagem surge em sua mente. A humilhação pinica minha pele, faz com que eu me contorça um pouco, mas pelo menos é real. E, pela primeira vez na vida, posso admitir o que estou sentindo, em vez de negar e fingir superioridade.

— Não terminei com o sr. Dade. Nem planejo fazer isso.

— Você me avisa se e quando pensar nisso? Só para eu poder me preparar e preparar a empresa?

— Prometo — digo, imitando a palavra e o tom dele.

Quase posso ouvir o sorriso de Tom.

— Você é um tesouro, Kasie.

— Tchau, Tom.

Desligo.

Na televisão, crianças estão sendo testadas. O jornalista diz que esses testes provam que até mesmo a criança mais responsável vai aceitar o convite de um estranho, se o incentivo for forte e a mentira, bem-contada. Crianças são impulsivas, diz o jornalista. E quando são abordadas por um adulto simpático e

bem-vestido, que fala com autoridade, elas cedem. Esquecem o que lhes ensinaram, esquecem os avisos e vão atrás do estranho.

Olho para a camisa que estou usando como camisola e me sinto uma criança.

CAPÍTULO 15



A NOITE É LONGA. Por volta das onze, vou dormir, agitada. Meus sonhos são confusos e inquietantes.

Em um deles, estou no assento traseiro de uma limusine, com Dave a meu lado. Só que ele é um fantasma e só consigo ver seu contorno.

— Eu matei você? — pergunto, enquanto a limusine faz uma curva abrupta, depois outra.

Ele apenas sorri com os lábios transparentes.

— Existe muito medo neste mundo — diz ele, rindo.

Só que não é o riso dele; ele fala com a voz de minha irmã. Em pânico, tento sair do carro, deslizo para o outro lado da limusine e tento abrir as portas, mas estão trancadas.

— Bobinha.

A voz dela murmura em meu ouvido, sem que Dave tenha se mexido.

— Não é de mim que você tem que ter medo! Seria como ter medo de si mesma!

— Eu não sou nem um pouco parecida com você — digo a ela, a Dave, a qualquer um que queira ouvir.

— É mesmo? — provoca a voz. — Diga isso ao sr. Dade.

Os sonhos continuam, seguindo essa mesma tônica. Pesadelos e fantasmas, batalhas contra adversários invisíveis. Acordo algumas vezes, enrolada nos lençóis, como se estivesse lutando contra a cama. Só depois das duas da manhã é que minha mente consegue, por fim, se libertar dessas imagens assustadoras e me permite cair em um sono regular e profundo.

Quando acordo de novo, é ao som de música clássica. Meu despertador, é claro. Acho mais fácil começar o dia com o lento crescendo de uma sonata do que com o grito súbito de uma guitarra. Continuo de olhos fechados e me deixo levar pela música. É uma composição

barroca, de um mestre do século XVIII, Tomaso Albinoni, um de meus preferidos. O som é baixo e sedutor, libertino a ponto de ser pecaminoso. Tomo consciência da sensação da camisa de Robert em minha pele e solto uma exclamação abafada de prazer, por entre lábios fechados. Inspiro profundamente pelo nariz...

... e sinto cheiro de café.

Lentamente, quase com medo, abro os olhos. Na mesa de cabeceira, ao lado do despertador, há uma xícara de café fumegante.

E há outra xícara, na poltrona cinza-carvão do meu quarto, entre as mãos de Robert Dade.

Não me mexo, não me sento, não digo nada. Penso nos sonhos e pesadelos que tive há poucas horas. Isto não parece um sonho, mas não faz sentido ele estar aqui, segurando uma de minhas xícaras de cerâmica, cheia de café.

— Sabia que ele era veneziano? — diz ele, fazendo um gesto na direção de meu rádio-relógio.

— O quê?

— Albinoni. Ele era veneziano. Parece apropriado, considerando onde nos conhecemos.

Puxo os lençóis até o queixo.

— Como você entrou aqui?

— Como você deve lembrar, sei abrir uma fechadura.

— Eu tenho sistema de segurança.

— Eu sei. Foi minha empresa que fez.

— Robert, você não pode...

— Lembra que você me disse que eu podia procurá-la em alguns dias? Já se passaram alguns dias.

Volto os olhos para o relógio.

— É verdade — concordo. — Mas também são 7h15 da manhã.

Ele suspira e toma um gole do café.

— Sabe como foi difícil, para mim, ficar longe esse fim de semana? Sabendo que ele ainda tem a chave deste lugar? Sabendo que ele poderia vir aqui e tentar se vingar a qualquer momento?

A música agora tem um tom de anseio. A melodia me acalma.

— Dave não é maluco. Estava magoado. Só isso. Ele quis devolver um pouco da dor que causei, mas agora está superando o término.

Robert analisa o café, inclinando a xícara como um sommelier inclinaria um copo de vinho, procurando sinais da idade e do corpo.

— Colocar você naquele vestido — diz ele —, exibindo você na frente de Love, como se fosse um brinquedo ou uma prostituta... Talvez ele não seja maluco, mas isso indica que ele é... um tanto diabólico.

Ele desvia os olhos do café e me encara.

— Você acha que sabe do que ele é capaz. Você não sabe.

Resmungo e olho para o teto de cor creme. Está muito cedo; não estou pensando direito. Mas me parece irônico ele invadir minha casa para me alertar sobre o que Dave pode fazer.

— As coisas dele estão naquelas caixas lá embaixo?

Faço que sim com a cabeça.

— Quando ele vem buscá-las?

— Hoje, no final da tarde. — Viro-me de lado, sorrindo para ele de modo tranquilizador. — Não vou estar aqui.

Robert faz um aceno de aprovação, vai até a cama, coloca sua xícara de café ao lado da minha.

— Você não vai mais se encontrar com ele sozinha. Não é seguro. Se precisar se encontrar com ele, ligue primeiro para mim.

— Você não tem o direito de me dizer como lidar com isso.

— Não? — Ele inclina a cabeça. — Você arriscaria seu bem-estar apenas para ser rebelde? Por que será que eu não acredito nisso?

Há um tom de zombaria gentil na voz dele. Mordo o lábio. Eu deveria expulsá-lo. Nesta manhã, ele é um criminoso. Meu anjo está exasperado. Mas meu demônio tem tendências hollywoodianas e vê glória no crime.

Talvez *eu* tenha algo de diabólica.

— Talvez você devesse tirar o dia de folga — sugere ele. — Trabalhe em minha casa. Dê a Love mais um dia para reavaliar o próprio comportamento.

— Não, preciso ir ao trabalho. Não deixo meus problemas pessoais atrapalharem minhas responsabilidades profissionais.

Robert não diz nada. Em vez disso, puxa o lençol, e seus olhos pousam na camisa dele, que cobre meu corpo.

— Você fez o que eu pedi.

De todas as coisas que ele disse e fez esta manhã, essa frase é, de longe, a mais provocante. E, no entanto, estranhamente, me excita tanto quanto me assusta. Essa combinação de emoções é preocupante.

Ele precisa sair de meu quarto. Preciso tomar meu café, me recompor, encontrar o bom senso para castigá-lo por esse comportamento autoritário.

Não me mexo. Meu pedido por privacidade morre antes mesmo de chegar à boca. Em vez disso, espero seu próximo movimento, sabendo, lá no fundo, que, se ele pedir, vou querer entregar o que ele deseja.

É aí que mora o perigo.

Com uma mão firme e gentil, ele me faz deitar de costas novamente.

— Pode ir trabalhar hoje, se é o que realmente quer. Mas você vai se atrasar.

— Não posso...

Ele põe um dedo em meus lábios.

— Pode falar depois. Agora, você precisa desabotoar a camisa. Mostre-se para mim.

É um jogo de poder. Meu orgulho grita, e eu quase me recuso.

Mas não faço isso.

Algo no modo como ele me olha, algo no tom de sua voz... Meus dedos lutam com os botões da camisa. Com Dave teria sido muito fácil recusar, mas com Robert... é diferente.

A camisa agora está desabotoada, mas ainda me cobrindo. Uma estreita faixa de pele é revelada entre meus seios.

Ele se inclina e puxa suavemente o tecido até meus ombros, deixando-o aberto ao lado de meu corpo, como as

asas de uma mariposa. Ele endireita a postura e fica sobre mim, analisando as nuances de meu corpo. Minha respiração está irregular, e desvio os olhos dele. Eu não deveria querer isto. Eu não deveria querer obedecer às ordens de um homem. Não depois do que passei com Dave.

E, no entanto...

— Abra as pernas, Kasie.

Fecho os olhos.

— Tenho que ir trabalhar — sussurro.

— Mais tarde. Abra as pernas.

Será que é porque eu sei como é ter esse homem dentro de mim? Será que sou como qualquer viciado, disposto a se humilhar por mais uma dose? Ou será que existe parte de mim que realmente não

está pronta para enfrentar o dia? Será que estou sendo convenientemente subserviente, apenas para justificar esta pequena procrastinação?

Será que isso importa?

Lentamente, abro as pernas. Espero que ele me toque, mas Robert não faz isso. Ele dá a volta na cama, parecendo um lobo.

— Você quer lidar com as coisas do seu jeito — diz Robert, seus olhos subindo e descendo pelo meu corpo com um apetite descarado. — Respeito isso. Vou permitir que seja assim.

Permitir... Abro a boca para argumentar, porém, mais uma vez, ele se inclina e encosta um dedo em meus lábios.

— Como eu disse, você pode falar depois. Mas, neste momento, quero que escute. E você vai fazer o que eu quero, não vai, Kasie?

Meu coração está batendo tão forte que me pergunto se ele consegue ouvir. Ele retira o dedo e eu continuo em silêncio.

Novamente, seus olhos percorrem meu corpo, acariciando minhas coxas e parando ali, bem no meio de minhas pernas.

— Está molhada, Kasie?

Não respondo, em parte porque não sei se ele quer que eu fale, em parte porque estou constrangida de admitir que sim, estou.

— Kasie, se toque — ordena ele.

Seu tom não deixa espaço para negociação.

— Toque entre suas pernas, me diga se você está molhada.

Minha mão se agita ao lado do corpo, quase como se estivesse lutando contra si mesma, mas minha vontade de ceder é incontrollável. Com uma estranha mistura de relutância e expectativa, coloco a mão no meio das pernas. Meus dedos deslizam por meu clitóris, e eu espasmo, surpresa com minha própria sensibilidade. Mas sei que ele quer mais. Coloco um dedo dentro de mim enquanto ele assiste.

— Sim — digo, calma e quase docilmente —, estou molhada.

Ele assente, satisfeito com minha resposta. Estica o braço e guia delicadamente o movimento de minha mão.

— Use dois dedos — diz ele; sua voz é mais gentil agora, mas o tom autoritário ainda é muito claro —, e use o polegar para esfregar o clitóris. Quando eu disser para você se masturbar, é assim que quero que faça, a não ser que eu diga para fazer de outro jeito.

E, quando ele afasta a mão, sigo suas instruções. Meus dedos mergulham em mim mesma enquanto me estimulo ainda mais com o polegar.

— Como eu estava dizendo antes — diz ele, seus olhos fixos em mim, enquanto

começo a me contorcer nos lençóis —, vou *permitir*.

Ele enfatiza a palavra. Sabe que vai me irritar, mas eu acho que não tenho a menor capacidade de desafiá-lo. Tento me concentrar, mas minha mente está enevoada de confusão e êxtase. Por que estou fazendo isto para ele? Por que isso me estimula?

— Porém — continua Robert, com a voz ainda calma —, se ele tentar machucar você, se tentar encostar em você, eu vou interferir. Vou cuidar dele do jeito que eu quiser. Se existirem limites, vou ultrapassá-los. Vou proteger você. Você não vai me impedir de fazer isso.

Estou chegando perigosamente perto de um orgasmo, e, por algum motivo, a ideia de gozar na frente dele, enquanto ele ainda está completamente vestido, tão calmo e dominante, intensifica minha agitação. Desvio os olhos, mas ele segura meu queixo e vira meu rosto em sua direção.

— Está me entendendo, Kasie?

Faço que sim, mas não é o bastante.

— Preciso de mais que um aceno. Não, não goze ainda — diz ele quando arqueio as costas, perdendo o pouco controle que tenho. — Preciso que me responda primeiro. Diga que você entende.

— Eu entendo — gemo.

— E não vai tentar me impedir.

— Não vou tentar impedir você —
repito.

É tudo o que consigo fazer.

— Que bom.

Ele se senta na cama e observa o movimento de minha mão com um interesse quase acadêmico.

— Você está perto de gozar, Kasie?

— Ai, meu Deus!

— Isso não é uma resposta. Está perto?

Tento desviar os olhos de novo, porém, mais uma vez, seus dedos seguram meu queixo.

— Responda.

— Estou muito... muito perto...

Minha voz desaparece. Sinto o orgasmo quase explodindo pelo meu

corpo, mas então Robert segura minha mão, firme, mas delicadamente, interrompendo meus movimentos, e a afasta de meu corpo.

— Ainda não — diz ele.

Meus olhos se arregalam de surpresa. O choque de ter o orgasmo negado quando estava tão perto é forte demais. De repente, não me importo com as consequências da minha submissão. Não me importo nem de ter resistido quando Robert decidiu me comandar. Certamente não me importo de chegar atrasada ao trabalho. Preciso da satisfação que meus dedos prometeram. Tento voltar a mão para o meio de minhas coxas, mas ele a segura com força.

— Por favor — peço, ofegante.

— Por favor o quê, Kasie?

Enrubesco de frustração e de desejo incontrolável.

— Por favor, me deixe gozar.

Ele sorri e beija minha testa, com um ar protetor.

— Não se mexa. Você não tem permissão para se tocar, não agora. Apenas espere.

Ele fica de pé e, novamente por razões que não entendo, obedeço, apesar de meu desespero crescente.

Lentamente, ele tira a camisa, depois a calça. Eu o observo enquanto me esforço para permanecer parada. Meu corpo queima.

Finalmente, ele expõe sua ereção. Estou desesperada para que me penetre, mas, em vez disso, Robert me puxa, e eu fico sentada sobre os calcanhares. Ele afasta meus joelhos o suficiente para me ver por inteiro, depois acaricia meu cabelo.

— Sei o que você quer. Você quer que eu a possua nesta cama. Está desesperada para gozar. Mas você vai me chupar primeiro, Kasie. Entendeu?

Concordo mais uma vez, e ele sorri antes de puxar levemente minha cabeça em direção a ele. Eu o envolvo com os lábios, minha mão desliza pela base do pau dele enquanto minha língua encontra as veias e ranhuras, brincando com a

ponta antes de colocá-lo inteiramente na boca. Ouço-o gemer, e o som me incentiva, me energiza. Eu vou e volto, preparando-o, esperando que meu desempenho seja recompensado com algo ainda melhor.

Ele geme mais uma vez, depois afasta rapidamente minha cabeça.

— Agora — diz ele.

Então me empurra de volta na cama e, em um instante, me dá o que mais desejo. Ele está dentro de mim, atendendo aos pedidos de meu corpo por libertação. Meu orgasmo chega rapidamente, percorrendo meu corpo como um tornado, fazendo o quarto girar e meu mundo ceder. Ele continua se movendo dentro de mim,

metendo, mordendo meu pescoço. Tento abraçá-lo, mas Robert segura meus braços, sua força é insuperável.

— Ninguém vai tocar em você — diz ele, tão baixo que tenho que me esforçar para ouvir. — Ninguém além de mim.

Ele dá mais uma estocada e eu grito. Robert me domina, me possui enquanto me contorço debaixo dele.

Sim, esse é um homem perigoso. Perigoso porque seu poder vem do meu próprio desejo, e aumenta com o tempo e a familiaridade. Posso lutar contra Dave, posso lutar contra Asha.

Mas contra Robert Dade?

Olho em seus olhos. Será que ele consegue ler meus pensamentos? Seu

sorriso tranquilo e astuto sugere que sim. Passo as pernas ao redor da cintura dele; sua boca se aproxima da minha orelha.

— Kasie — diz ele, ofegante.

Ele sai de mim, me vira de bruços e me penetra de novo. Grito mais uma vez, meus seios apertados contra o colchão firme. Seguro as barras de madeira da cabeceira, como um prisioneiro tentando se libertar.

A boca de Robert volta à minha orelha enquanto ele dá estocadas dentro de mim, repetidamente.

— Ninguém além de mim — afirma ele de novo, com a voz rouca, lutando para manter o controle por mais um momento.

Mas, quando empino o quadril contra o corpo dele, sei que seu controle está quase no fim.

— Agora — geme Robert, e gozamos juntos.

A sensação é tão intensa e primitiva que parece quase perigosa.

Sinto o peso de seu peito sobre mim, quando ele finalmente relaxa. Fecho os olhos e tento voltar à Terra.

Talvez na casa de Dave eu estivesse mais segura.

CAPÍTULO 16



ESTOU QUASE UMA hora atrasada quando chego ao escritório. Barbara me olha surpresa quando passo por ela. Esqueci de ligar para avisar que ia chegar mais tarde, o que nunca fiz antes. Mas está tudo bem. Estou recomposta agora. Os acontecimentos hipnóticos da manhã já passaram. No momento em que nos separamos, a voz de Robert tinha voltado a seu tom normal, baixo e casualmente confiante.

Mas, enquanto estou à minha mesa, examinando e-mails que chegaram, uma

irritante sensação de preocupação me distrai. Eu me perdi hoje mais cedo. Eu me entreguei a ele, meu corpo e minha vontade... O anjo em meu ombro, há tempos negligenciado e ignorado, eleva a voz, me incita a fugir. Pede que eu o escute, apenas desta vez.

Mas não posso fugir de Robert. Agora não, ainda não. Tom tinha razão: não tem a ver com o que eu quero. Obviamente, meu relacionamento beneficia a empresa, minha carreira e assim por diante, mas, no que me diz respeito, nada disso é o que importa. Não posso fugir de Robert porque não quero. Simplesmente não tenho a força de vontade necessária para fazer minhas pernas se moverem.

Tom invade minha sala com sua falta de consideração típica. Barbara vem atrás dele; ela dá de ombros e sorri antes de fechar a porta para nos dar privacidade.

— Tom, me desculpe por não ter ligado para avisar que ia me atrasar. Eu...
— Algo me interrompe.

O brilho do suor na testa dele, o rubor em seu rosto e a rigidez de seu maxilar são indícios ruins.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto.

— Minhas desculpas não foram o bastante? — reclama ele.

Nunca ouvi sua voz tão aguda. Soa fina, sem artifícios; indica um oceano de

fúria que ameaça submergir todo o edifício.

— Não fui sincero o bastante?

Balanço a cabeça, sem entender.

— Fui longe demais na sexta-feira à noite, sei disso. Mas eu pedi desculpas!

— Sim, pediu — concordo, depois ergo as mãos, em um sinal de confusão. — Desculpe, Tom, ainda não estou entendendo. O que está havendo? Por que você está tão alterado?

— Ele acabou com tudo.

— Acabou com o quê?

— TUDO!

O grito é tão alto que Barbara volta correndo, como se esperasse separar uma briga. Mas quando vê o rosto de Tom,

quando vê sua dor, ela recua e fecha a porta novamente.

Queria que ela tivesse ficado. Diante de mim está um homem tão arrasado que não seria implausível se ele me dissesse que alguém invadiu sua casa e matou seus filhos, estuprou sua esposa e roubou tudo o que havia de valor.

Mas Tom não tem filhos, nem esposa, e seus bens estão no seguro.

Pelo que sei, a única coisa que Tom tem, a única coisa com a qual ele realmente *se importa*, é o emprego.

Eu me recosto na cadeira. O ar parece ter um aroma sulfuroso de mau presságio.

— O que aconteceu? — pergunto de novo.

Eu sei. Sei que Tom vai embora da empresa ainda hoje, com os restos de sua carreira guardados em uma pequena caixa. Sei que seu coração foi partido com a mesma insensibilidade que usamos para analisar os números de uma divisão sob ameaça de liquidação.

E sei quem é o responsável.

Enquanto Tom deixa que o silêncio fale por ele, eu mudo de posição. Tom sempre evocou em mim uma estranha mistura de escárnio e respeito. E na sexta-feira ele não passou um pouco do limite. Ele acabou com qualquer limite. Se eu não tivesse medo de prejudicar minha própria reputação, poderia processá-lo.

Mas essa é a questão. Nunca pretendi processá-lo. Eu estava pronta para aceitar seu pedido de desculpas, por mais interesseiro que tenha sido. Estava disposta a lidar com ele, um dia de cada vez. Queria ver se faríamos tudo funcionar. Não tentar seria ruim, e não apenas para Tom. Seria ruim para mim.

— Qual o motivo? — pergunto em voz baixa. — Eles precisam de um motivo, não é?

— A queixa de um cliente — sibila ele. — Parece que fiz alguns comentários inapropriados a algumas das mulheres que trabalham na Maned Wolf. Mulheres com quem tenho certeza de que nunca falei na vida, mas todas estão dispostas a assinar

declarações judiciais afirmando que sim. E tem outras empresas, nossas clientes, empresas menores que de repente lembraram que eu também agi de jeito impróprio com suas funcionárias.

Ele olha fixamente para mim, esperando uma resposta. Minha boca se abre, mas não sai qualquer som.

— É uma piada, é claro — diz ele, então desvia os olhos, vira o rosto para a parede e levanta o punho. — É... UMA... *PIADA!*

A cada palavra ele dá um soco na parede. Quase posso ver Barbara do outro lado da porta, se perguntando se deve entrar de novo.

Ele continua encarando a parede.

— É uma piada — repete Tom, mais baixo desta vez. — Nunca assediei uma mulher em toda minha carreira profissional.

— Bem...

Tom se vira lentamente e sorri para mim.

— Você?

Ele chega um pouco mais perto.

— Eu fiz alguns comentários rudes no dia seguinte à noite em que você me mostrou sua boceta.

Congelo; minhas unhas arranham a mesa.

— Eu não mostrei...

— Diz uma coisa para mim: se eu não tivesse trancado Dave fora de casa, se eu

tivesse aceitado o convite para jantar, você teria me servido? Teria colocado vinho para mim, usando um vestido do tamanho de um guardanapo? Você teria se sentado a meu lado, sem calcinha, sabendo quanto a saia ia subir assim que você encostasse na cadeira, sabendo que eu estaria olhando para você, *literalmente* seminua, a noite toda? Teria deixado Dave humilhar você na minha frente, realizar sua fantasiuzinha de vingança?

Agora sou eu quem fico vermelha. A humilhação daquela noite me atravessa como a dor de um machucado que foi ferido de novo.

— Não precisa...

— Porque foi isso que me pareceu — continua Tom, me interrompendo. — Você se sentia acuada. Sentia que não tinha escolha. Mas eu lhe *dei* uma escolha. Aquela bunda que seu noivo queria tanto exhibir? Eu salvei! Eu fui embora! Eu liguei para o sr. Dade! Não sou o bandido dessa história, então por que você soltou seu cão de guarda para cima de mim, porra? Porque eu disse coisas que você não queria ouvir?

— Eu não *soltei* ninguém em cima de você — digo entre dentes. Eu me levanto, lentamente. — Sou grata por você não ter sido um babaca quando Dave tentou usá-lo como arma contra mim. Sou grata por você ter ligado para o sr. Dade. Nada

disso lhe dá o direito de me tratar como você me tratou na sexta-feira, mas, apesar de tudo isso, não fiz você ser demitido.

— Você espera que eu...

— Não me interessa no que você acredita! — retruco, sem permitir que ele conclua a frase. — Comentei com meu amante sobre meu dia de trabalho. Só isso. Ponto final. Tenho o direito de fazer isso! Tudo que fiz desde a última vez que vi você, eu tinha o direito de fazer!

— Pode dizer a mesma coisa dele? Você acredita, sinceramente, que ele tinha o direito de fazer isso?

Ele faz a pergunta em um tom veemente, mas, depois de pronunciada,

ela se ergue como uma espada acima de minha cabeça.

Tom também parece vê-la, o que o acalma. Parece satisfeito por ter me abalado. Mas com a calma vem uma nova melancolia. Vejo seus ombros caírem e o rubor desaparecer do rosto. E, de repente, Tom parece velho. Pelo menos dez anos mais velho do que parecia na sexta-feira, quando, risonha e involuntariamente, selou seu destino.

Ele solta o ar ruidosamente. É um som desesperado e pesaroso.

Quando se vira para ir embora, parece vazio. Depois de tanto drama inesperado, ele sai de minha sala com o silêncio e o peso de um fantasma.

Tom sempre foi mais um aliado problemático do que um inimigo. Como a China ou a Arábia Saudita. Não gosto desses governos, mas reconheço o valor dos países. Como diria Tom, reconheço a relação simbiótica.

E se isto é uma guerra... se foi uma guerra, em algum momento, então Robert é um mercenário. Ele luta segundo as próprias regras, não as regras de um soldado honrado, mas luta por mim. Eu o paguei... com qual moeda? Sexo? Afeto? Será que o paguei com o controle de minha própria vida?

Fico em pé de novo; minhas pernas estão trêmulas, mas consigo pegar a bolsa e sair da sala.

— Vou tirar o resto do dia de folga — digo para Barbara.

— Ah, eu sei — diz Barbara, sorrindo para mim. — O sr. Dade já ligou para avisar que você ia sair. Disse que encontra você na casa dele. Eu ia passar a ligação, mas você parecia estar... ocupada.

Eu a olho fixamente, certa de ter entendido errado. Depois de um instante, ela se inclina para a frente e sussurra, em tom de conspiração: — Eu não fazia ideia! Ele é tão sexy, Kasie!

Fico tensa, minha garganta se fecha, então respondo apenas com um aceno de cabeça, antes de me virar e sair dali.

A caminho do elevador, encontro Asha. Ela para e sorri fracamente, um sorriso entre admirado e ressentido.

— Fiquei sabendo que você vai ser promovida para o cargo de Tom — diz ela.

Congelo. Tudo assume um tom surreal. As sombras delineadas pela lâmpada assumem a forma de espectros e fantasmas.

— Estou impressionada — continua ela. — Você conseguiu. Venceu.

Ela me faz um relutante aceno de deferência.

— Ao vencedor, os despojos.

O vencedor faz as regras.

— Tenho que ir.

Passo por ela antes que possa dizer mais alguma coisa. O elevador me deixa enjoada. Sei que não estou em condições de dirigir, mas entro no carro mesmo assim. Eu me mantenho abaixo do limite de velocidade, na esperança de ganhar tempo para pensar. Mas não ajuda. Minha cabeça está cheia de raiva, confusão, medo... Medo de quê?

Mas a resposta é fácil. Eu temo meu protetor.

Quando chego à casa de Robert, o portão está aberto. Entro na garagem, tiro a chave da ignição e caminho atentamente pelo jardim murado, entrando na casa. Nada em meu caminho está trancado. Tudo se abre com um toque.

Eu o encontro sentado na sala, lendo algum relatório. Ele olha para mim e sorri.

— De nada — diz ele, antes de voltar sua atenção para os papéis em sua mão.

Balanço a cabeça.

— Você acha que estou aqui para agradecer?

— Por que não? Cuidei de Tom para você. Se Dave for um problema...

— Ele não vai ser.

— Mas se for — continua Robert —, vou cuidar dele também.

Há um quadro atrás dele. Já o admirei antes. É uma imagem abstrata, de dois amantes rodeados por uma mistura caótica de formas coloridas e difusas, que

parecem impotentes em seus esforços para separá-los. Quando vi o quadro pela primeira vez, pensei que fosse um testemunho do poder do amor.

Agora, me pergunto se não é um testemunho do poder, apenas.

— Não é assim que eu faço as coisas — digo. — Não vivo em um mundo onde não há problema em destruir aqueles que cruzam meu caminho.

— acredite em mim, você vai se acostumar com isso.

— Estou terminando com você.

Finalmente ele abaixa os papéis, se levanta e se aproxima de mim. Estamos a uns 30 centímetros de distância agora. Não quero reagir a ele, mas meu corpo

não coopera. É quase um reflexo pavloviano. Ele se aproxima e meu coração acelera, minha respiração fica mais superficial e um leve latejar surge entre minhas pernas.

Viro a cabeça para outro lado, constrangida pela traição de meu corpo, sabendo que ele também percebeu.

— Você já me disse isso mil vezes — diz ele calmamente. — Nunca conseguiu, Kasie. Você tentou, mas não conseguiu terminar. Às vezes você pensou que deveria, mas não terminou. Eu disse que queria ficar com você, quando fosse verdadeiramente minha. Agora você é.

— Não — digo debilmente, tentando encontrar força na repetição. — Não é

assim que eu faço as coisas.

Ele segura meu queixo e vira meu rosto para si, como fez hoje de manhã. E me olha nos olhos.

— Está tudo bem — diz ele. — Eu moldei nosso mundo.

Um soluço escapa de meus lábios. Eu me viro e corro para a porta.

Mas mesmo enquanto chego à garagem, entro em meu carro e saio depressa pelo portão, sei que não posso deixá-lo.

Mesmo quando não estou por perto, estou dentro de você. Posso tocá-la com um pensamento.

Estou com problemas.